

Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23231

DIRECTOR MÁRIO MESQUITA DIRECTORA ADJUNTA DIANA ANDRINGA

QUARTA-FEIRA 2 MAIO 90 60\$00

Polícia mata ladrão a tiro de G.3

Um indivíduo foi, na tarde de ontem, morto a tiro pela brigada especial da Divisão de Trânsito, na sequência de uma perseguição de automóvel nos Olivais (Lisboa), disse fonte policial. A vítima, Rui Paulo Martins de Oliveira, de 24 anos, foi apontada como um toxicodependente com cadastro por furto.

A polícia fora alertada para o facto de dois indivíduos, utilizando um Fiat Tipo, estarem a assaltar mulheres no referido bairro. O automóvel foi localizado pelas autoridades. Durante a perseguição, o condutor da viatura parou para deixar fugir o acompanhante. Arrancou de novo e, guiando deitado, evitou ser atingido por um primeiro tiro feito à figura. Outro disparo de G-3, contudo, acertou-lhe na cabeça, causando-lhe morte imediata.



Sampaio vence teste dos 100 dias

Cem dias após a posse como presidente da Câmara, Jorge Sampaio passa no teste, a avaliar pelos depoimentos recolhidos pelo DL, favoráveis mesmo por parte da oposição que, criticando-o, não enjeita elogiá-lo.

No entanto, Sampaio não parece ser ainda suficientemente forte para libertar Lisboa do le-

gado Abecasis. Ontem, o presidente da Câmara entregou os Prémios Municipais e alertou para a necessidade de multiplicar investimentos na área cultural, pensando já em 1994, quando Lisboa for a Capital Europeia da Cultura. Curiosamente, hoje (em entrevista ao DL), Stockhausen fala de Lisboa também... para dizer que,

por cá, anúncios de chocolate se misturam com ideias de Gropius e coisas de Fernand Léger, tudo num molho de estilos. Talvez por isto, Sampaio avise que em 1994 Lisboa tenha que estar culturalmente transfigurada. Para diferente e para melhor...

Págs. 2, 3, 21 e 22

1.º de Maio sob o signo da mudança

As comemorações do Dia do Trabalhador reflectiram, este ano, as mudanças que se vivem desde há meses em todo o Mundo, com particular incidência na Europa. Em algumas capitais do antigo bloco de Leste realizaram-se duas manifestações rivais, tendo, uma delas, efectuada em Moscovo, enervado sobremaneira Gorbachev.

O presidente soviético, contudo, não interveio e, traduzindo o sentido das mudanças em curso, deixou os manifestantes prosseguirem o seu protesto. Em Berlim, manifestantes de um e de outro lado da cidade comemoraram a data em conjunto.

Em Portugal, Torres Couto e Carvalho da Silva falaram, pela primeira vez, na possibilidade, embora a longo prazo, de união das duas centrais sindicais.

Págs. 16, 17 e 18



Em Berlim, pela primeira vez em quarenta e quatro anos, o 1.º de Maio juntou manifestantes da RFA e da RDA

roadstar
AUTO-HIFI

Som Digital em
altifalantes auto



ofic.

SS-

est.

com

pete

conc

Representante em Portugal:

SOC. DE REP.

SANTOS, GUIMARÃES & OLIVEIRA S.A.

Porto ☎ 9515003 • Lisboa ☎ 777824

África Austral: a hora do diálogo

As perspectivas de paz na África Austral tornam-se cada vez mais consistentes, graças a um clima internacional propício à substituição das armas pela via negociada. Assim, a UNITA acaba de reconhecer o Estado angolano, propondo um encontro directo entre o seu líder, Jonas Savimbi, e o Presidente angolano, Eduardo dos Santos. A Renamo, por seu

turno, propôs ao Presidente Chissano que as conversações para a paz em Moçambique decorram em Portugal, hipótese que parece agora mais plausível. Na África do Sul, começam hoje as conversações preliminares entre o Governo de Pretória e o ANC, que visam preparar futuras negociações.

Pág. 9

Cometa Austin só para madrugadores

Pág. 14



Fernando Nogueira quer debate público sobre Defesa Nacional
Pág. 4

As crónicas de Medeiros Ferreira e Helena Roseta
Pág. 6

Final europeia na televisão com Rui Barros pela Juventus
Pág. 25

Lotaria Popular:
1.º 79 076
2.º 169 646
3.º 118 216
4.º 112 106
Pág. 13

*Passaram três meses após a tomada de posse de Jorge Sampaio.
100 dias são considerados normalmente a prova de fogo.
A equipa da coligação «Por Lisboa», à qual se juntaram
posteriormente os vereadores de duas forças da oposição, passou
o teste sem brilhantismo mas com algumas cicatrizes*

Os 100 dias de Sampaio na Câmara de Lisboa

GRANDE ANGULAR

«O navio cujo timão agora agarrámos, traz uma velocidade própria e uma rota traçada que não coincide necessariamente com as que con-

sideramos mais acertadas. Só que a viragem tem de ser feita gradualmente. Se apenas dispomos de 33 por cento das verbas do Plano para

virar o timão neste primeiro ano de mandato, a nova rota ganhará maior expressão aos olhos de todos, nos próximos anos.»

Quando apresentou o Plano e Orçamento à Assembleia Municipal, Jorge Sampaio desenhava assim o ponto da situação da autarquia que comanda há 100 dias.

A pesada herança da gestão anterior faz-se sentir quotidianamente. Toda a gente se queixa e diz que tudo continua na mesma. O prédios caem, as barracas aumentam.

Jorge Sampaio não esconde o descontentamento quando o confrontam com estas realidades. Mas ele é, de facto, o centro das expectativas onde estão depositadas as esperanças.

«Também gostaria de ver mais sinais de mudança» confessou na passada semana em entrevista à RTP. O certo é que os gabinetes que criou, os estudos e empreitadas que anunciou dizem pouco para quem continua à espera de ver, por exemplo, o trânsito arrumado nas Avenidas Novas. No entanto, e apesar das críticas, Sampaio não desarma. «Não estou aqui para ser popular estou aqui porque vale a

pena mudar Lisboa», diz.

A pesada herança

Algumas das críticas que hoje se tecem a Sampaio e à

sua equipa, nomeadamente, aquelas que incidem sobre a sua capacidade decisória e de execução, pecam por exagero. É que o novo ocupante

da Praça do Município recebeu para as suas mãos uma gigantesca máquina administrativa, gerida regidamente durante 10 anos por uma personalidade centralizadora.

Alguns compromissos foram assumidos através de metodologias pouco ortodoxas. Veja-se o caso exemplar das instalações do Centro Norte-Sul em Lisboa. O palácio do Marquês de Tancos, à Mouraria, foi em tempos, «prometido» ao Ministério dos Negócios Estrangeiros, pelo anterior edil. No entanto, a nova vereação, ao analisar o caso deparou com a Companhia de Dança de Lisboa a funcionar exactamente no mesmo edifício. Gentilmente «cedido» pelo então presidente da Câmara...

A resolução de «pequenos problemas» como este, ou como o do auto-silo da Avenida dos Estados Unidos da América, que eufemisticamente Sampaio classifica de «armadilhas», ocuparam em grande parte, os seus primeiros 100 dias como novo presidente da maior autarquia do País.

Porém, este período foi gasto também na avaliação do estado da cidade, através de uma comissão nomeada e



O passagem de Jorge Sampaio na Câmara de Lisboa marcará o futuro em 1991



Nem só os grandes projectos deram dores de cabeça à equipa de Sampaio durante estes 100 dias

António Ferreira de Lemos (CDS) Respeitar compromissos

O CDS aceitou, no protocolo que assinou com Sampaio a delegação de poderes. Dos quatro vereadores que conseguiu nas listas de Marcelo Rebelo de Sousa apenas dois têm pelo. A António Ferreira de Lemos cabe a tarefa de gerir as áreas do Abastecimento e Consumo. Embora esta seja a primeira vez que assume funções autárquicas no município lisboeta o vereador centrista reconhece que «em três meses não se pode fazer a inflexão total de uma política da gestão anterior». Apesar de representar uma força política que integrou a coligação opositora a Sampaio nas anteriores eleições, Ferreira de Lemos sublinha que durante os 100 dias se tem verificado disponibilidade por parte do presidente e dos vereadores.

«Temos total autonomia política, votamos com o PS, com o PSD ou sozinho e ao aceitarmos o protocolo com a maioria tínhamos consciência das responsabilidades assumidas com o presidente e não abdicamos dessa posição», acrescenta. Quanto ao pelouro que toma pela primeira vez, Ferreira de Lemos refere que não vai tomar grandes decisões para ter propositadamente repercussão, e explica porque: «Em qualquer instituição pública ou privada quando se assume responsabilidade não se devem fazer grandes exibições, com os meios que se têm». Em contrapartida, sublinha de entre as actividades desenvolvidas durante este período o início das conversações com o Governo sobre o Mercado Abastecedor de Lisboa e a entrada em funcionamento do Tribunal do Consumidor.



Vasco Franco (PS) Mudou o método

Vasco Franco é o vereador da presente equipa que mais anos de experiência tem da Câmara Municipal de Lisboa. Há sete anos no município, o vereador afirma que durante os 100 dias que agora passam se registaram alterações anteriormente impensáveis.

A grande mudança que aponta é a da descentralização. «Dantes estava tudo centralizado no presidente e a Câmara não funcionava como um corpo coerente. Era o voluntarismo que determinava o seu andamento», afirma Vasco Franco.

O vereador, que tem a seu cargo os pelouros da Habitação e Obras sublinha outra das grandes alterações introduzidas por Jorge Sampaio no decorrer dos três meses que passaram. «Abecasis não definia objectivos estratégicos para a gestão da cidade, em contrapartida, Jorge Sampaio tem uma visão de conjunto partilha-a e discute-a com a sua equipa».

Relativamente aos pelouros que dirige Vasco Franco frisa que se começam a verificar alterações ainda que ténues uma vez que concentra sob a sua alçada áreas que estavam distribuídas por quatro pessoas.

A construção de habitação e o controle de barracas, áreas directamente ligadas a Abecasis e Carlos Robalo no mandato anterior estão pelouros que lhe consomem grande parte da sua atenção. «Durante estes 100 dias tem-se procurado acelerar o PIMP que está muito atrasado e além disso, coordenar iniciativas como por exemplo, algumas acções de despejo e demolição de barracas que estavam a ser feitas sem critério.»



Rui Godinho (PCP) Promessas cumpridas

Rui Godinho destaca os primeiros 100 dias da Câmara pós-Abecasis «a aprovação em tempo recorde para ano de início de mandato, do Plano de Actividades e Orçamento do Município para 1990». No seu entender, trata-se de uma promessa que a coligação «Por Lisboa» cumpriu «integralmente» pois «conseguiu antecipar em cinco meses a aprovação destes dois documentos, relativamente ao que sucedeu nos dois anteriores mandatos».

Para aquele vereador, a descentralização de verbas e competências para as juntas de freguesia, que classifica de «política de gestão participada» é outra das apostas ganhas tal com a da «preparação de estruturas e meios para o lançamento das bases do Plano Director Municipal» que resultará do trabalho desenvolvido pelo Gabinete de Planeamento Estratégico.

Para Rui Godinho, «a equipa que constituiu a coligação 'Por Lisboa' revelou, ao longo destes primeiros 100 dias coesão e capacidade de trabalho. Foi capaz de alargar consensos em torno das grandes questões da cidade a outras forças políticas externas das quais se auto-excluiu o PSD».

O concurso público para a recuperação do Largo da Rosa, na área da Reabilitação Urbana, a aceleração das obras de ampliação das estações de tratamento de resíduos sólidos, no que diz respeito ao saneamento básico, são algumas das principais iniciativas que Rui Godinho levou a efeito durante os 100 dias agora passados.



COMENTÁRIO

O silêncio não é de ouro

Passados cem dias sobre a posse de Jorge Sampaio como presidente da Câmara Municipal de Lisboa, o lisboeta por nascimento ou adopção que vive as amarguras múltiplas da cidade quase nada tem que o faça suspeitar, fora o recurso às notícias de três meses, de que é outro o autarca da capital. Dirá que Abecasis vai no seu quarto mandato. E não se engana de todo.

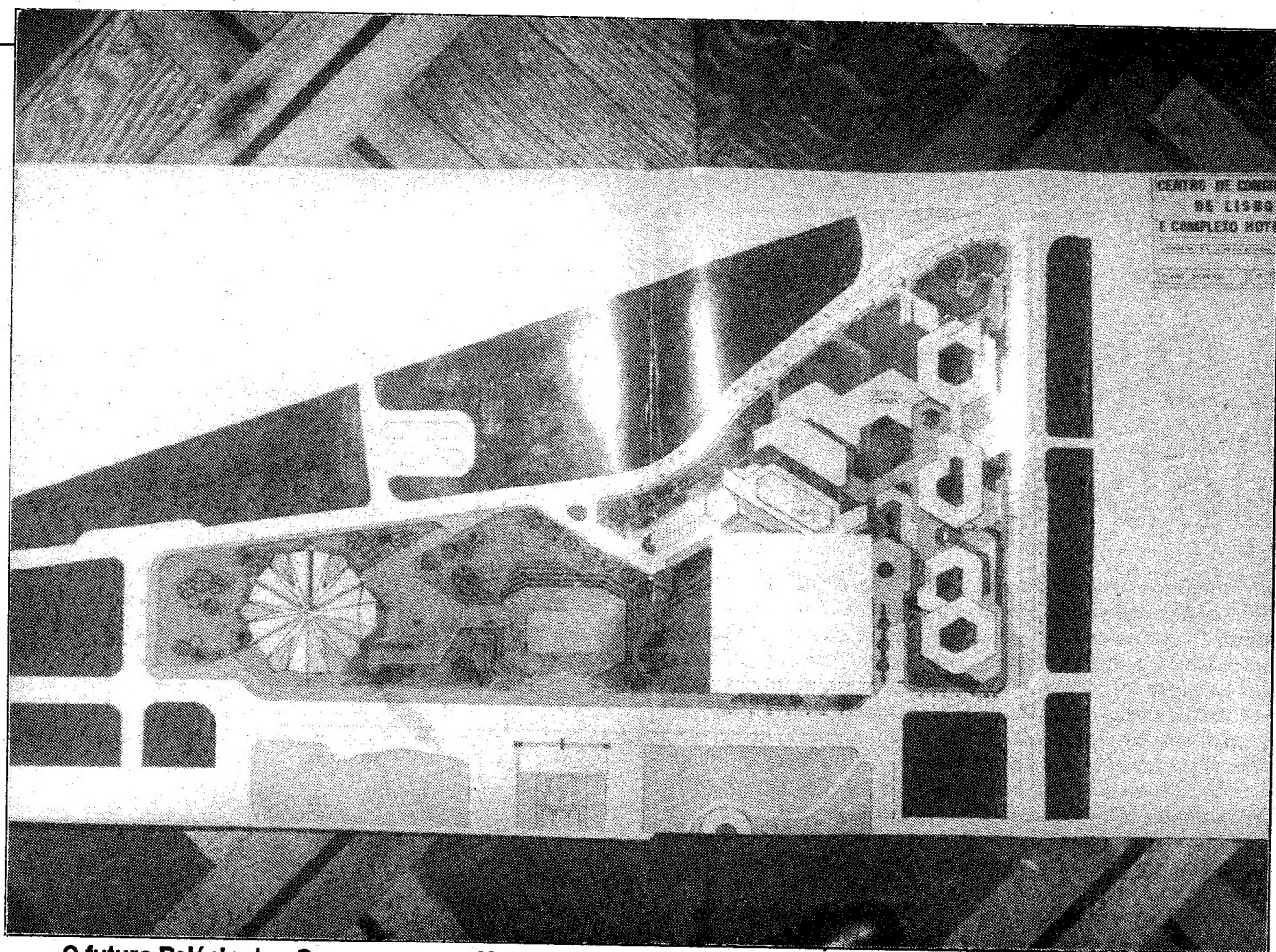
Há legados terríveis, sabemos-lo por experiência mais geral — continuamos, nós e os povos das nossas ex-colónias, a pagar o alto juro do activo disponível em 25 de Abril. «Por Lisboa» herdou erros porventura impossíveis de emendar completamente, compromissos geradores de legítimas expectativas quanto injustificáveis, soluções improvisadas fadoras de estados caóticos, a máquina administrativa da cidade, monstro paralitante. Tudo parece correr à margem ou apesar da nova Câmara: não se circula melhor, não se vê o número de barracas diminuir — pelo contrário —, não há mais segurança nas ruas, os lisboetas não se reconciliaram com Lisboa porque os atentados urbanísticos em marcha avançam por força de uma inércia dir-se-ia inesgotável. Vivemos na era pós-Abecasis e desejávamos viver na era Sampaio. Permitirão cem dias um julgamento tão radical? Sim, ao cidadão amante da sua cidade, impaciente por ver e sentir a mudança prometida. Mas também ignorante das armadilhas e dos pântanos que a cada passo se deparam à coligação «Por Lisboa». Se estes cem dias autorizam um juízo, ele será o de que, esteja a equipa de Jorge Sampaio a fazer ou não alguma coisa, boa ou má, o culto do silêncio se tornou a divisa da Câmara. Cavaco Silva reclamava-se de obediência ao princípio «mais obras e menos palavras»; os lisboetas temem que Sampaio não fale por não ter nada de marcante para lhes mostrar. E realmente ainda não tem; conviria, pois, que falasse para explicar porquê.

O presidente da Câmara Municipal de Lisboa não pode apenas confiar aos seus íntimos as permanentes surpresas que têm preenchido o dia-a-dia da sua gestão, que o tolhem e amarguram. Os gabinetes, as comissões, os grupos de estudos são decerto indispensáveis, provam a intenção honesta de não improvisar em matérias de grande complexidade, mas os lisboetas apreciariam conhecer o ponto dos seus trabalhos. A insistência em resoluções negativas, como no caso do Euromarché, se não traduz concordância com erros herdados, deve ser explicada aos munícipes, os quais são perfeitamente capazes de entender que há crimes perfeitos. O contrário de ser popular não é sugerir, por omissão, que o presidente da Câmara e seus vereadores, quando não estão a sancionar decisões incontornáveis do executivo anterior, acumulam pios motivos para mais tarde se justificarem de inactividade.

Governar Lisboa é difícil. Partilhar as dificuldades com a população é, para esta Câmara, condição *sine qua non* do êxito da mudança maioritariamente exigida. O contrário de ser popular também não equivale à prática de uma discórdia tal que impeça os eleitores de emitir juízos. Incluindo os bons.



João Paulo de Oliveira



O futuro Palácio dos Congressos no Alto do Parque Eduardo VII é uma das heranças da gestão anterior que o actual presidente terá de resolver

que deverá elaborar um Livro Branco sobre Lisboa.

Mas, além de gerir os assuntos do passado, Sampaio lidou diariamente durante os 100 dias com 10 mil funcionários municipais e esteve à cabeça da gestão corrente dos problemas da capital, aplicando lenitivos às suas inúmeras feridas. Exemplo disso é o prédio da Calçada do Combro que há poucos dias ruiu. Como agravante coube ainda ao presidente da Câmara a tarefa de ultrapassar as dificuldades de relacionamento existentes entre o município e a Administração Central.

Avaliar e estudar

Perante o rol de presentes envenenados, onde se destacam, entre outros, o trânsito nas Avenidas Novas, a reconstrução do Chiado, o

projecto Hilton para o Parque Eduardo VII, o centro comercial Colombo, ou a «compra» da Avenida da Liberdade pelos espanhóis a Câmara manteve até agora uma postura prospectiva, avaliando o estado das coisas. Não revelando ainda pormenores, remeteu as respostas para os estudos a cargo do Gabinete de Planeamento Estratégico. Que sairá com soluções estruturantes para o futuro da cidade.

Como estas coisas demoram muito tempo os lisboetas interrogam-se e questionam a celeridade da nova equipa. Por seu turno, Sampaio ao assumir a imagem do autarca que tem «apanhado» constantemente com os estilhaços das gestões anteriores e que esteve de «mãos atadas» até à elabo-

ração do Orçamento, deu por vezes o flanco às críticas dos seus opositores.

Embora tenha mostrado rigor e ponderação nas acções, não conseguiu fazer passar durante estes 100 dias a ideia de que a Câmara está realmente a trabalhar a todo o vapor e que os resultados se verão mais tarde.

O caso do Euromarché constituiu, aliás, o primeiro episódio polémico na vida da nova equipa camarária, já que os munícipes foram confrontados com um facto consumado e com a alteração súbita dos seus hábitos de vida.

Balanço positivo

Apesar de tudo o balanço destes 100 dias é positivo. Sampaio estabeleceu plataformas de entendimento onde o diálogo não existia,

na Câmara, com a oposição e com algumas instituições. Resolveu contenciosos. Delegou competências e responsabilidades. Aprovou um Orçamento e Plano, em tempo recorde, descentralizou verbas, valorizou o papel das freguesias, introduziu um programa de luta contra a toxicodependência. Olhando para as 50 medidas de emergência anunciadas durante a campanha verifica-se que algumas foram já mesmo postas em prática, como a criação do cargo de Provedor do Ambiente, a reparação de pavimentos mais degradados, o lançamento das hastas públicas ou a aceleração do Plano de Intervenção a Médio Prazo, PIMP. Nestes 100 dias parece tudo que soube a pouco. Daqui a 100 dias veremos.

Luísa Alexandra Botinas

Luís Coimbra (PPM)
Diferença do dia para noite

«Nestes primeiros 100 dias mais não se poderia fazer», diz o vereador monárquico Luís Coimbra que, com a sua decisão de aceitar a delegação de poderes proposta por Jorge Sampaio lhe propôs, provocou a ruptura do acordo com o PSD. Este vereador com os pelouros da Iluminação Pública e Parques de Campismo Municipais a seu cargo considera que, passados três meses após a «mãe de posse da nova Câmara em termos de transparência de processos, a diferença entre o conjunto da actual vereação (maioria e oposição) em relação aos anos anteriores, é do dia para noite».



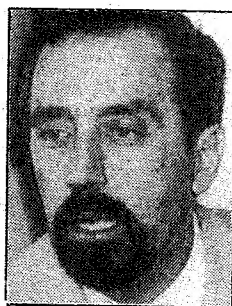
Na sua opinião, «a gestão camarária tem procurado recuperar, por um lado, o regime das hastas públicas contrariando a anterior filosofia das permutas. Por outro, tem tentado resolver e ultrapassar a herança do caos urbanístico resultante da gestão anterior».

Fazendo o balanço político, Luís Coimbra considera que no município «o papel do PPM é o de apaziguar a inevitável luta para as eleições de 91, visto que lá estão duas «maiorias» que querem continuar a sê-lo». Quanto ao pelouro que dirige, o vereador sublinha que as obras em curso e equipamentos já adquiridos para a iluminação representam em apenas 100 dias cerca de mil contos.

renovação da iluminação pública em Lisboa, como auxílio dos técnicos municipais altamente competentes tem-se processado à velocidade da luz», conclui.

Marcelo Rebelo de Sousa (PSD)
Crítica e «oposição construtiva»

Marcelo Rebelo de Sousa, o adversário de Jorge Sampaio na corrida à presidência da Câmara de Lisboa é agora vereador da oposição. Não tem pelouro, porque o recusou, mas afirma que a sua postura e a dos restantes vereadores sociais-democratas é de «oposição construtiva».



Sublinha o facto de o presidente tratar de forma «simpática» o líder da bancada da oposição e entende que o balanço dos primeiros 100 dias de Jorge Sampaio é «irregular», porque «há pontos em que se sente que está funcionar melhor do que noutros». E dá exemplos: «o sector do Pessoal e dos recursos é uma desilusão já que na teoria está tudo muito bem enquanto que a concretização de inovações nesta área tem sido fraca». Marcelo Rebelo de Sousa aponta ainda outros aspectos menos positivos. «O trabalho que o vereador Rego Mendes está a desempenhar no pelouro do Desporto é positivo mas muito basista e quanto à Juventude e Escolas, áreas também da sua responsabilidade, tem feito pouco».

Na apreciação global que faz dos primeiros três meses de mandato, Marcelo Rebelo de Sousa refere que «a maioria vive sob a depressão das heranças do passado e já deveria ter ultrapassado essa fase». No seu entender, o relacionamento do PS/PC e da oposição durante estes 100 dias tem sido exemplar porque o PSD tem mantido uma «divergência dialogante» e a maioria não tem projectado para a Câmara a luta que trava a nível nacional com o Governo.

POLÍTICA

«Verdes» preparam debate sobre participação na CDU

Os «Verdes» não encaram, para já, a sua saída da CDU, mas preparam-se para equacionar o papel que lhes cabe no seio da coligação. É possível que isso ocorra já no próximo Conselho Nacional, ainda sem data marcada - apurou o «DL» junto de responsáveis partidários ecológicos.

Uma eventual candidatura isolada dos «Verdes» às eleições legislativas poderia acabar com a sua representação parlamentar. É um risco grande, com um preço alto, que este partido ecológico não quer correr, sobretudo por não ter militantes para uma campanha em força, segundo a mesma fonte.

Quanto às presidenciais, é diferente a perspectiva: poderiam servir para iniciar uma «dinamização própria» e acentuar uma autonomia que nem sempre tem sido clara. «Ninguém pensa em tomar atitudes do topo do MDP/CDE, que em política se pagam caras», acrescentou.

A situação dos «Verdes» não é calma, se bem que as duas linhas que no seu interior se digladiam, tenham, por ora - mas só provisoriamente - enterrado o «machado de guerra». Verdes da «linha dura», a mais próxima do PCP, e da «linha moderada», os que pugnam pela afirmação dos ecologistas como partido mais autónomo, batem-se por projectos que à partida são coincidentes, mas que em questão põem a influência que o PCP alegadamente exerce sobre o Partido Ecológico «Os Verdes»-PEV.

Os problemas no interior do PEV persistem. Daí que o debate sobre o seu papel no seio da CDU esteja para breve. «Ninguém quer sair da CDU», disse um elemento «moderado» ao «DL». Mas esclarece que «são elementos os motivos por que ninguém quer sair» da Coligação Democrática Unitária.

Sem a CDU nada feito

«Sem a CDU nas legislativas não vamos a lado nenhum», admite, ressaltando, contudo, que «nas presidenciais é distinto». Aliás, de acordo com a sua opinião, o debate sobre o papel dos «Verdes» na CDU poderá relançar a questão das eleições presidenciais, que esteve na origem das primeiras, e sérias, fracturas no PEV.

A última reunião da Comissão Executiva foi pacífica, sem divergências de fundo nem debate aceso. As propostas sobre as actividades do PEV para os próximos tempos foram todas aprovadas por consenso.

«Não convem, neste momento, a qualquer das partes, entrar em grandes guerras», dizem elementos de ambos os lados. As forças estão equilibradas: oito dos membros deste órgão representam os «duros», outros tantos os «moderados». Os que sábado não compareceram à reunião, alegaram falta devido à greve parcial dos maquinistas dos comboios.

Júlio Rodrigues

Face aos novos ventos que sopram do Leste

IDN abre debate público sobre Defesa Nacional

«A evolução da Europa e a defesa nacional» deverá constituir o princípio de um amplo debate e uma reflexão de natureza estratégica. O seminário assim designado, a cuja sessão de abertura presidiu o ministro Fernando Nogueira, teve esta manhã a primeira das três sessões em que foi dividido pelo Instituto de Defesa Nacional, IDN. Este o local escolhido pelo Governo para «forum» destas questões.

«Dá-se assim início, hoje e aqui, a uma reflexão estratégica englobando uma série de jornadas de defesa nacional que, integrando as mais variadas formas e metodologias de estudo e divulgação, permitam por um lado colher uma participação tão ampla quanto quanto possível, certificando-se como consensual, e por outro que se constituam em iniciativas difusoras dos princípios e conceitos nelas elaborados», sublinhou Fernando Nogueira na abertura da sessão.

O ministro da Defesa anunciou, na circunstância, que fará em breve, no mesmo instituto, uma intervenção mais desenvolvida e detalhada que «constitua um estímulo a um debate enriquecedor, dentro do conceito de que a Defesa Nacional é um assunto em permanente

evolução, aperfeiçoamento e modernização».

Este seminário prolonga-se até sexta-feira, dia em que Deus Pinheiro, ministro dos Negócios Estrangeiros, fará a sua habitual intervenção anual, sobre as grandes linhas de política externa portuguesa.

Uma reflexão aprofundada

A evolução em curso na Europa, de contornos e desenvolvimentos ainda não definidos, altera de modo significativo o quadro estratégico em que Portugal se insere, com consequências ainda por determinar acerca da problemática da defesa do País. É nesse quadro que o IDN, porque lhe compete o estudo, divulgação e debate dos grandes problemas nacionais e da conjuntura internacional com incidências no domínio da defesa nacional, promove entre hoje e sexta-feira uma reflexão aprofundada sobre as incidências na segurança e defesa de Portugal na evolução em curso na Europa.

Esta iniciativa do IDN tem a colaboração de um conjunto de conferencistas nacionais e estrangeiros que procederão a uma discussão em grupos de trabalho com vista a obter conclusões sobre o modo como a defesa nacional poderá



Fernando Nogueira promete apresentar em breve uma reflexão aprofundada sobre a Defesa Nacional

ser afectada pela actual conjuntura internacional e sua evolução previsível.

«O alinhamento de Portugal no seio dos blocos político-militares ocidentais deve constituir, para além de um contributo sólido para a paz mundial, uma garantia acrescida de independência político-cultural da integridade territorial e da defesa dos interesses económicos portugueses», sublinhou ainda Fernando Nogueira, para o qual o «contributo dos cidadãos para a Defesa Nacional se verifica a nível

individual e do Estado».

«A unificação alemã e a segurança», «As relações transatlânticas», «A evolução na Europa e o sistema de segurança na perspectiva de Leste» e «A evolução na Europa e o sistema de segurança europeu numa perspectiva ocidental», são os temas de hoje, a desenvolver, respectivamente, por Henning Wegener (secretário-geral adjunto da NATO), Daniel Melson, Alexander Likhotal e Moreu-Desfarges.

Redacção «DL»

Gás natural espera financiamento

O financiamento de 18 milhões de contos destinado a contribuir para a construção da rede de gás natural em Portugal, deve ser aprovado hoje, em Bruxelas, na reunião ordinária da comissão europeia.

O projecto prevê a construção de um terminal em Setúbal e um gasoduto até Braga, constituindo a espinha dorsal que estabelecerá o contacto com a rede europeia de gás natural.

Envolve uma verba total de 400 milhões de ecus e é considerado de interesse comunitário pelo que não se inscreve nas verbas destinadas ao programa de desenvolvimento regional. Trata-se de uma iniciativa dos comissários responsáveis pela Energia, Cardoso e Cunha e da Polícia Regional, Bruce Millan. Pelas informações colhidas já esta manhã, só um imprevisto, poderá evitar hoje a aprovação deste projecto de grande interesse para Portugal.

J.R.C.

PSD tem novos dirigentes

Amândio Oliveira e António Coelho vão ser hoje nomeados secretários-gerais adjuntos na reunião desta tarde da Comissão Política deste partido. Estes vão ser os nomes que acompanharão de perto a acção de Falcão e Cunha, o secretário-geral, na dinamização da máquina partidária.

Deputado por Braga, Amândio Oliveira é também presidente da Assembleia Municipal de Póvoa de Lanhoso. É dado como próximo de Luís Marques Mendes, secretário de Estado da Presidência do Conselho de Ministros, também eleito deputado pelo círculo de Braga.

António Coelho é deputado por Coimbra e presidente da Comissão Política Distrital da JSD local. São conhecidas as suas ligações privilegiadas a Fernando Nogueira.

A nomeação destes novos secretários-gerais adjuntos constitui mais um reforço da posição de Fernando Nogueira, número dois no Governo e na hierarquia do PSD e que agora passa a ter mais dois homens da sua confiança na liderança da máquina partidária.

Pinto Leite quer acelerar eleições

A Comissão Política da Distrital de Lisboa do PSD reúne hoje para ultimar os preparativos das eleições nesta distrital. Fonte social-democrata disse ao DL que Pinto Leite quer acelerar o processo. Por isso, vai marcar com o presidente da mesa da Assembleia a data das eleições, previstas para o final deste mês.

O presidente da distrital do PSD ainda não anunciou quem irá apoiar, factor importante tendo em conta que, quando Pinto Leite apresentou a sua demissão, foi-lhe solicitado por todos os presentes que acompanhasse a sucessão. Fontes próximas de Pinto Leite disseram ao DL que ele «não quer dividir o que ajudou a unir».

Esta frase aplica-se à possível candidatura de Pedro Roseta, que embora não tenha sido um nome avançado por Pinto Leite parece reunir o consenso da maioria.

Fundador do PSD e um dos seus principais ideólogos, Pedro Roseta é neste momento um dos responsáveis pela revisão do programa do partido. Uma figura prestigiada que «vai honrar a distrital de Lisboa caso seja eleito», disse ao DL um elemento daquela estrutura partidária.

O nome de Pedro Pinto continua a ser referido para a sucessão de Pinto Leite, mas apesar da aproximação do ex-deputado europeu à direcção da distrital, há muitas secções que «não esqueceram as atitudes críticas do deputado social democrata, no passado».

É provável que o presidente da distrital venha a apoiar Pedro Roseta em nome da unidade. Tudo indica que está disponível para aceitar a presidência da Assembleia da Distrital de Lisboa, se forem satisfeitas algumas condições que, por agora, Pinto Leite não revela.

Redacção «DL»

B R E V E S

PS quer rever lei do serviço militar

O deputado socialista Jaime Gama apresenta sexta-feira na Assembleia da República uma proposta de revisão da lei do Serviço Militar Obrigatório.

Soares na Madeira e em Marrocos

O Presidente da República, Mário Soares desloca-se à região autónoma da Madeira de 10 a 12 de Maio presidindo no último dia da sua visita ao encerramento do congresso mundial do «Pen-Clube». Três dias depois, o Chefe de Estado parte com destino Marrocos onde efectua uma visita oficial de seis dias, a convite do rei Hassan.

Cavaco visita Itália e Porto Santo

O primeiro-ministro, Cavaco Silva, visita oficialmente a Itália a 8 de Maio, para participar na cimeira anual entre os chefes de governo de Portugal e Itália. Entretanto, nos dias 18, 19 e 20 de Maio, o primeiro-ministro desloca-se à ilha de Porto Santo onde efectuará visitas às zonas mais afectadas pela maré negra.

Carlos Marques «candidato solidário»

O dirigente da UDP Carlos Marques é o candidato escolhido pela Comissão Promotora da Candidatura à Presidência da República «A coragem de ser solidário», cujo nome será anunciado publicamente hoje, através de comunicado.

POLÍTICA

Timor: a (des)atenção de Portugal

Portugal deve assumir um papel fundamental na resolução dos problemas do povo timorense, mas não tem havido vontade política das entidades oficiais. Esta foi a principal conclusão das II Jornadas de Timor. Neste sentido, é seguida com particular atenção a visita dos parlamentares portugueses a este país. Viagem que, como salientou ao «DL» o deputado José M. Mendes, «não está perto de consumir-se, ao contrário da informação veiculada».

O que explica a admiração de Eduardo Pereira, da bancada do PS, perante a notícia de que já havia uma data para a deslocação àquele território. «Não temos conhecimento da aceitação ou não das condições que foram impostas. Por outro lado, só a Comissão e o Presidente da Assembleia da República podem dizer se aceitam as contra-propostas da Indonésia, afirmou ao «DL» aquele deputado, que tal como José Mendes, do PCP, é membro da Comissão Eventual da Assembleia da República para estudar a situação de Timor.

Por seu turno, Quartim Santos, principal responsável das negociações da visita, em Washington, ontem, na sessão de encerramento das Jornadas, apenas fez referência ao trabalho desenvolvido pela diplomacia portuguesa. Esta sessão foi presidida pelo reitor da Universidade do Porto, Alberto Amaral, e contou com a presença do general Ramalho Eanes, entre outros.



Cultura timorense ameaça desagregação

Interrogado pelo «DL» sobre a evolução das conversações, Quartim Santos não revelou pormenores: «As negociações são confidenciais. E a entidade que recebe em primeira mão as informações são os deputados. Acrescentar mais alguma coisa seria prematuro», justificou.

Para a maioria dos participantes das Jornadas, a ida dos parlamentares portugueses a Timor é desejada e, ao mesmo tempo, temida. Sabe-se que a Indonésia tudo

fará para colher os dividendos desse acto. A visita de João Paulo II, facto muito criticado pelos que defendem a causa dos timorenses, foi disso um exemplo. Daí que os deputados não abdicam de três condições essenciais: visitar livremente o país, levar jornalistas, nacionais e estrangeiros, e que não haja aproveitamento político do Governo indonésio.

Raul Brito, do PS, entende que a realização da viagem tem de ser inserida num plano

e numa estratégia desenvolvidos pelo Governo e Presidência da República. Caso contrário, afirmou, «receio, sinceramente, que sejam mais os prejuízos do que os benefícios que se possam retirar da deslocação».

De referir que os membros da Comissão Eventual da Assembleia da República, intervindo de uma forma particularmente activa, salientaram sempre os limites da sua actuação. «O papel da Comissão é essencialmente informar-se da situação de Timor-Leste e sensibilizar as autoridades nacionais e internacionais para o problema. A intervenção essencial pertence ao Presidente da República e ao Governo», esclareceu ao «DL», José Mendes.

Saliente-se que a participação em pleno das entidades oficiais para a autodeterminação e independência do povo de Timor foi pedida, e até exigida, ao longo dos quatro dias que decorreram as Jornadas. Mesmo quando se falava na importância da pressão, junto da Indonésia, da comunidade internacional, em particular dos Estados Unidos, do Japão e da CEE, do papel da igreja ou da denúncia do tratado de «Timor-Gap».

«Nada é possível se não houver a vontade política de Portugal em resolver com dignidade o respeito pelos direitos de Timor-Leste, frisou Barbedo Magalhães, a «alma» desta Jornadas e orientador de todos os debates. Céu Neves

Traição da Austrália

Sashan Stepan é especialista em relações internacionais, na Universidade de Monash, na Austrália. Custa-lhe compreender o comportamento de Portugal. Mas acredita que o Tribunal Internacional de Justiça vai reprová-lo o acordo Timor-Gap, entre a Austrália e a Indonésia? «DL» - O bispo Paul Moore afirmou que sentia vergonha pelo facto dos Estados Unidos terem contribuído com armas para a ocupação de Timor-Leste. Sente o mesmo em relação ao seu país?

Sasha Stepan - Sim, porque toda a posição da Austrália tem sido de traição a Timor-Leste.

«DL» - Como explica esse comportamento?

SS - Há uma viragem no posicionamento da Austrália. Em 1975, o argumento principal para não apoiar a autodeterminação de Timor era que este era inviável economicamente. Pouco tempo depois, ao assinar o acordo Timor-Gap, está a demonstrar que este país é importante. Aliás, o tratado em si é uma ideia excelente - é a cooperação entre um país rico e um país pobre, mas devia ser realizado com Timor e não com a Indonésia.

«DL» - Qual a melhor forma de Portugal intervir junto do Tribunal Internacional de Justiça contra a Austrália: pedir um parecer consultivo ou apresentar uma queixa?

SS - Penso que uma queixa é mais eficaz por duas razões. O parecer consultivo não é vinculativo e para ser apresentado às Nações Unidas precisa do acordo da maioria dos elementos do Tribunal. Portugal teria de criar um lobby e não tem apoios para conseguir isso. No caso do contencioso não necessita de nenhum lobby para pôr a acção.

«DL» - Como caracteriza a atitude das entidades oficiais portuguesas em relação a Timor?

SS - É uma vergonha se Portugal não aproveita esta oportunidade, a discussão do acordo Timor-Gap, para fazer reviver a questão. É uma oportunidade única, porque o tratado é de tal maneira ilegal que se as entidades portuguesas não mostram desacordo, é porque se demitem toda esta questão. C.N.

Medo de falar

Licinia Ramos Horta tem 25 anos. É irmã do dirigente da Fretilin Ramos Horta. Quando foi a invasão da Indonésia fugiu para o mato. Em 1978 foi capturada, tinha 13 anos. Veio para Portugal em Janeiro de 1989. Em Timor estava no segundo ano da universidade. Aqui queriam que começasse no 10º ano. Desistiu. Emprego, só através de contratos. A integração tem sido difícil. Quando lhe notamos que tem uma ar triste, chora e diz «tenho saudades».

«DL» - Foi difícil viver no mato?

Licinia Ramos Horta - Havia períodos mais difíceis do que outros. Só quando havia o perigo de ataque é que tínhamos de fugir de um lado para o outro. Alimentávamos-nos daquilo que cultivávamos. O problema era quando alguém estava doente, não havia medicamentos.

«DL» - Foi capturada sozinha. Que é que os serviços de segurança queriam de vocês?

LRH - Estava com a minha irmã. A minha mãe tinha sido presa uma semana antes. Eles queriam informações dos guerrilheiros.

«DL» - Foram torturadas?

LRH - Não. Mas ultimamente têm torturado os jovens, porque os estudantes não podem mais com aquela situação. Querem ser livres. Para isso, é importante que o caso de Timor seja conhecido. Já fizeram manifestações.

«DL» - Vocês na escola falam destas questões?

LRH - Não. Somos proibidos de falar de Timor com os nossos conterrâneos. Depois, também para nossa própria

segurança não dizemos nada. Temos medo de falar.

«DL» - O que é que fazem nos tempos livres?

LRH - Vamos ao cinema ou a pequenas festas, por exemplo aniversários. Para comemorações maiores, como o Natal ou o Fim-do-Ano, tem que se pedir autorização aos militares.

«DL» - Esteve 10 anos à espera para vir para Portugal. Como conseguiu?

LRH - Vim através da Cruz Vermelha Internacional. Conosco foi mais difícil devido ao meu irmão ser da Fretilin. Mas, por outro lado, foi ele que pediu ajuda àquela instituição. Vim com a minha mãe e uma menina que criámos. Em 1979, quando fizemos o pedido para sair, a minha irmã inscreveu-se. Entretanto casou-se e eles queriam que ele deixasse o marido e os filhos, acabou por ficar. «DL» - Como é quem tem sido a sua integração em Lisboa. Está a estudar ou a trabalhar?

LRH - Tem sido difícil. Deixei muitos amigos em Timor. Em Portugal há muitos timorenses, mas têm uma mentalidade diferente. Não viram os massacres, não passaram pelas coisas que nós passámos. Desisti de estudar porque só trouxe os papéis do secundário. Tenho trabalhado, mas é sempre por contratos. Este mês vou começar pela quarta vez no mesmo sítio.

«DL» - Pensa ficar em Portugal?

LRH - Eu gostava, mas tinha de ter um emprego. Assim, tenciono ir para a Austrália. C.N.

VIAGENS FÉRIAS 1990

HOTÉIS SELECIONADOS * GUIAS EXPERIENTES

BENELUX • PARIS • VALE DO RENO
CRUZEIRO DE 4 HORAS NO RENOPARTIDAS: 2 E 9 JUNHO • 14, 21 E 29 JULHO
4, 11, 18 E 25 AGOSTO • 1, 8, 15, 22 E 29/9

CIRCUITO ITALIANO

MARAVILHOSA VIAGEM DE UMA SEMANA
VISITANDO: VENEZA • PÁDUA • FLORENÇA •
ASSIS • ROMA • PISA • MILÃO (AUDIÊNCIA PAPAL)
PARTIDAS: 7, 14, 21 E 28 JULHO • 4, 11, 18 E 25 AGOSTO
1 E 8 DE SETEMBRO

VIENA • BUDAPESTE • PRAGA

PARTIDAS: 2, 9, E 16 JUNHO • 7, 14, 21 E 28 JULHO
4, 11, 18 E 25 AGOSTO • 1, 8 E 15 SETEMBRO

SINFONIA CENTROEUROPEIA

VIENA • MUNIQUE • INNSBRUCK
KLAGENFURT • BUDAPESTE
PARTIDAS: 7, 14 E 28 JULHO • 4, 11 E 18 AGOSTO
1 SETEMBRO

DESCUBRA A ÁUSTRIA

VIENA • SALZBURGO • INNSBRUCK • KLAGENFURT
PARTIDAS ÀS 6.ªS-FEIRAS DE 18/5 A 5/10ÁUSTRIA • HUNGRIA • CHECOSLOVÁQUIA
AS 3 CAPITAIS IMPERIAIS

PARTIDAS ÀS 6.ªS-FEIRAS DE 18/5 A 5/10

CIRCUITO DAS CIDADES IMPERIAIS

PARTIDAS AOS SÁBADOS DE MAIO A OUTUBRO

MARROCOS • CEUTA

CIRCUITO DAS CIDADES IMPERIAIS
PARTIDAS: 10 JUNHO • 1 E 15 JULHO • 5 E 19 AGOSTO
2 E 16 SETEMBRO

CIRCUITO EUROPEU N.º 1

SUÍÇA • FRANÇA • ALEMANHA • BÉLGICA
LUXEMBURGO • HOLANDA • ESPANHA • ANDORRA
PARTIDAS: 1 E 15 JULHO • 5 E 19 AGOSTO
2 SETEMBRO

CIRCUITO EUROPEU N.º 2

SUÍÇA • ÁUSTRIA • ITÁLIA • FRANÇA
ESPANHA • ANDORRA • CÔTE D'AZUR
PARTIDAS: 14 JULHO • 1 AGOSTO 1 SETEMBRO

PARIS • LONDRES • PAÍSES BAIXOS

CRUZEIRO NO RENO
PARTIDAS: 15 JULHO • 2 AGOSTO 2 SETEMBRO

INGLATERRA • ESCÓCIA

VISITANDO: VALLADOLID • BORDEAUX • TOURS PARIS
• LONDRES • CHESTER • WINDERMERE • CARLISLE •
GLASGOW • LOCH NESS • INVERNESS • PERTH •
EDIMBURG • NEWCASTLE • YORK • ANDORRA •
MADRID

PARTIDA: 8 AGOSTO

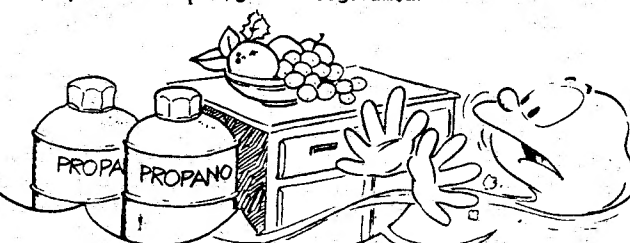
CAPITAIS DO LESTE

VISITANDO: BARCELONA • ZURICH • MUNICH • PRAGA
• OSTRAVA • CRACÓVIA • VARSÓVIA • BERLIM •
BASILEIA • ANDORRA • MADRID
PARTIDA: 2 DE AGOSTO

CAPITAIS DA ESCANDINÁVIA

DINAMARCA • SUÉCIA • NORUEGA • ESPANHA
FRANÇA • HOLANDA • ALEMANHA • SUÍÇA • BÉLGICA
PARTIDA: 4 DE AGOSTO

INFORMAÇÕES E RESERVAS

AVIC
Holiday
TourAV. 5 DE OUTUBRO, 53 • 1000 LISBOA
(METRO SALDANHA)
☎ 52 11 16 • 52 11 17 • 57 29 70
OU NA SUA HABITUAL AGÊNCIA DE
VIAGENSNão utilize garrafas de propano no interior de habitações
Cumpra as minhas regras de segurança.

DGE / CAMPANHA DE SEGURANÇA NA UTILIZAÇÃO DE COMBUSTÍVEIS GASOSOS.

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Renascença Gráfica, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos**.
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa**.
Secretário-geral: **Jorge Galamba**.

Director: **Mário Mesquita**
Directora-adjunta: **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção: **Acácio Barradas**
Chefes de redacção-adjuntos: **José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho**

Redactor-principal: **João Paulo de Oliveira**

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador: **Adelino Cardoso**

Redactor-paginador: **António Ribeiro Ferreira**

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Carlos Campones, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emilia Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Faria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alessandra Balsamo, Daniel Oliveira, Francisco Paraiso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim**

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Pedro Pessoa, Oscar Figueiredo e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção: **Maria Eduarda Soutello**

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade: **Luísa Valadas**

Gestor de Informática: **Luís Canteiro**

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegrámas DIBOA - Telex 12363 DIAROP - Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 60\$00; na Madeira, 75\$00; nos Açores, 85\$00.



PORTE
PAGO

«AS LIÇÕES QUE ELES NOS DEIXAM»

A passagem de mais um aniversário do 25 de Abril é uma boa ocasião para recordar alguns dos líderes que ao longo destes anos marcaram a vida política portuguesa. Se a liderança política é um fenómeno que em democracia está inevitavelmente associado à confiança suscitada no eleitorado, e esta é uma mistura de admiração e entusiasmo que não pode desligar-se das qualidades humanas de quem incarna a chefia, será em torno destas que faremos aqui um pequeno balanço. Subjetivo, naturalmente.

Começo pelos militares de Abril. Dezanove anos volvidos, o traço que continua a impressionar-nos mais é o da generosidade e da coragem. Se muitos dos capitães do MFA se foram apagando da nossa memória, se Costa Gomes, Vasco Lourenço ou Pinheiro de Azevedo estão irremediavelmente cristalizados num passado que nos parece distante, há dois homens que continuam a simbolizar o traço que referi. Independentemente de afinidades ou discordâncias e apesar das diferenças de percursos, Vasco Gonçalves e Otelo são, ainda hoje, símbolos vivos dessa lição de Abril. Lição plural de que seria injusto excluir o contributo pessoal de Spínola, com a sua escrupulosa rectidão, a elegância do porte e do discurso tão contrários ao «nacional-porreiraismo» então vingente e um certo sentido antigo de grandeza que nenhum outro, depois dele, foi ainda capaz de testemunhar.

Quanto aos líderes civis da «fase heroica» da nossa vivência democrática, em todos eles encontramos personalidades carismáticas, capazes de se impor exemplarmente aos seus seguidores.

Cunhal é admirado pela sua perseverança e abnegação e pela extrema fidelidade aos ideais a que consagrou uma vida inteira. Qualidades indimentáveis que os próprios adversários reconhecem, embora possam em certas alturas confinar com o extremo oposto. A perseverança pode degenerar em simples teimosia, a abnegação em dureza, a fidelidade em rigidez intelectual. Mas de Cunhal não poderá dizer-se que não é respeitado por aquilo que humanamente representa a sua vida e o seu percurso, para lá de todas as divergências que, no que me toca, foram muitas vezes profundas.

Freitas do Amaral é também um líder respeitado. O que nele mais impressiona, para lá do rigor de pensamento, é talvez o cavalheirismo com que tem enfrentado os desafios, a inesperada frontalidade com que assume o seu trajecto e a desportiva superioridade que revela face a inevitáveis rancores. Qualidades tanto mais meritórias quanto se revelaram, não em tempo de vitória, mas em tempo de derrota, que é para os políticos uma provação essencial. E muitos deles se perdem porque não sabem perder.

Quanto a Soares, é hoje praticamente consensual o balanço positivo que sobre ele se faz, mais nítido nos aspectos humanos que nas facetas puramente políticas da sua intervenção. De resto, é seguramente o líder que

mais humanizou a acção política entre nós, e nisso reside a meu ver o seu maior mérito. Tolerante, paciente, corajoso, capaz de aliar um raro instinto político a tudo quanto a sua larga experiência lhe tem permitido acumular, Soares é, sobretudo, a imagem rara do político que conserva intacta a alegria de viver. Conciliação quase impossível, já que a paixão política tende a ser exclusivista e os territórios do Poder são desertos de sentido de humor. Com excepções brilhantes, como o demonstra Soares.

Recordarei ainda Sá Carneiro, de todos os líderes históricos o que mais me ensinou e influenciou: homem de grandes rasgos, valente até à temeridade, independente até à provocação, seguro de si até à extrema teimosia, frontal e exigente perante os outros e perante si próprio, Sá Carneiro legou-nos, sobretudo, uma lição de grandeza ética. «Não deixe degradar as coisas», foi um conselho que uma vez dele recebi e que com muita frequência tem orientado as minhas decisões. É um certo sentido de urgência moral que me leva a lamentar a sua ausência, hoje como há dez anos. Posteriormente

à fase heroica, duas lideranças se afirmaram na política portuguesa: Ramalho Eanes e Cavaco Silva. Quanto ao primeiro, é no desprendimento do Poder que o seu perfil humano se valoriza. Modesto enquanto Presidente, do que talvez se tenha ressentido a sua actuação, inibindo-o de tomar posições ou emi-

tir opiniões em momentos-chave, Eanes personifica exemplarmente a capacidade de regressar ao estatuto de simples cidadão, sem complexos de «have been». É uma lição rara num político e tanto mais assinalável quanto a idade lhe poderia insuflar atitudes mais ambiciosas.

Resta-nos Cavaco Silva, cujas características pessoais vieram a ser postas à prova pelo Poder; dele se esperava ver confirmados o rigor, a integridade pessoal, a competência e um certo antedietismo. Mas a imaturidade política do líder do PSD não resistiu aos embates do Poder. Sensível à tentação autoritária, prescindiu do rigor e da competência em nome da necessidade de se auto-elogiar; a lentidão com que pôs cobro aos desmandos que em seu nome se fizeram afectou a imagem de integridade de que vinha possuído; e o antedietismo, azedado pelos desafios, invertiu-se e fez dele um homem que precisa de palco para acalmar a sua própria insegurança.

Há, em todas as pessoas e também nos chefes, qualidades e defeitos que ora se exacerbam ora se atenuam. Ninguém é deles isento nem vale a pena imaginar que políticos ideais se poderiam conceber, à margem da esfera contrastada das paixões humanas.

O que é importante, como diria Yourcenar, é «saber de que lado é mais alta a percentagem do mal». Porque esse é o lado que lucidamente devemos ser capazes de evitar.



Helena Roseta

PREVER PARA DURAR

Por José Medeiros Ferreira

A s recentes comemorações do 25 de Abril trouxeram à tona dois temas que merecem algumas reflexões públicas: a vitória das democracias pluralistas no mundo actual e a durabilidade do regime em Portugal. Foi tamanho o optimismo espalhado que mesmo pela pouca receptividade de qualquer previsão menos eufórica.

E no entanto sinto-me com esse dever.

Comecemos pela vitória das democracias pluralistas:

Para quem lutou por ela, antes e depois do 25 de Abril, é uma bela e reconfortante constatação. Mas já não partilho da postura petulante de tanto democrata de ocasião: esses serão os primeiros a gritarem por regimes autoritários, caso as liberdades públicas conquistadas, na Europa central e oriental ou na América latina, sejam aproveitadas para uma redistribuição de poderes a favor das forças de progresso.

Porém a própria História impõe um pouco mais de prudência neste momento de consagração universal dos regimes de liberdade política. Quer depois da I Guerra Mundial quer depois da II Guerra, a mesma sensação de vitória foi conhecida, para depois ceder o passo à sucessão de democracias derrubadas ou à manutenção de ditaduras tidas por condenadas. E, neste particular, os portugueses foram castigados das duas maneiras: em 1926, pela instauração da ditadura e, em 1945, pela manutenção do regime perante a tol-

erância, nem sempre envergonhada, das «democracias para países ricos».

Convém, com efeito, recordar que, depois da vitória das democracias, em 1918, sucederam-se as ditaduras de Bela Kun na Hungria, de Mussolini na Itália, de Primo de Rivera em Espanha, de Pilsudski na Polónia, de Salazar em Portugal, para não falar da série inaugurada com Hitler na Alemanha, em 1933, e que se estendeu à Áustria e à Hungria, à Bulgária e à Grécia, ou das ditaduras instauradas nos Estados bálticos entre 1934 e 1936.

Depois da II Guerra Mundial, também em parte a vitória das democracias, além da manutenção das ditaduras na Península Ibérica, assistiu-se, poucos anos depois, à instauração de ditaduras, mesmo em países com uma relativa tradição democrática como a Checoslováquia e a Roménia, para além da «recaída» nos outros países do Leste europeu, com os regimes de inspiração soviética, hoje em desagregação.

As explicações variam para nos fazer compreender tais repetições quando se pretende teorizar a perenidade da vitória das democracias.

Os dezanove anos do 25 de Abril também foram ocasião para se celebrar a maior durabilidade do actual regime democrático relativamente à I República, na directa filiação daquele motivo que fez Lenine dançar quando a revolução russa perseguiu mais um dia do que a Comuna de Paris...

O Presidente da República, no seu discurso na A.R., chamou mesmo a atenção para o diferente relacionamento entre o actual regime democrático e os poderes fácticos da Igreja e das Forças Armadas, para explicar a ausência de «doenças in-

fantis» no regime do qual é garante. Mas que o Presidente da República me perdoe se lhe recordar que um seu legítimo antecessor, António José de Almeida, caprichou em ter as melhores relações com ambas as instituições, e não foi por isso que a I República deixou de cair poucos anos mais tarde...

O que se passou este ano durante as comemorações do 25 de Abril dará que pensar a qualquer pessoa que não esteja deslumbrada pelo fogofátuo dos consensos aparentes e momentâneos: assim, o desfile militar foi extremamente reduzido, sendo já de prever o brilhantismo do próximo «tattoo»...; o CEMGFA, impondo o seu protocolo ao protocolo do senso comum, permitiu-se fazer ler a sua mensagem por entre o ar de grande naturalidade afivelado pelo ministro da Defesa, primeiro-ministro e pelo Presidente da República!

Ainda o ano passado, num artigo publicado no *Diário de Notícias*, a 30 de Abril, e intitulado «Dificuldades nas comemorações de Abril», me havia referido a esta comédia de enganos a que se dedicam alguns responsáveis máximos do regime a propósito do 25 de Abril. E escrevi então:

«O actual CEMGFA naturalmente não teria um grande interesse em orar demasiado sobre o 25 de Abril de 74, a que assistiu em Angola com as reservas mentais que se podem adivinhar. Para ele o silêncio, ou o comedimento, na celebração da data devem-lhe saber muito bem.»

Um ano depois pergunta-se: Será tudo assim tão normal no funcionamento das instituições democráticas?

A continuar o baixo nível de con-

tuções políticas todos estes «ruídos» continuarão a serem abafados pela orquestração geral.

Mas, o que é certo, é haver hoje a sensação de que a conflitualidade natural numa sociedade aberta como a nossa não está a passar com a intensidade normal através das instituições políticas democráticas. A actual fase de «anémia» conflitual nada postula de bom para o futuro.

Ora, aproximando-se tempos de grandes opções, em Portugal, quer a nível das diferentes arquitecturas europeias quer a nível da gestão de algumas das consequências da adesão de Portugal à CEE, não será para admirar que apareçam forças, instituições e individualidades a pretenderem tudo pôr em questão. A própria dificuldade das opções a tomar (sendo algumas delas de natureza dilemática) poderá favorecer o impacto de novas propostas alternativas ao sistema e ao regime. Algumas dessas propostas serão de carácter democrático; outras nem por isso.

Uma próxima eleição presidencial sem grande participação popular, um futuro governo minoritário de base socialista, a passagem do PSD para a oposição e a *viuvez* dos interesses instalados, a previsível pujança de uma certa imprensa sem grandes tradições democráticas e deontológicas, podem então criar um clima de «guerra civil fria», para citar a expressão feliz de um jovem que se pretende ideólogo da verdadeira direita portuguesa.

A excelência diurna da actual luz solar estará a encobrir-me a vista quando a coloco sobre a linha do horizonte? Tanto melhor.

Até porque o pior nem sempre acontece!

INTERNACIONAL

Em busca de apoios internacionais

Primeira-ministra da Lituânia é recebida amanhã por Bush

A primeira-ministra da Lituânia, que visita os Estados Unidos a partir de amanhã, disse que pedirá ao Presidente norte-americano, George Bush, que tente persuadir a União Soviética a quebrar o bloqueio económico imposto à república há duas semanas e reconheça a sua declaração de independência.

Kazimiera Prunskiene disse aos lituanos do Canadá, durante um encontro em Toronto, que Bush e o Presidente soviético, Mikhail Gorbachev, tinham oportunidade de fazer história na sua próxima cimeira, marcada para o fim deste mês, se reconhecessem a Lituânia como um Estado independente.

Prunskiene deverá reunir-se amanhã com Bush, durante uma deslocação a Washington.

Acompanhada pelo ministro lituano do Comércio e pelo director dos Assuntos Comerciais, Kazimiera Prun-

skiene encontra-se no Canadá, procurando novos parceiros comerciais e apoio político internacional.

Prunskiene declarou que não tinham sido assinados contratos comerciais concretos, mas que haviam sido estabelecidos contactos significativos para explorar o comércio futuro.

A porta-voz da Casa Branca disse entretanto que o encontro do Presidente Bush com a primeira-ministra Prunskiene não representa qualquer mudança da política norte-americana em relação ao problema da Lituânia.

«O Presidente acha que é importante ter uma avaliação autorizada e uma descrição dos acontecimentos na Lituânia... ele recebe-a enquanto representante reconhecida e livremente eleita do povo lituano», disse a porta-voz, Marlin Fitzwater.

O encontro de Bush com Prunskiene, com duração prevista de meia hora, será o primeiro contacto oficial

entre Washington e o Governo de Vilna.

Esperanças norte-americanas

Os Estados Unidos nunca reconheceram a anexação soviética em 1940 das repúblicas bálticas, mas recusaram o reconhecimento da república rebelde, que declarou independência em 11 de Março passado.

O vice-Presidente norte-americano, Dan Quayle, por seu turno, disse que os Estados Unidos pensam que a tentativa de independência da Lituânia da União Soviética pode ser resolvida pacificamente, através de negociações com Moscovo.

Num encontro com jornalistas ocidentais, Quayle afirmou que o Presidente soviético, Mikhail Gorbachev, percebeu claramente que o Presidente norte-americano, George Bush, «apoia o povo da Lituânia e o seu movimento para a autodeterminação».

«Temos esperança que o

resultado seja de diálogo e que o assunto seja resolvido pacificamente e sem violência», afirmou Quayle, dias antes do início da sua primeira visita à Europa como vice-Presidente dos Estados Unidos.

Racionamento alimentar

Entretanto o racionamento da maior parte dos alimentos entrou em vigor na Lituânia, sendo as senhas distribuídas hoje à população.

O racionamento surgiu como consequência do bloqueio económico imposto por Moscovo.

Daina Kalendra, do gabinete de Imprensa da Assembleia local, disse que nos meses de Maio e Junho cada pessoa terá direito a dois quilos de açúcar, um quilo de macarrão, dois quilos de cereais, um quilo de sal, dois quilos de farinha e 250 gramas de manteiga ou margarina.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

B R E V E S

Oposição romena ameaça boicotar eleições

O Governo interino romeno disse ontem que tentará garantir a justiça nas eleições de 20 de Maio enquanto os cinco maiores partidos da oposição ameaçam boicotar o acto eleitoral, a menos que o Governo provisório adie a data do plebiscito para o Outono. A oposição romena acusa a Frente de Salvação Nacional (FSN) de utilizar fundos públicos para ganhar as eleições, «tal como Ceausescu fazia», e alega que se impõe o adiamento das eleições porque a oposição foi «impedida de iniciar a sua campanha em condições democráticas». As manifestações contra a FSN e o presidente Iliescu sucedem-se há nove dias no país e, no domingo, 40 mil pessoas inundaram a Praça Victoria, em Bucareste.

Perez de Cuellar em périplo europeu

O secretário-geral das Nações Unidas, Javier Perez de Cuellar, inicia hoje, na Áustria, uma viagem de 11 dias por vários países europeus, entre os quais se inclui a Albânia - que será assim visitada pela primeira vez por um secretário-geral da ONU. Cuellar estará na Áustria até sexta-feira, na Checoslováquia de 5 a 7 de Maio, na Hungria de 8 a 10 e na Albânia nos dias 11 e 12. Passará o dia 13 em Roma de onde regressará a Nova Iorque.

Parlamento húngaro elege presidente

O primeiro Parlamento húngaro livremente eleito desde 1945 reúne-se hoje para escolher um presidente que se tornará também no chefe de Estado provisório, em substituição do socialista Matyas Szuros. O novo Parlamento foi eleito em duas voltas que culminaram a 8 de Abril com a esmagadora vitória do Fórum Democrático, que obteve 43 por cento dos votos.

Washington lança apelo a Israel

A libertação de um refém norte-americano

A Administração norte-americana lançou hoje um apelo muito prudente a Israel, para que contribua para a libertação dos reféns no Líbano, evitando cuidadosamente qualquer declaração que pudesse ser entendida como pressão, disseram fontes diplomáticas em Washington.

Na sequência da libertação de um segundo refém norte-americano, Frank Reed, a Casa Branca renovou os seus agradecimentos à Síria e ao Irão pelo seu papel nesse processo, mas não revelou a intenção de normalizar as relações com Teerão, tanto mais que ainda existem seis reféns americanos ainda cativos no Líbano.

Washington apelou à libertação de todos os reféns no Médio Oriente, mas tanto o Presidente Bush, como a porta-voz Marlin Fitzwater, não indicaram expressamente se os prisioneiros xiitas em Israel, cuja libertação é pedida pelo Irão, podem ser consideradas como reféns.

O embaixador dos EUA na Síria, Edward Djerejian, declarou ao canal de televisão NBC que os Estados Unidos «prevêm que os reféns, as pessoas detidas contra a vontade, deverão ser libertados por humanidade». Djerejian é o homem que tem mantido contactos com os sírios e foi por eles informado do papel desempenhado pelo Irão.

Entretanto o refém norte-americano libertado na segunda-feira, em Beirute, Frank Reed, encontra-se desde ontem em Frankfurt, onde deverá permanecer durante três dias, para ser submetido a exames médicos.

Reed, de 57 anos, ex-director da escola particular internacional libanesa, cargo que desempenhava quando foi raptado a 9 de Setembro, pela «Organização do Amanhecer Islâmico», passou a maior parte dos 43 meses de cativeiro com os olhos vendados.

Entretanto a mulher e um filho menor de Reed seguiram para Frankfurt, para se lhe juntarem antes do seu regresso a Boston.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

Conferência «dois mais quatro»

Unificação alemã suscita intensa actividade diplomática

Nas vésperas da primeira conferência interministerial «dois mais quatro», a realizar no próximo sábado, que reúne a RFA, RDA, União Soviética, Estados Unidos, Reino Unido e França, onde deverão ser discutidos os aspectos exteriores da unificação alemã, tem-se assistido a uma intensa actividade diplomática à volta desta questão.

Na passada segunda-feira, em Berlim Oriental, reuniram-se peritos destes seis países a fim de estabelecer uma agenda para a reunião de sábado. No entanto, não foram adiantados quaisquer promenores do encontro, nem os pontos da agenda, ficando-se somente a saber oficialmente, o que alias já era do conhecimento de todos, que a questão das fronteiras germanopolacas estará no centro do debate. Quanto à participação da Polónia na reunião de sábado, o diferendo entre alemães e ex-aliados da II Guerra Mundial não parece estar ainda totalmente solucionado. Tudo indica que as modalidades do convite à Polónia para participar nas conversações «dois mais quatro», será também um dos pontos na agenda da reunião de sábado.

À margem dos encontros pré-estabelecidos para preparar a reunião interministerial, o chefe da diplomacia de Bona, Hans-Diet-

rich Genscher, promoveu um encontro entre os seus homólogos dos Estados Unidos, James Baker, e da União Soviética, Eduard Shevardnadze, a realizar sexta-feira em Bona. O tema central da reunião com Baker e Shevardnadze será a permanência, ou não, na NATO, do Estado alemão após a unificação, disse Genscher em declarações a uma rádio alemã-federal.

URSS poderá mudar de posição

A posição da União Soviética, que defende o não alinhamento da futura Alemanha unida, não parece ser definitiva, o que tem levado a diplomacia de Bona, segundo observadores, a oferecer incentivos económicos a Moscovo para «suavizar» a sua posição. Tudo leva a crer, pois, que uma

das questões em debate na passada segunda-feira, em Berlim Oriental, terá sido a negociação das contrapartidas a oferecer à URSS em troca da permanência da Alemanha na NATO.

Inicialmente, a União Soviética defendia que, depois de unificada, a Alemanha deveria permanecer neutral, alegando que a sua integração na NATO significaria o fim do equilíbrio de forças entre os dois blocos militares. No entanto, e depois da visita a Moscovo do primeiro-ministro da RFA, Lothar de Maizière, no passado fim de semana, Gorbachev terá dado a entender, segundo de Maizière, que aceitaria uma Alemanha unificada dentro da NATO se houvesse alterações estratégicas e estruturais no bloco ocidental.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

EUA e Grã-Bretanha restringem gastos da Defesa

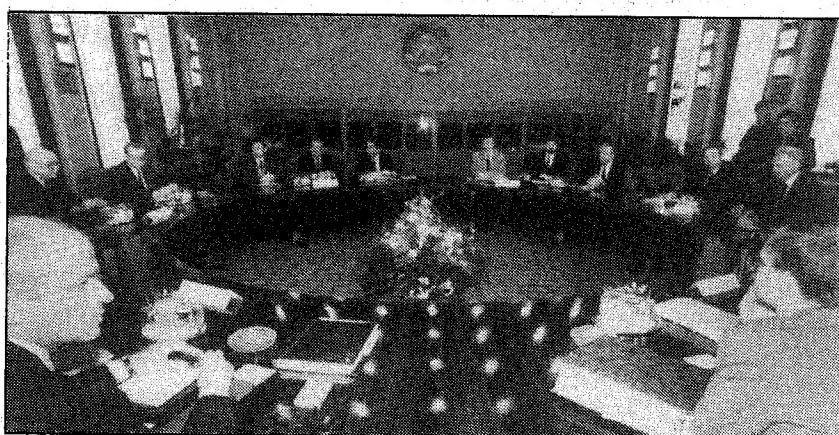
O secretário norte-americano da Defesa, Dick Cheney, decidiu prolongar o congelamento de sete mil milhões de dólares (mil e 50 milhões de contos) destinados à construção de instalações militares.

Cheney, que ordenou ainda a revisão de 207 projectos para possível cancelamento, referiu-se ainda à «enorme incerteza» quanto ao orçamento para o sector da Defesa e ordenou aos departamentos militares que não façam qualquer contrato de construção, tendo em conta que se prevê para os próximos cinco anos uma redução substancial dos dois milhões de activos nas forças militares norte-americanas.

Na Grã-Bretanha, os gastos da Defesa sofrerão este ano um corte de 560 milhões de dólares (cerca de 84 milhões de contos), devido a um aumento da inflação superior ao previsto, anunciou ontem o ministro da defesa, Tom King.

O ministro comentou que os cortes orçamentais não terão qualquer importância nas obrigações contraídas pelo Governo para manter pelo menos 50 navios de superfície na frota britânica, a que se juntara um pedido de pelo menos três novas fragatas.

Lusa



Aspecto da reunião de peritos da conferência «dois mais quatro», que preparou a agenda para a reunião interministerial do próximo sábado

■ CARTA DE MOSCOVO

URSS-China: cada um com o seu modelo

A visita a Moscovo do primeiro-ministro chinês, Li Peng, que há apenas dois anos atrás poderia ter sido considerada «histórica», não conseguiu desviar os soviéticos das suas preocupações políticas quotidianas, da discussão da próxima radicalização da reforma económica, ou das consequências do desastre de Chernobyl.

É verdade que, ora aqui ora acolá, nas ruas da capital ou no interior do edifício do Soviete de Moscovo, conquistado nas últimas eleições pela oposição radical de esquerda, do bloco «Rússia Democrática» houve protestos contra a visita do dirigente chinês, por causa da política de «maior firmeza» praticada pela direcção chinesa, desde as manifestações estudantis do Verão do ano passado, na Praça Tiananmen, em Pequim.

Mas, na realidade, o que mais preocupa os moscovitas são as desordens nas praças e ruas da sua cidade, arena de luta política, e a falta de tudo nas lojas e empresas de serviços, herança deixada pela economia administrativa à economia de mercado.

As preocupações económicas também dominaram as conversações tidas por Li Peng com o seu homólogo soviético, Nikolai Rizhkov, e foram igualmente focadas no encontro com Gorbachev. Traduziram-se na assinatura de um «Programa de desenvolvimento da cooperação económica e científico-técnica até ao ano 2000», pelos dois países.

A cooperação está orientada para as esferas da alta «alta tecnologia», segundo a expressão dos comunicados oficiais, mas não põe de lado os sectores tradicionais, que aliás revelam grande dinamismo.

Nos primeiros nove meses do ano passado (últimos números conhecidos) o comércio bilateral cresceu 29,5 por cento, em relação a idêntico período do ano passado, situando-se nos 1.632 milhões de rublos.

Aquele programa até ao ano 2000, está ligado um acordo sobre cooperação na exploração do espaço e uma troca de créditos para a importação de bens de consumo pela União Soviética e para a construção na China de uma central atómica com assistência soviética.

O domínio dos temas económicos não excluiu avanços noutros sectores. Foi assinado pelos ministros dos Negócios Estrangeiros dos dois países um acordo de princípios básicos sobre a redução mútua de armamentos e tropas e a consolidação da

confiança na zona da fronteira comum, com mais de 7.000 quilómetros. Chegou-se também à consideração de que a fronteira entre os dois países, que foi alvo de disputas no ano passado, e é alvo de negociações entre Moscovo e Pequim, está estabelecida em 90 por cento dela.

Mas o que despertava maior curiosidade nos meios jornalísticos nacionais e internacionais era saber de que forma os dois países encaravam as respectivas reformas, na China iniciadas no longínquo ano de 1978, e na URSS a partir de 1985. Ambos os países reclamam-se do socialismo. Nos anos 50 foram aliados, mas a partir da década de 60, as relações envenenaram-se numa dura disputa política e ideológica sobre modelos de socialismo, por vezes à beira do conflito armado, que só terminou formalmente com a visita de Gorbachev a Pequim, no Verão do ano passado.

O comunicado da Tass sobre o encontro de Gorbachev com Li Peng diz que «os participantes no encontro manifestaram a opinião comum de que não existem quaisquer modelos e padrões da realização das ideias e princípios socialistas, que sejam obrigatórios para todos».

Enquanto Gorbachev frisava que a Perestroika soviética pretendia renovar o socialismo, no quadro de um processo de reformas, evitando uma «confrontação prenhe de violências», Li Peng acentuava os aspectos da «estabilidade social», que neste momento dominam a política de reformas da direcção chinesa.

É patente que dos dois lados se procura não produzir juízos sobre as vias das reformas nos dois colossos socialistas. Nenhum dos Governos tem nada a dizer ao facto de Moscovo ter privilegiado as reformas políticas no âmbito da sua reestruturação, continuando a adiar a introdução de grandes reformas económicas, ou de Pequim ter dado preferência à criação, primeiro, de uma economia de mercado, estando hoje reticente a abandonar princípios como o monopólio político do Partido Comunista.

A visita do primeiro-ministro chinês, num clima de trabalho, longe da pompa habitual de anos passados, é talvez uma das provas mais concludentes da desideologização das relações internacionais, inclusive nas relações entre Estados que pertencem ao mesmo sistema social e são governados por membros dos Partidos Comunistas respectivos.



Guennadi Petrov

■ CARTA DE WASHINGTON

União Soviética: a grande crise

O presidente Bush teve grande cuidado em enviar uma mensagem ao presidente Gorbachev: «Não queremos agravar os seus problemas na Lituânia. Mas não nos sentimos satisfeitos com o seu comportamento ali. E, embora tenhamos decidido avançar com as conversações sobre redução de armamentos, a cimeira em Washington, e novos acordos comerciais, esperamos que não irá mais longe na Lituânia, ou noutra parte qualquer».

Trata-se, a nível superficial, de um ramo de oliveira, mas encerra uma ameaça. Pois Bush tem consciência de que a situação que Gorbachev enfrenta está a piorar de dia para dia. Na semana passada, um grupo dos principais economistas soviéticos visitou o Instituto de Empreendimentos Americano, em Washington, onde trabalhou. As suas declarações foram extremamente alarmantes.

Segundo esses homens - que se encontram entre os conselheiros mais eminentes de Gorbachev -, a economia soviética está numa situação desesperada, e cada um deles utilizou, virtualmente, a expressão «guerra civil» para descrever o estado da sociedade soviética. Todos previram uma onda crescente de agitação civil para a Primavera e o Verão, e nenhum deles tinha qualquer noção clara de como a União Soviética poderá sair, com êxito, das actuais crises.

Entretanto, nos próprios Estados bálticos, regista-se um apoio crescente aos lituanos sitiados.

- Na Letónia, por exemplo, haverá uma segunda volta de eleições parlamentares no próximo dia 29, e, se o grupo pró-independência conquistar 10 dos 19 lugares em disputa - e a maioria dos observadores acredita que sim -, então será proclamada a independência. Embora tencionem adoptar uma fórmula diferente da que foi seguida pelos lituanos, a ameaça a Gorbachev será exactamente a mesma do que a representada por Vilnius.

- Na Estónia, o novo governo anunciou que não aceitará o bloqueio soviético à Lituânia. Quando tentaram enviar abastecimentos para a Lituânia por caminho de ferro, as tropas soviéticas interceptaram-nos na fronteira lituana. Por isso, os estonianos recorreram ao contrabando de bens para a Lituânia em veículos particulares.

- No Uzbequistão, que é o principal fornecedor de algodão na União Soviética, existe um verdadeiro boicote contra o Kremlin. Os seus habitantes limitaram forte-

mente as exportações de algodão, produtos frutícolas e quase todos os bens manufacturados para o resto da União Soviética, alegando que a actual situação de emergência económica exige que todos os seus bens permaneçam na República do Uzbequistão.

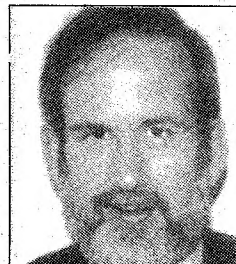
É isto é, apenas, o começo. Os trabalhadores do petróleo e do gás na Sibéria anunciaram a sua intenção de entrar em greve a breve trecho (adiaram a paralisação por várias semanas, mas tornaram claro que seria, apenas, um breve interlúdio), e é provável que sejam seguidos pelos mineiros da região de Dombass, e pelos ferroviários de todo o país.

E, como se isto não fosse suficientemente grave, os soviéticos começaram a atrasar o pagamento de dívidas a países estrangeiros. O Governo francês já não assegura as vendas para a União Soviética. E a Dupont, a enorme companhia química nos Estados Unidos, anunciou publicamente que os soviéticos estão vários meses em atraso no pagamento de materiais já entregues.

Perante a crescente gravidade desta crise, Gorbachev lançou uma campanha de carácter populista, proferindo discursos por todo o país num esforço para conseguir colocar a opinião pública do seu lado. Mas trata-se de uma farsa, e os trabalhadores soviéticos sabem-no. Pois, se Gorbachev tivesse ideias claras, ou um programa coerente, não os teria já anunciado?

Tudo isto é conhecido na Casa Branca, e explica o motivo pelo qual Bush está a ser tão brando com Gorbachev. Pois nenhum dos principais especialistas americanos acredita que a União Soviética possa sobreviver, tal como está, à actual crise. E nenhum deles consegue prever, com alguma certeza, qual será o estado da União Soviética dentro de alguns meses. É duvidoso que os Estados Unidos venham a desempenhar um papel importante neste drama e é por isso que o presidente formula a sua política soviética tendo em conta o eleitorado nacional: não quer dar a ideia de estar a dificultar ainda mais a vida de Gorbachev.

Mas sabe que a crise soviética está, rapidamente, a atingir um ponto do qual não será possível recuar, e tem a certeza de que 1990 irá ser um ano muito dramático. Dentro de poucos meses, a Lituânia será, apenas, uma recordação longínqua de um problema relativamente menor, em comparação com o que aguarda o Império soviético.



Michael Ledeen

(Tradução de Isabel Joyce)

A MOBILADORA SILVENSE

DE

José dos Santos Mourinho & Filhos, Lda.

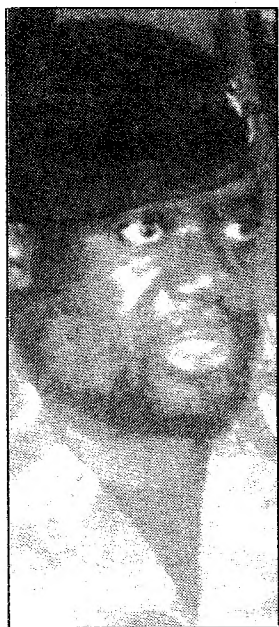
MOBÍLIAS • COLCHÕES DE MOLAS E DE ESPUMA • ESPUMA • ESTOFOS • TAPEÇARIAS • ELECTRODOMÉSTICOS • RÁDIOS • TV • AGENTES AUTORIZADOS DAS MARCAS AEG - TELEFUNKEN - SIEMENS

ESSO GÁS • AGÊNCIA FUNERÁRIA

☎ 442568 (móveis) — ☎ 442238 (electrodomésticos) — ☎ 442852 (agência funerária)
Rua Miguel Bombarda, 4-14

8300 SILVES

INTERNACIONAL



Savimbi

Propondo um encontro directo entre Savimbi e Eduardo dos Santos

UNITA aposta nas concessões

Mais um obstáculo à paz angolana foi ontem superado quando a UNITA, num comunicado enviado à agência Lusa, afirmou reconhecer o presidente Eduardo dos Santos como «chefe do Estado angolano saído dos acordos de Alvor» e propôs «um encontro directo e urgente entre o presidente angolano e Jonas Savimbi em Portugal ou Kinshasa, no Zaire». No comunicado, assinado por Savimbi, a UNITA pede a Eduardo dos Santos que «esteja acima das polémicas políticas para arbitrar o conflito» e especifica que o movimento rebelde deve ser reconhecido pelo Governo de Luanda como «oposição oficial ao regime». Após o «desejado encontro» entre o presidente angolano e o líder rebelde, Savimbi pede que «sejam libertados todos os pr-

isioneiros que, em 15 anos, foram conotados com a UNITA.

Já na segunda-feira a UNITA - cujo bureau político se reuniu de emergência no domingo - manifestara o desejo de assinar em Junho o cessar-fogo com as autoridades de Luanda e, num comunicado igualmente subscrito por Savimbi, anunciara o fim de «toda a propaganda hostil ao Governo e seus dirigentes». Savimbi pretende agora que «ambas as partes» reconheçam que, além dele próprio e do presidente angolano, «há em Angola espaço para outras sensibilidades políticas» e ainda que seja aceite «a mediação de Portugal, devendo Mobutu Sese Seko permanecer o mediador oficial».

Apesar do inegável fracasso da

mediação do presidente zairense, a UNITA, numa posição conivente com Washington, realça o facto de o «Zaire ser um importante país vizinho de Angola e de Mobutu ter sido designado como mediador pelo grupo de oito países africanos reunidos em Maio de 1989, em Luanda». Além de advogar a permanência de Mobutu na mediação oficial, o movimento de Savimbi propõe para observadores do processo para a paz de Angola, «ao nível que os angolanos quiserem», o sub-secretário de Estado norte-americano para os Assuntos Africanos, Herman Cohen, o secretário de Estado português dos Negócios Estrangeiros e Cooperação, Durão Barroso, o embaixador cubano Carlos Aldana e o embaixador soviético

Anatoli Adamichine.

No entender de Savimbi deveriam participar ainda outras personalidades no encorajamento do diálogo, entre as quais Mário Soares, Filipe Gonzalez e o chanceler alemão-federal, Helmut Kohl. O comunicado termina afirmando que as tropas da UNITA «estão na mó de cima» e adverte para que «as concessões agora apresentadas tenham resposta por parte de Luanda». O movimento rebelde pediu, entretanto, a uma grande produtora de petróleo angolano, a Chevron Corp, durante a reunião anual da empresa ontem realizada em São Francisco, que congele as receitas das suas actividades em Angola até que se realizem eleições livres no país.

M.T./Lusa

ANC e Governo sul-africano iniciam hoje conversações

Tanto o Congresso Nacional Africano como o Governo de Pretória rodearam-se de algumas cautelas de modo a «não inflacionar as expectativas» criadas à volta do encontro que esta tarde reunirá, pela primeira vez na história da África do Sul, delegações do ANC e do Governo sul-africano.

Para já, o encontro visa o confronto de posições com vista ao levantamento dos principais obstáculos que se põe às conversações formais sobre a revisão da constituição e, consequentemente, ao fim do *apartheid*, na África do Sul. O levantamento do estado de emergência, a libertação incondicional de todos os prisioneiros políticos sul-africanos, o regresso de todos os activistas anti-*apartheid* no exílio e a retirada das tropas governamentais dos bairros negros, são as principais exigências feitas pelo ANC. Pretória, por seu lado, põe como pré-condição para a satisfação destas exigências, a suspensão ou mesmo o abandono da luta armada por parte da organização liderada por Nelson Mandela. Estes são considerados pelos observadores como os pontos principais que dominarão a agenda das conversações - que no entanto, não foi revelada oficialmente -, que se desenrolarão durante os próximos três dias.

Apesar das cautelas assumidas por ambas as partes - as conversações foram mesmo apresentadas como «negociações acerca de futuras negociações» - parece óbvio o empenho quer do ANC quer de Pretória no encontro desta tarde. Trata-se, sem dúvida, mais do que um encontro preparatório, a analisar, de resto, pela presença do próprio Nelson Mandela, vice-presidente do ANC, e do Presidente sul-africano, Frederik De Klerk. Por outro lado, tanto Pretória como o ANC apresentam delegações de luxo e é muito possível que para a próxima sexta-feira estejam reservadas algumas surpresas, caso se consiga um clima de confiança necessário para levar à flexibilização das posições de ambas as partes.

As conversações entre os líderes do ANC e do Governo da África do Sul estavam previstas para 10 de Abril e foram adiadas, oficialmente, devido à intervenção da polícia no bairro negro de Sebokeng, de que resultaram pelo menos 7 mortos. Mas segundo um porta-voz do ANC citado pela Lusa a principal razão do adiamento prendeu-se com «problemas de organização. (...) Não estávamos preparados para as negociações» referiu ainda aquele porta-voz.

Redacção «DL»/Lusa

Renamo propõe Portugal para negociações de paz

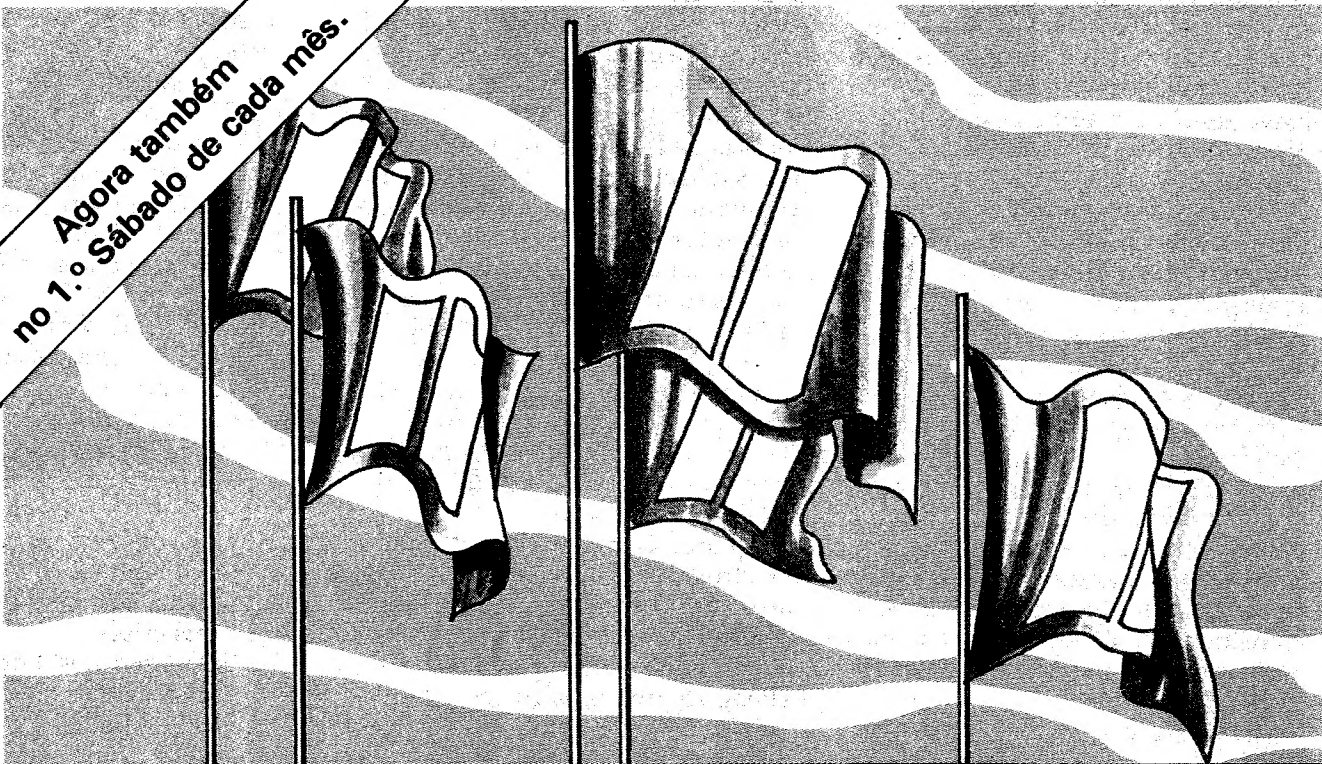
Portugal poderá ser o palco de futuras negociações entre os rebeldes da Renamo e o Governo de Moçambique. Esta hipótese parece agora cada vez mais plausível, uma vez que a própria Renamo apresentou Portugal como alternativa à proposta avançada por Maputo de negociações no Malawi. A iniciativa da Renamo foi ontem divulgada pelo Presidente Joaquim Chissano, durante um comício em Maputo por ocasião das comemorações do 1º Maio.

Embora ainda não existam reacções oficiais quanto à proposta dos rebeldes não é

previsível que o Governo de Moçambique deixe cair esta oportunidade, uma vez que a escolha do local tem sido, aparentemente, o único obstáculo que se levanta ao início de conversações entre os dois beligerantes no conflito. Entretanto, segundo ainda Joaquim Chissano, estão já a efectuar-se intensos contactos diplomáticos para o início das conversações: «não queremos perder um minuto que seja para entrarmos em diálogo e acabarmos com a guerra» - afirmou o Presidente moçambicano.

Redacção «DL»/Lusa

Agora também
no 1.º Sábado de cada mês.



Sistema Usado Seguro



Sistema Usado Seguro

Fiat Auto Portuguesa, S.A.

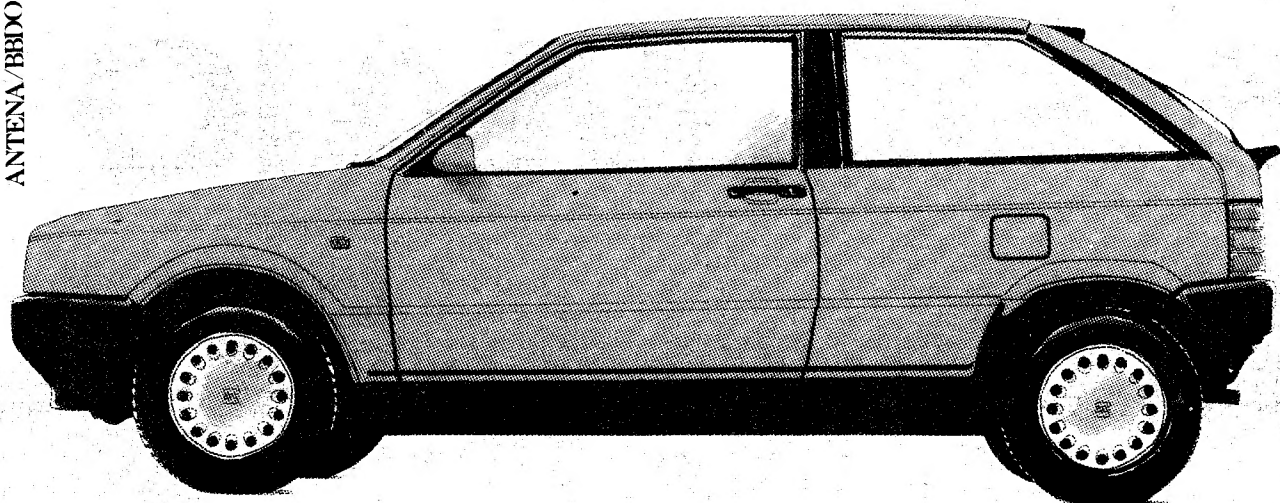


Só no Sistema Usado Seguro o seu novo carro é verdadeiramente seguro.

Modelos Fiat, Lancia e de várias outras marcas, rigorosamente seleccionados, com a garantia do Sistema Usado Seguro, crédito especial, recondição programado, preço à vista e assistência total!

Venha conhecer os seis pontos reais da qualidade e as modernas instalações do Sistema Usado Seguro na Fiat em Alfragide.

ANTENA/BBD



A PARTIR
CONCI

FAÇA DO
O SEU
NÚMERO
DA SORT

Diário de M

PIR DE 6 DE MAIO URSO "MAIS DN."

14 DURANTE **14** SEMANAS,
GANHE **14** AUTOMÓVEIS
COM OS **14** SUPLEMENTOS
DO DIÁRIO DE NOTÍCIAS.

**CONCURSO "MAIS DN".
MAIS 14 RAZÕES PARA LER
O DIÁRIO DE NOTÍCIAS.
PARTICIPE!**

otícias



ECONOMIA

B R E V E S

George Knight reforça-se a nível internacional

A empresa portuguesa George Knight aderiu a uma das maiores redes imobiliárias internacionais, que liga o mercado europeu ao norte-americano. O facto ocorre em resultado do acordo efectuado pela Healey & Baker (representada em Portugal pela George Knight) e a Cushman & Wakefield, uma das principais firmas imobiliárias dos Estados Unidos.

Phillips/Whirlpool vendeu 1,4 milhões em dois dias

A IREMDA, distribuidora em Portugal dos electrodomésticos Whirlpool e Phillips/Whirlpool, vendeu produtos no valor de 1,4 milhões de contos em duas reuniões diárias que promoveu no Estoril e em Espinho. Em 1989 as vendas desta empresa foram de quatro milhões de contos, prevendo-se que este ano ascendam a 4,8 milhões.

BNU facilita compra de computadores

O Banco Nacional Ultramarino assinou um protocolo com oito associações de estudantes do Porto, através do qual cria uma linha de crédito para facilitar a compra de computadores pessoais a alunos das universidades. Os beneficiários têm de ter idade até 25 anos e serem titulares de uma «Conta Contigo». O pedido de empréstimo pode ir até aos 400 contos, sendo liquidado em prestações de cinco mil escudos nos primeiros cinco anos e de 20 mil nos seguintes.

JWT trata imagem do Continente

A agência de publicidade J. Walter Thompson foi seleccionada para assegurar a renovação da imagem da cadeia de hipermercados Modelo Continente. «O Continente evolui. Somos líderes de mercado e queremos continuar a crescer e a servir melhor, mantendo sempre a vantagem preço que tem caracterizado o nosso sucesso», afirma Vicente Dias, director de Marketing da referida cadeia, para sustentar a renovação da imagem.

Electrodomésticos: mercado potencialmente atractivo

A Lartécnica abre hoje ao público e mostra novidades que todos podem apreciar, mas que poucos podem comprar

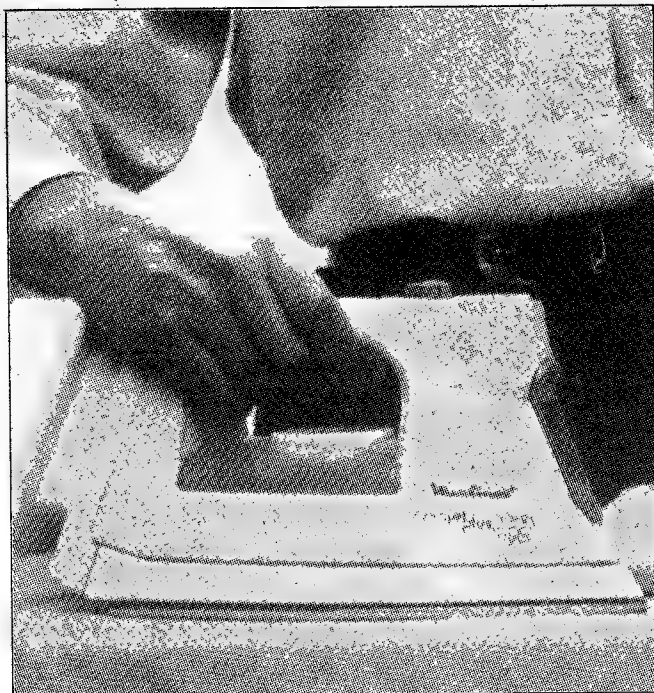
A partir de hoje e até ao dia 6, está patente na FIL a Lartécnica/90, Salão Internacional dos Artigos Domésticos e Electrodomésticos, que contará com 352 expositores, 277 dos quais directos e, destes, 75 estrangeiros, a mostrar que, apesar de estar em retracção de consumo, o mercado português é potencialmente atractivo.

Embora cada marca guarde para a abertura do certame as novidades, desde já se pode dizer que o design é a grande atracção. Mas está também já anunciado um ferro de engomar «auto-suficiente», em que o próprio descanso serve de acumulador de energia. No que se refere às máquinas de lavar, novos sistemas mecânicos e maiores capacidades de programação são anunciadas.

A Lartécnica surge numa altura em que o mercado português de electrodomésticos sai de um ano em que a sua evolução foi fortemente condicionada pelo pacote de medidas de política económica do Governo.

O ritmo de expansão deste mercado, que se vinha registando em 1987 e 1988, foi contido pelo efeito conjunto das restrições administrativas impostas à aquisição de alguns bens de consumo duradouro, do abrandamento do ritmo do crescimento dos salários reais e da quebra registada na compra de habitação própria.

Entretanto, Portugal con-



Electrodomésticos: Portugal longe da Europa

tinua a ser o país da Europa Comunitária com as mais baixas taxas de posse no lar de electrodomésticos. Por exemplo, só cerca de metade dos agregados familiares portugueses possuem máquina de lavar roupa. E não que se refere a máquinas de lavar loiça a situação é bem pior: menos de 80 em cada mil.

De referir ainda que, em 1989, apenas 48,5 por cento dos agregados familiares tinham aspirador e 30 por cento arca congeladora. Já no que se refere a frigoríficos a

situação é bem melhor: 90,1 por cento. Quer isto dizer que o mercado português ainda é aliciante para os produtores de electrodomésticos, pese embora os referidos condicionamentos que afectam a capacidade de compra.

Não espanta, portanto, o grande número de expositores directos estrangeiros presente na Lartécnica 90, nomeadamente da Austrália, Bélgica, Brasil, Dinamarca, Estados Unidos, Espanha, França, Holanda, Índia, Itália, Japão, México, Alemanha Federal, Reino Unido e Suíça.

Bolsas do Terceiro Mundo em expansão

Os mercados bolsistas do Terceiro Mundo registaram, no ano passado, de acordo com um estudo feito pela Sociedade Financeira Internacional (SFI), filial do Banco Mundial, uma actividade muito melhor que as praças financeiras dos países ricos, mantendo-se a perspectiva de que esse rápido aumento se mantenha durante os próximos anos.

O estudo, divulgado pela «France Presse», acrescenta que, dos cinco mercados com melhores resultados conseguidos em 1989, quatro estão em países em desenvolvimento, com a Turquia em primeiro lugar, com um aumento de 300,1 por cento, seguida da Argentina (136,1), Taiwan (95,3) e Tailândia (85,3). A Áustria, com uma subida de 101 por cento, é o único país industrializado que consta desta lista de máximos mundiais.

Os resultados, acrescenta o documento, não se encontram circunscritos a alguns países, já que o conjunto dos mercados do Terceiro Mundo registou, em 1989, um aumento de movimento de 46,7 por cento, o que é muito superior ao verificado em Wall Street, com 27,3, em Londres, com 21,1 e em Tóquio, com 12,2 por cento.

O documento da SFI, empresa especializada no apoio ao sector privado, foi feito com o estudo de 19 bolsas de valores de países em vias de desenvolvimento, sendo as variações de movimento de acções calculadas de acordo com índices próprios desta filial do Banco Mundial e expressas em dólares, a fim de ser evitadas flutuações de câmbio, frequentemente de grande valor, como acontece na América Latina.

O «grande sucesso» das bolsas dos países em vias de desenvolvimento é explicado com a diversificação de colocação dos capitais dos grandes investidores institucionais dos países desenvolvidos com acesso a tais mercados. Segundo disse William Rylie, vice-presidente da SFI, «o tamanho desses mercados deveria continuar a crescer rapidamente durante 1990», mas de forma essencialmente concentrada na Europa de Leste, onde já abriram mercados bolsistas, como aconteceu na Hungria e na Jugoslávia, bem como na América Latina, numa movimentação contrária à dos anos anteriores, altura em que esse desenvolvimento se verificou na Ásia.

Na realidade, os países asiáticos registaram os melhores resultados, com uma alta de 339 por cento, a partir de 1984, contra os 131 por cento verificados na América Latina. É também na Ásia que se encontram os maiores mercados: Taiwan, com uma capitalização bolsista de 237 milhares de milhões de dólares, ultrapassou a Suíça (190 mil milhões), enquanto que a Coreia do Sul, com 141 milhares de milhões, ultrapassou a Áustria.

COTAÇÕES

Companhia Geral de
CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)		
COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	46\$20	52\$20
ALEMANHA FED. (marco)	87\$45	88\$65
ÁUSTRIA (xelim)	12\$45	12\$65
BÉLGICA (franco)	4\$049	4\$299
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	126\$35	128\$85
(notas de 5 a 1000)	126\$85	129\$35
DINAMARCA (coroa)	23\$00	23\$40
ESPAÑA (peseta)	1\$351	1\$471
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	147\$15	150\$65
(notas de 5 a 1000)	147\$65	151\$15
FINLÂNDIA (marka)	36\$95	37\$55
FRANÇA (franco)	26\$05	26\$75
HOLANDA (florim)	77\$80	78\$90
IRLÂNDIA (libra)	23\$570	239\$70
ITÁLIA (lira)	\$109	\$124
JAPÃO (iene)	\$884	\$939
NORUEGA (coroa)	22\$50	23\$00
REINO UNIDO (libra)	241\$65	246\$15
SUÉCIA (coroa)	24\$10	24\$60
SUÍÇA (franco)	101\$00	102\$50
VENEZUELA (bolívar)	2\$624	3\$424

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

CONVOCATÓRIA

PARA COMEMORAÇÃO DO 30.º ANIVERSÁRIO DO

CURSO JURÍDICO 1955/60

da Faculdade de Direito de Lisboa

- 11 de Maio pelas 17h30, missa na Igreja Nossa Senhora de Fátima por alma dos professores e alunos já falecidos: pelas 18h00, visita à Faculdade de Direito de Lisboa. Cerca das 19h30 saída da Faculdade (autocarro disponível para o restaurante). Jantar às 20h30 no Restaurante Panorâmico de Monsanto com antigos colegas e professores.

- 12 de Maio, almoço-convívio no Hotel Golfmar do Vimeiro cerca das 13h00. Autocarro disponível com saída de Lisboa às 10h30 da Praça Marquês de Pombal.

JANTAR
Preço por pessoa — 6000\$00

ALMOÇO
Preço por pessoa — 5000\$00

INSCRIÇÕES: pelo telefone — 55 67 27

COM A COLABORAÇÃO DA

AP Tours
AIR PORTUGAL TOURS

QUOTIDIANO

Médicos dos Hospitais da Universidade de Coimbra não acreditam no rastreio que deu resultados alarmantes

Dúvidas sobre a Sida na Universidade

O director dos Hospitais da Universidade de Coimbra, Meliço Silvestre disse esta manhã, ao DL, não ter qualquer «fundamento e crédito» o rastreio à Sida que estudantes universitários terão realizado naquela cidade.

«Se houve algum rastreio, foi tão mal feito que não se podem tirar quaisquer conclusões, e muito menos conclusões científicas, tanto mais quando este assunto deve ser tratado com muita prudência e dignidade», afirmou o médico. «Ainda há quinze dias decorreu aqui uma reunião de prestígio para tratar

precisamente desta doença e ninguém falou nesse facto, a que pessoalmente não dou nenhum crédito», acrescentou. «Ignoro quem possa ter promovido tal rastreio», disse o médico que manifestou «sérias dúvidas» sobre os resultados divulgados.

Do mesmo modo, o director clínico do Hospital Geral da Colónia Portuguesa do Brasil, em Coimbra, Manuel Miraldo afirmou, ao nosso jornal, «desconhecer inteiramente» a realização do rastreio.

De acordo com uma fonte do gabinete de apoio ao estudante da Associação Ac-

adémica, citada pela Lusa, cerca de cinco por cento dos 600 estudantes da universidade de Coimbra que fizeram o teste da Sida são portadores do vírus da doença.

O coordenador do referido gabinete, que o DL não conseguiu contactar durante toda a manhã, indicou que 500 a 600 alunos se submeteram ao teste por iniciativa própria, «receando, por qualquer razão, ser portadores do vírus».

«Os testes revelaram que cinco por cento (entre 25 e 30) desses alunos são seropositivos», acrescentou. O maior número de portadores do

vírus da Sida encontra-se a população estudantil africana oriunda dos países de expressão portuguesa e entre alguns toxicod dependentes.

Para prevenir a propagação da doença, a Associação Académica vai dotar as suas instalações, a partir de amanhã, com uma máquina para venda de preservativos aos estudantes. Tem igualmente prevista a realização de uma campanha de sensibilização sobre a doença, que decorre hoje e amanhã, com a presença de representantes do grupo nacional de trabalho da Sida e da associação «Le Patriarche».

«Unicidade»

No texto com o título «A unicidade nunca existiu», publicado pelo DL a 30 de Abril, onde escrevemos (...) «o apelo à unidade do dirigente da Inter e a cautelosa defesa do coordenador da CGTP», queríamos obviamente dizer «o apelo à unidade do dirigente da UGT e a cautelosa defesa do coordenador da CGTP», como os leitores decerto se aperceberam. De referir que ao contrário do que disse ontem o líder da UGT no programa «1ª página» não publicámos quaisquer declarações insultuosas de João Silva, do Sindicato dos Metalúrgicos.

Os adjectivos usados por Torres Couto terão sido lidos em outro jornal, não no «Diário de Lisboa».

Adesão total à greve dos maquinistas da CP

A greve parcial dos maquinistas da CP, que hoje entrou no 63º dia, com uma adesão total, impediu a circulação de comboios de mercadorias e afectou em 70 por cento a de passageiros, disse fonte sindical.

Castelo Lopes, presidente do Sindicato dos Maquinistas da CP, afirmou que o novo ministro dos Transportes «continua a não dizer nada e a não receber o Sindicato», pelo que, admitiu, «a luta deverá continuar». A greve está a processar-se nos dias pares.



Os elementos anarquistas que promoveram uma pequena concentração na Praça da Figueira não conseguiram atrair os manifestantes da CGTP para a sua iniciativa

PSP prende anarquistas em cortejo sindical

Dez anarquistas foram ontem detidos na Baixa lisboeta, na sequência de confrontos com a polícia, durante o desfile do Primeiro de Maio promovido pela CGTP. Citando fonte policial, a agência Lusa refere que os detidos apedrejaram agentes da PSP que tentaram separar os anarquistas do cortejo, de forma a evitar «confusão» e «possíveis confrontos».

Da dezena de manifestantes levados para a Segunda Divisão da PSP, nos Olivais, para identificação, nove foram libertados e um ficou detido, para ser hoje apresentado ao juiz de instrução criminal. Este elemento é acusado, pela PSP, de ter sido reconhecido como autor material do apedrejamento de agentes e de viaturas da força policial.

Os anarquistas organizaram uma sessão de protesto na Praça da Figueira, mas a iniciativa não extravasou o âmbito dos seus pro-

motores. Registraram-se, contudo, pequenos confrontos com manifestantes da CGTP. A sessão foi promovida pelo grupos anarquistas «Urtiga» e «Acção Directa» e pelo Zine «Campo de Concentração», com carácter «antinacionalista, antirracista, antimilitarista e de crítica do trabalho assalariado», segundo os termos dum texto da autoria daquelas organizações.

Entretanto, o Partido Socialista Revolucionário (PSR) emitiu ontem um comunicado sobre esta ocorrência, em que critica «uma provocação de que o cortejo do PSR foi alvo por parte dos agentes da PSP». O texto acusa os agentes que «detiveram e algemaram um jovem militante do Partido da simples razão de o seu aspecto não agradar», sendo no entanto «forçados a libertá-lo pela atitude firme dos manifestantes».

B R E V E S

Estratégia Ibérica para o ambiente

Portugal e Espanha vão estabelecer uma estratégia conjunta para o meio ambiente, no seminário espanhol-luso sobre programas I+D na área ambiental, que se realiza amanhã e sexta-feira no Algarve. No seminário participam diferentes entidades de ambos os países que se dedicam a actividades de investigação e desenvolvimento, bem como as instituições comunitárias que promovem e financiam projectos relativos ao meio ambiente.

Obras no nó ferroviário começam na Amadora

A zona central da Amadora encerra, amanhã, ao trânsito, em virtude das obras de construção do nó ferroviário e da nova estação da CP. O projecto, avaliado em 600 mil contos a preços de 1968, vai ser executado em duas fases e tem como objectivos a eliminação da actual passagem de nível e a substituição dos edifícios da estação, que passam a ser subterrâneos.

Retrospectiva de cineasta na Queima da Fitas

O cineasta inglês Richard Philpott promove em Coimbra, de 4 a 10 de Maio, uma retrospectiva da sua obra, inserida na Queima da Fitas. Philpott, realizador documental e de cinema experimental, vai apresentar uma dezena de películas, que serão exibidas em ecrãs gigantes e triplos, durante os concertos das noites, no parque.



CÂMARA MUNICIPAL DE ODEMIRA

ALMOÇO/CONVÍVIO

EM 5 DE MAIO DE 1990

A Câmara Municipal comunica a todos os naturais e amigos do concelho de Odemira a realização de um almoço/convívio na data acima referida, promovido pelo Núcleo de Amigos do Concelho de Odemira, na Casa do Alentejo, em Lisboa.

Para inscrições: contactar

Casa do Alentejo e/ou
José Salgado Silvestre, em Lisboa,
pelo Telefone 988 13 09

LOTARIA POPULAR

1º - 079076	3 000 000\$00
2º - 169646	750 000\$00
3º - 118216	500 000\$00
4º - 112106	250 000\$00
Terminações em 9076	85 000\$00
Terminações em 076	60 000\$00
Terminações em 646	15 000\$00
Terminações em 216	4 000\$00
Terminações em 106	1 500\$00
Terminações em 09,26,37,76,80 e 97	500\$00

Como observar o cometa (só para madrugadores)

O espectáculo não é tão bom como se esperava, mas é bem melhor que a última visita do Halley

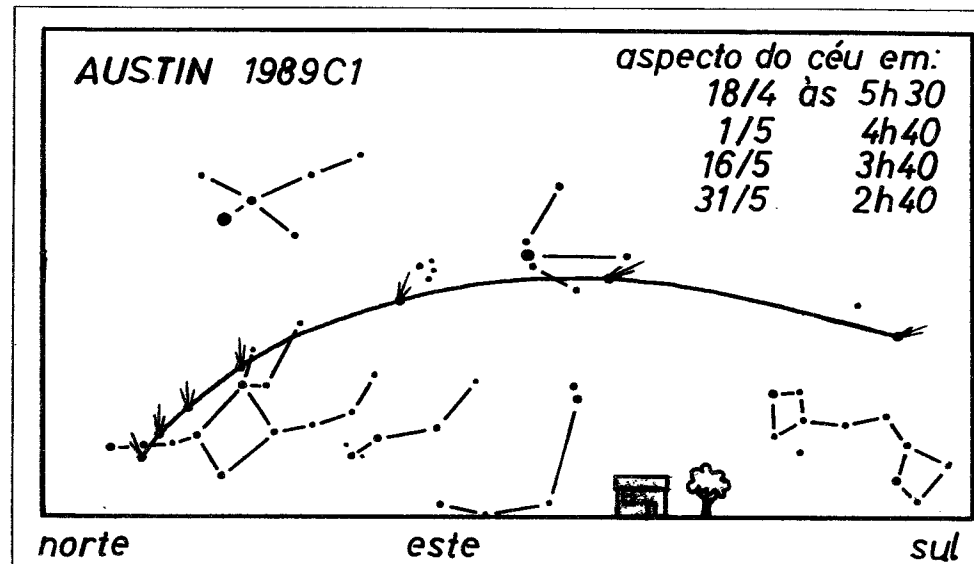
O cometa Austin já está aí nos nossos céus, embora a horas pouco cómodas para a sua observação (um pouco antes do nascer do sol) e causando uma certa desilusão quanto ao seu brilho.

No entanto, é bem melhor do que a última passagem do Halley, que representou um autêntico fiasco para o homem da rua, embora tenha constituído uma enorme fonte de informações para os cientistas, dados os sofisticados meios técnicos que então puderam ser utilizados.

O Austin não receberá tal tratamento especializado, já que surgiu inesperadamente no espaço e foi detectado por um astrónomo amador australiano, Rodney Austin, apenas em Dezembro passado.

De qualquer maneira, as primeiras observações permitem já assegurar que se trata de um cometa «completamente novo» e que procede (aliás como todos os outros) da chamada nuvem de Oort, situada nos extremos limites do sistema solar, para além do último dos planetas, Plutão.

Paralelamente, sabe-se já que o núcleo do Austin contém grande quantidade de gases congelados (metano e amoníaco, fundamentalmente), assim como vapor de água que está a perder a um ritmo de 100 toneladas de poeiras e gases por segundo. A libertação progressiva da camada de poeira e gelo vai formando atrás do cometa pelo menos duas caudas, uma de materiais carregados de electricidade (cauda de iões) e outra formada por grãos de poeira, esta última lateral e encurvada relativamente à primeira. De momento, perdeu já a sua cauda lateral, num fenómeno não tão espectacular como o que aconteceu, em 1976, com o cometa West que se fragmen-



Órbita do cometa com a indicação da sua posição para dias sucessivos. Da esquerda para a direita estão marcadas 7 posições correspondentes, respectivamente, aos dias 18 e 25 de Abril, e 1, 11, 21, 26 e 31 de Maio. (Gráfico do observador Ilídio Duque Simões)

tou em quatro, oferecendo então um espectáculo fantástico.

O cometa tem a dimensão de uns 15 quilómetros de comprimento por 8 de largura e outros tantos de espessura. A sua longuíssima cauda atinge os 14 milhões de quilómetros. Apesar da sua luminosidade não ter alcançado a espectacularidade que se aguardava, o novo cometa tem surpreendido os cientistas pelas suas constantes modificações.

Os astrónomos determinaram, ainda, que esta será a única passagem do Austin pelas

vizinhanças da Terra. Em meados de Junho perder-se-á para sempre na obscuridade do firmamento. Durante este século, o nosso planeta esteve por duas vezes nas vizinhanças da cauda de um cometa, mas a maior aproximação ocorreu no século XVIII, quando a cauda de um cometa esteve apenas ao dobro da distância da Lua. O Austin seguirá o seu curso, deixando no nosso sistema solar um rasto de gases e sólidos pulverizados que, para alguns, representam sementes de vida.

Ainda recentemente um cientista norte-americano afirmou acreditar que as alterações periódicas do vírus da gripe seriam devidas aos gases dos cometas.

Já fotografado em Portugal

As condições meteorológicas que se têm feito sentir em Portugal não têm sido as melhores para a observação do cometa. No entanto, este já foi fotografado pelo observador Ilídio Duque Simões, de Coimbra, que forneceu ao «DL» valiosas informações complementares.

O cometa é visível a olho nu, mas será preferível observá-lo com binóculos, sendo aceitáveis os de 8 por 30, 7 por 40 e 10 por 50. Para fotografá-lo já será necessário um telescópio de aproximadamente 1500—200 milímetros e as películas a utilizar deverão ter um mínimo de 400 ASA com uma exposição a baixa velocidade.

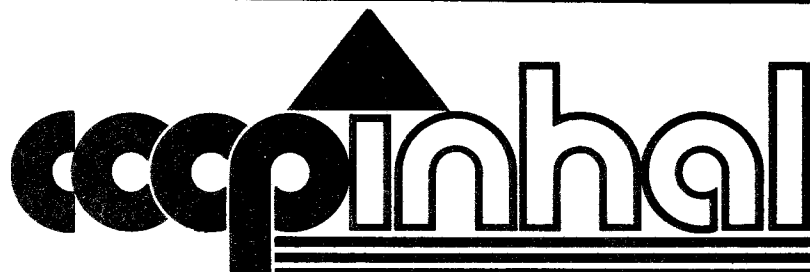
O cometa também pode ser observado ao entardecer, embora com maior dificuldade. Nesse caso, aparece a poente, mas a luz do sol e as brumas marítimas tornarão muito alheatória a sua visibilidade.

Desde domingo passado que o Austin começou a afastar-se do Sol e em cada noite começa a aparecer mais cedo. A partir de 4 de Maio surgirão algumas dificuldades de observação com um quarto minguante muito brilhante.

Na segunda semana de Maio estará na maior vizinhança da Terra e continuará a ser visível até meados de Junho.

(Ver gráfico nesta página)

Roby Amorim,
Com a cooperação
de Ilídio Duque Simões



FUNDADA EM 17-10-75
INAUGURADA EM 27-3-76

UMA GRANDE ORGANIZAÇÃO AO SERVIÇO DOS CONSUMIDORES

- CONTRA A ESPECULAÇÃO
- CONTROLO DEMOCRÁTICO DOS PREÇOS

UMA GRANDE COOPERATIVA DE CONSUMO EM PERMANENTE DESENVOLVIMENTO

- 800 M² DE ÁREA COBERTA (Administrativa e sociocultural)
- 1450 M² DE ÁREA (Loja e Armazéns)
- 5200 FAMÍLIAS ASSOCIADAS (Mais de 15 000 Consumidores)
- VOLUME DE VENDAS PREVISTAS PARA 1990 — 1 400 000 Contos
- VOLUME DE VENDAS EM 1989 — 870 000 Contos
- 90 POSTOS DE TRABALHO
- LOJAS EM: Pinhal Novo (2) Palmela (1) Montijo (2)
- 2.ª LOJA EM PINHAL NOVO COM ABERTURA PREVISTA PARA FINAL DO ANO

INTENSA ACTIVIDADE SOCIOCULTURAL

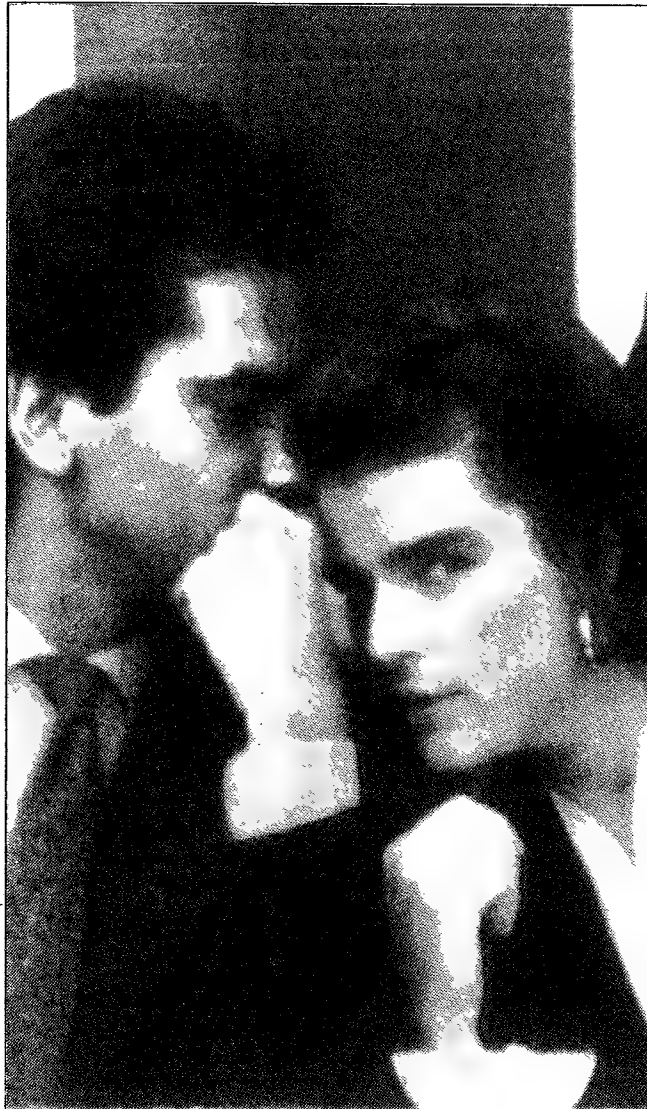
- GRUPO CORAL (± 30 Elementos de Ambos os Sexos)
- GRUPO DE DADORES BENEVOLOS DE SANGUE
- GRUPO DE TEATRO INDEPENDENTE (ATA)
- JORNALISMO (Boletim Mensal «LINHA DO SUL»)
- INSTALAÇÕES SOCIOCULTURAIS COM AUDITÓRIO PARA 200 LUGARES

PARTICIPAÇÃO ACTIVA NO MOVIMENTO COOPERATIVO

- MEMBRO DO GRUPO DA FENACOP — FEDERAÇÃO NACIONAL DAS COOPERATIVAS DE CONSUMO
- MEMBRO DA DIRECÇÃO DA COOPLISBOA — UNIÃO REGIONAL DE COOPERATIVAS DE CONSUMO, UCRIL



O MAIOR EMPREENDIMENTO ECONÓMICO-SOCIAL PÓS-25 DE ABRIL NO
CONCELHO DE PALMELA
TREZE ANOS AO SERVIÇO DO CONSUMIDOR



Casamento para breve

Na tribuna oficial do Monte Carlo Country Club, a princesa Stephanie, do Mónaco e o seu noivo, Jean Yves le Fur, assistem à final do Open de Ténis de Monte Carlo. O seu casamento já foi anunciado oficialmente.

Europália portuguesa à procura de 54 mil contos

Um subsídio de 300 mil ecu (cerca de 54 mil contos) foi pedido à Comissão Económica Europeia para financiar a Europália-91 Portugal, considerada pelos organizadores como «o maior festival de artes e cultura jamais realizado sobre Portugal».

A Europália é um festival bienal de artes e cultura, promovido desde 1969, e que apresenta em diversas cidades belgas, durante três meses, exposições, concertos, espectáculos de teatro, bailado e cinema, mesas-redondas, atribuição de prémios literários, acções de animação, encontros e intercâmbio de jovens.

Entre Setembro e Dezembro de 1991 cabe a vez a Portugal de organizar a manifestação, depois de se terem apresentado sucessivamente a Itália, Holanda, Grã-Bretanha, França, RFA, Bélgica, Grécia, Espanha, Austria e Japão.

O comissário-geral português, Rui Vilar, esclareceu que a participação proposta equivale ao dobro da concedida em 1989 ao Japão, o país mais subsidiado desde que se realiza o festival.

A justificação é de «Portugal ser um país de recente adesão à CEE, cuja presidência exercerá logo após a manifestação».

«DL»/Lusa

QUOTIDIANO

Bispos ibéricos coordenam acções

«Importa não cair na tentação de sobrevalorizar ideologias opostas às fracassadas no Leste da Europa», concluíram ontem, em Évora, os participantes da reunião das presidências das conferências episcopais ibéricas.

O episcopado ibérico, reunido dois dias naquela cidade, considerou, perante os acontecimentos ocorridos no leste europeu, que «é urgente dinamizar a tarefa de reevangelização em que já se empenhou». Os bispos presentes nos trabalhos «viram sobretudo quanto vale a fidelidade à fé mantida em circunstâncias difíceis por aqueles povos», sublinhando «quando são merecedoras de admiração e apoio as igrejas daqueles países».

No final dos trabalhos, que decorreram desde segunda-feira à noite na casa sacerdotal da arquidiocese de Évora, o secretário da Conferência Episcopal Portuguesa, D. Albino Cleto, disse que foram trocadas informações sobre «os diferentes obstáculos experimentados em ambos os países em relação à presença da Igreja nos meios de cultura, nomeadamente nos campos da Comunicação Social». De acordo com o comunicado conjunto, «os bispos verificaram, por outro lado, a necessidade de a Igreja prestar maior atenção à situação da família, sujeita ao desgaste de uma sociedade consumista e laicizante».

A celebração do quinto centenário da descoberta e evangelização da América e de cinco séculos de encontro de culturas, foram outros dos temas analisados nos trabalhos, para além de diversas iniciativas destinadas a valorizar o património artístico e histórico da Igreja.

As igrejas da Península Ibérica esperam ainda colaborar com as restantes igrejas da Europa na realização da sua vocação de portadoras do evangelho para os outros continentes, de modo a proporcionarem um aumento das vocações consagradas.

Teatro de Barcelos poderá ser municipalizado

A Câmara Municipal de Barcelos enfrenta uma situação que a cidade lhe exige, mas para a qual não lhe sobram as verbas: a aquisição do velho Teatro Gil Vicente, que a Sociedade Cinematográfica de Barcelos decidiu pôr à venda perante os péssimos resultados financeiros dos últimos anos, embora a renda paga mensalmente não ultrapasse os 30 mil escudos.

Se a Câmara não intervier, o teatro, um dos raros espaços culturais existentes na cidade, embora em considerável estado de degradação, poderá ser vendido ao Banif (Banco Internacional do Funchal).

A proposta apresentada é de 100 mil contos e os responsáveis por aquela entidade bancária estão já a estudar a viabilidade do negócio.

No entanto, o conselho de administração da empresa do Gil Vicente entende que a aquisição deveria caber ao Município para fazer da velha casa de espectáculos o palco das manifestações culturais que a cidade tanto carece.

O Teatro denomina-se Gil Vicente (da mesma maneira que o clube de futebol local) na crença, muito pouco provável, que o autor dos autos da Renascença tivesse nascido em Barcelos.

Beja pretende fábrica de malte

O Núcleo Empresarial da Região de Beja (Nerbe) procura atrair para o Baixo Alentejo um investimento de dois milhões de contos provenientes da instalação de uma fábrica de malte que a UNICER e INTERMALTE se propõem construir no Sul do País, embora ainda sem localização específica.

O Nerbe assinala que é no Baixo Alentejo que se produz a quase totalidade da cevada dística nacional e aponta, como vantagens, «as excelentes e des congestionadas estradas de ligação ao Norte, ao Algarve e, dentro de dois anos, a Sevilha e à rede fundamental espanhola».

De acordo com aquele Núcleo Empresarial, o «abastecimento da fábrica estaria perfeitamente assegurado, quer quantitativa quer qualitativamente, uma vez que a cevada produzida na região tem uma alta qualidade, que a coloca entre as melhores do mundo».

A produção local representa 90 por cento do total nacional, com tendência para subir e situa-se nas vizinhanças da Andaluzia e da Estremadura espanholas, que são os maiores produtores do mundo.

Para o Nerbe «também não existem problemas quanto ao abastecimento de água e energia eléctrica nas áreas mais indicadas para a localização da fábrica, além de se verificarem grandes disponibilidades de terrenos».

Operação fácil é alternativa eficaz

Cirurgião português propõe cura para doença tropical

O catedrático em Medicina Norberto Canha deu a conhecer um «método inovador, capaz de curar» a filariose linfática, doença que atinge milhões de pessoas no mundo.

A doença caracteriza-se por várias crises de gripe (febre e dores) ao longo do mês e que, com o tempo, torna as pernas volumosas, provocando elefantíase. A febre linfática, «muito comum», particularmente na faixa tropical e subtropical, foi estudada por Norberto Canha na Guiné-Bissau, entre 1961 e 1963, durante a missão militar que realizou como cirurgião no território. Segundo este especialista, actualmente

a doença afecta 20 mil pessoas «só na Guiné-Bissau».

Ao interferir na XII Reunião Anual do Grupo Europeu de Linfologia (GEL), Norberto Canha defendeu o recurso a uma «operação fácil como alternativa eficaz à medicação intensiva, que se revela inútil por não existir qualquer droga cuja garantia esteja comprovada».

O especialista referiu que a intervenção consiste no «esvaziamento ganglionar» e que a doença resulta da picada de um mosquito africano que transmite ao homem «macrofilarias que se alojam nos gânglios linfáticos».

«Julgamos ter descoberto a cura», disse

Norberto Canha após ter solicitado ao GEL que designe «um ou dois peritos que confirmem a tese».

O cirurgião deslocou-se recentemente à Guiné-Bissau, onde operou duas dezenas de pacientes portadores de filariose linfática e serão esses casos que os peritos do GEL vão analisar.

A XII Reunião do Grupo Europeu de Linfologia, organizada pelo Serviço de Ortopedia e Traumatologia e pelo Laboratório de Radioisótopos dos Hospitais da Universidade de Coimbra, teve a participação de uma centena de especialistas portugueses, franceses, italianos e ingleses.

TEMOS AS COSTAS LARGAS.



MITSUBISHI FUSO

Não há nada que agrade mais a um Mitsubishi Fuso que uma grande carga de trabalho. Três robustos camiões, preparados para enfrentarem situações de muito peso. Musculosos e fortes, os Mitsubishi Fuso têm um motor potente de injeção directa, pronto para transportar todos os obstáculos. A linha Mitsubishi Fuso foi concebida a pensar nos seus negócios. O aerodinamismo da cabine oferece menos resistência ao ar, diminuindo o consumo de combustível e aumentando os seus lucros. A cabine espaçosa e confortável prepara-o para as longas horas de estrada. Mitsubishi Fuso, um camião de costas largas apto para carregar com as mais difíceis responsabilidades.

FAZEMOS BEM PORQUE SABEMOS COMO

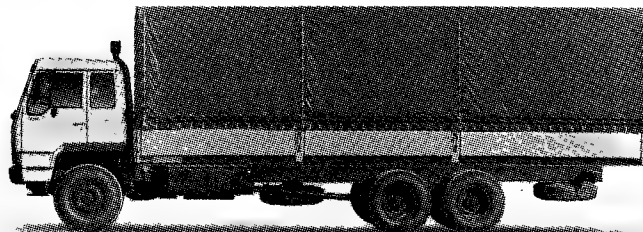
MITSUBISHI MOTORS DE PORTUGAL S.A.

Povos - 2601 Vila Franca de Xira Codex
Telefones: (063) 22 173/7 - (063) 25 061/7

Telefax: 32570 - Telex: 18748 CIAC
Telegramas CIAC - Apartado 37

CONCESSIONÁRIOS EM TODO O PAÍS

Filial de Leiria - (044) 271 91
Filial do Porto - (02) 67 2355



1º de Maio em dois palcos

Na Alameda e em Belém, CGTP e UGT festejaram o 1º de Maio. Como é habitual, cada uma delas falou da sua rival mas, porque os tempos são diferentes, os discursos visaram a unidade que as duas centrais procuram, ainda que cada uma utilize caminhos e professe ideias que o tempo, certamente, demorará a juntar



Carvalho da Silva: «A CGTP não corre atrás de foguetes, mas tudo fará para que a se possa concretizar»

Devagar que temos pressa

A CGTP encheu a Alameda e o resto é conversa, mesmo que o diálogo dos seus dirigentes se possa assemelhar ao de S.Tomé e ao de S.Valentim. Falamos, é evidente, da festa e da feira do 1º de Maio e da unidade sindical. Para a Inter é preciso ver para crer, o que não impede o namoro.

Resumindo, foi assim o Dia Internacional do Trabalhador organizado por aquela instituição. Custou quatro mil e quinhentos contos, como revelaram ao DL fontes da centraisindical, e teve, pelo menos um convidado diferente.

Apostando em África, porque provavelmente do Leste Europeu é mais complexo falar, a organização trouxe até Lisboa Humphrey Maxegwana, da direcção do

SACTU/COSATU, o Congresso Sul-Africano dos Sindicatos. Falou como um português falaria antes de Abril de 74: «Vai chegar o dia em que o nosso silêncio falará mais alto que as vozes que se ouvem». Não foi aplaudido embora a tradução tenha sido perfeita. Humphrey desconhece que discursava para uma plateia de dezenas de milhar de pessoas - de meia idade na esmagadora maioria - para quem a luta directa contra a repressão e o fascismo já vai longe, e, na África do Sul, ainda falta percorrer um grande deserto.

O cheiro que resta do cravo

Carvalho da Silva, o líder da CGTP, não tem nenhum gabinete que cuide da sua

imagem. Se calhar têm mas ninguém o diz. A verdade é que - sem olharmos para a televisão ontem à noite - está com uma imagem pública bem mais aberta. Viemos a observá-lo avenida acima, até à Alameda e raras foram as vezes em que levantou o punho, para corresponder às palavras de ordem gastas. Optou por um comportamento perfeitamente desmobilizado cheirando um cravo vermelho que trazia na mão direita, vezes sem conta. Tantas, pelo menos, quantas os repórteres fotográficos precisaram. Na Alameda, cheia e bonita, fez, como dissemos, como S.Tomé e S.Valentim.

Unidade Sindical com a UGT? Pois é evidente, «sempre a quisemos», como nos disse durante o passeio. Apesar dos ressentimentos e da auto-ressentida, «não esqueçamos as feridas causadas pela UGT nas duas greves gerais de 1982 e no 1º de Maio desse ano, mas tivemos a enorme coragem política para convergir com a UGT na greve geral de Março de 1988», Carvalho da Silva utiliza agora uma «máxima popular» para justificar as cautelas dos compromissos que provavelmente vai estabelecer com a UGT: «Devagar que temos pressa».

E explica as suas reservas: «A sinceridade e empenho quanto à unidade, mostra-se na prática, (...) a CGTP-IN não corre atrás de foguetes que outros lançaram, mas tudo fará para que a festa da unidade se possa concretizar». Para a Inter, o «caminho comum» deve ser feito «com respeito pela au-

tonomia de cada organização, que não nega antes pressupõe a existência de contradições e polémicas, às quais, deverão, progressivamente, ser subordinadas a dinâmica da convergência e da unidade».

A CGTP que põe a UGT à prova e Carvalho da Silva anunciou, ontem, um programa de quatro pontos de «acções concertadas e convergentes, em torno de questões concretas», que o tempo dirá se serão ou não uma forma de encalhar o processo de unidade sindical.

O líder da CGTP falou bastante mais da jornada de trabalho de 40 horas, da pobreza, das reformas desactualizadas, da actualização semestral do salário mínimo.

Uma feira da vida

Melhor era o cenário que a organização permite que se instale nas laterais da Alameda. Uma feira como há poucas e gente diferente que vem um pouco de todo o lado.

João Baptista, empregado da Casa do Alentejo é fiel ao ritual. Todos os anos leva a família à manifestação. Até Tânia, a bebé de três meses, sentiu os ares de primavera revolucionária. Maria Vitória, a mãe, mudou-lhe a fralda pouco antes do desfile dos trabalhadores entrar na praça.

Júlio Conceição garante que não há dias como o de ontem para vender lotaria. Às duas da tarde fomos o seu 51º cliente. Compramos o bilhete 230 690 da Popular, acreditando, como a

maioria, que a sorte substitua outras desavenças.

Isto porque somos menos expeditos que Amadeu Santos, um motorista que em dias de festa reúne a família e as vizinhas para ganhar uns cobres, a vender bifanas, frangos e copos. «Em dias assim» faz 20/30 contos de lucro.

Ana Maria é que estava sentada e desanimada ao fim da tarde. Mesmo com sol intenso só vendeu 50 chapéus de cartão, «mesmo timbrados com um cravo». Ela que tem carimbos para a cartolinha, consoante vá ao estádio da Luz ou ao de Alvalade. «A semana passada, no Restelo, foi uma desgraça, vendi cinco, pois começou a chover cá de uma maneira», queixou-se. Mas tem um rosto sabichão, não tivesse ela ido até Marselha, acompanha o Benfica, para vender bonés. A polícia francesa é que a tratou menos bem...

Foge azar patronal

Tínhamos acabado de saber que a venda de cornos de animais portugueses é mais cara do que os importados de Espanha, porque, na explicação do vendedor, «agora há cada vez mais cab...», quando pegámos na cabeça da serpente embalsamada. Estava ao lado de uns pezinhos de ratazana e de estátuas de Fátima, de Cristo e de S.António. Maria Borges Rodrigues, que se afirma católica, veste-se de freira e procura vender objectos como estes para espantar o azar. Se a Nossa Senhora, «com música», custava mil e seiscentos escudos, quanto

não teria de dar pela serpente. Ficámos todos arrepiados, mas já sabemos onde procurar fortuna enquanto as centrais sindicais não se entenderem.

Não há nada que se não venda no 1º de Maio. Pena é que não haja jovens, nem a comprar, nem a participar.

José Luís Judas tinha estado a observar as crianças que se banhavam no lago da fonte da Alameda, de costas para o palco, quanto o abordámos, quase em tom provocador. «Não é um atraso, nos dias de hoje, comemoramos o 1º de Maio com as centrais sindicais divididas?», perguntámos.

A sua resposta explica o que nos faltou ouvir no palco oficial: «É um atraso, sim, em relação às necessidades da vida, da sociedade, mas nós sempre fomos um país periferico e as mudanças que se operam lá fora chegam cá sempre atrasadas».

Para Judas, a proposta de Torres Couto para a central única é um «golpe de rins e uma fuga para a frente», e a ausência de jovens nas manifestações da Inter corresponde à geração que lidera a central sindical de que é alto responsável. «Não vamos, no entanto, cair no erro de fazer um show com o Herman José, neste dia, por muito respeito que tenhamos por ele», precisou.

Não fosse a abusiva utilização do seu nome e haveria outras histórias contadas para acrescentar. Mas a água que jorrava da fonte era limpa e penetrante, e... a CGTP encheu a praça. O resto é conversa.

Pereira de Almeida



Objectos para espantar o azar

Anabela Loureiro



Auto Monumental do Alentejo
S.A.



CONCESSIONÁRIOS

AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

Debate na TV

A disponibilidade e desejo de unidade entre CGTP e UGT várias vezes repetidos durante o debate televisivo de ontem entre Torres Couto e Carvalho da Silva não chegaram para apagar a má imagem que as acusações e ataques mútuos deixaram aos que os esperaram, até perto da meia-noite, com a esperança de ver clarificada a questão mais polémica dos últimos tempos da vida sindical portuguesa: a possibilidade de fusão das duas centrais.

O secretário-geral da UGT defendeu a sua proposta de unidade orgânica entre as organizações, repetindo que se trata de uma discussão para uma década, pelas profundas alterações que exige no movimento sindical: «Há feridas profundas que não foram ainda cicatrizadas», disse, referindo-se às divergências que deram origem à UGT e que ainda hoje se mantêm não só entre alguns dirigentes sindicais como nos locais de trabalho. Trata-se de uma questão fundamentalmente político-ideológica», especificou.

Essa questão, segundo argumentou, explica por que é que a sua proposta não foi formalmente apresentada à CGTP: «A minha mensagem é dirigida aos trabalhadores, são eles que têm que a discutir».

Carvalho da Silva manteve a sua tese de que «uma casa não se constrói pelo tecto», ou seja, começa-se pelos alicerces: a unidade na acção, todos os dias, nos locais de trabalho.

E como para Carvalho da Silva tal não tem acontecido senão em casos pontuais, a comemoração de um 1º de Maio conjunto não teria sentido. Torres Couto defendeu o contrário: isso poderia ter sido o princípio.

Durante cerca de uma hora, a discussão centrou-se nestas duas posições. Pelo meio ficaram acusações mútuas, umas mais elegantes que outras, e nenhum dos líderes sindicais conseguiu fugir de posições então assumidas para atacar e defender (se). E nem o assumir de preocupações comuns quanto à defesa dos direitos dos trabalhadores conseguiu apagar essas divergências.

Nada de particularmente novo foi dito: Torres Couto exigiu que Carvalho da Silva se defendesse: defendia as teses do Comité Central do PCP sobre política laboral, ou as posições de José Luís Judas, indo ao ponto de afirmar que o PCP era o grande entrave à mudança da Inter. O líder da CGTP quis separar as águas: «Torres Couto insiste na mistificação e na intriga política».

Já no final, a única novidade: O líder da CGTP, referindo-se às posições de unidade que a sua central tem assumido, deu o exemplo da greve geral de 1988: «Deixámos a UGT definir o timing todo, marcar o dia sem nos consultar e fizemos tudo para que coincidissem, fazendo uma grande greve geral».

Júlio Rodrigues



Maria Emília Prazeres

O líder da UGT, em primeiro plano, entre os milhares de pessoas que estiveram em Belém

S. Pedro ajudou à festa

A UGT homenageou António Janeiro e José Fontana numa jornada que assinalou o regresso do cantor Paulo de Carvalho aos palcos da luta militante, depois de ter abandonado o PCP

Torres Couto falou antes de Paulo de Carvalho cantar. O provérbio (mais vale prevenir que remediar) foi bem aproveitado pelos dirigentes da UGT neste primeiro 1º de Maio na Torre de Belém ao trocaram a ordem de intervenções no programa. Foi assim que o líder da União Geral dos Trabalhadores usou da palavra sem o risco desta poder ser acolhida por chuva.

Durante algumas horas, com a memória fresca do que tinha acontecido um dia antes em Lisboa (uma súbita tromba de água na capital, e não só) e também na tarde do 25 de Abril, o espectro da chuva perocou os dirigentes da UGT. Rui Oliveira e Costa manifestou-nos essa apreensão, Agostinho Roseta também.

Pela primeira vez, o secretário-geral da UGT falou de improviso no Primeiro de Maio. Segunda-feira, a Comissão Executiva da UGT reuniu o «estado-maior» na sua sede. O discurso de Torres Couto, por sua própria

iniciativa, foi apresentado aos membros deste órgão, que o votaram favoravelmente. Um dos elementos presentes chamou a atenção do repórter do «Diário de Lisboa» para o facto, sublinhando a importância da decisão, neste momento.

O aceno, há dias feito pelo líder da UGT, para a fusão das duas centrais - questão desenvolvida, com ponderação, sem acinte, por Torres Couto -, deixara sequelas. A iniciativa abriu, também, um debate sério no sindicalismo português. «Esse foi o meu objectivo, e não tinha razão de ser se tal não acontecesse», disse o secretário-geral da UGT ao «DL», momentos antes de, ontem, usar da palavra.

Razões da fusão

É possível? Torres Couto admite que sim. É apoiado por Rui Oliveira e Costa, segundo o qual - face à conjuntura internacional, e obviamente tendo em vista o que está a suceder no Leste - a proposta tinha que ser

feita, naturalmente, pela UGT. Portanto, a maioria da direcção da UGT aprova a iniciativa. Para aqueles que a contestaram sem grande convicção (em especial o Sindicato dos Professores da Zona Norte), o líder da União Geral dos Trabalhadores teve, a solicitação do «DL», este desabafo: «Somos uma central democrática, mal seria se não houvesse quem não discordasse, se não houvesse reacções diferentes. No entanto, é bom que fique claro que a fusão depende mais dos trabalhadores que dos dirigentes.»

«Mas então se a reunificação das duas Alemanhas é possível, por que é que não é viável a fusão das duas centrais sindicais portuguesas?», questionou-se ainda Torres Couto, que no seu discurso de onze páginas ocupou duas com tal tema. «Espantaram-se alguns, com a memória curta, pelo facto de eu ter repetido uma proposta de há catorze anos», lembrou Torres Couto.

Fez a história desses catorze anos, alegando que a «UGT tinha razão e quem estava e continua a estar errada é a Inter», disse. «Nos últimos 14 anos provou-se que não há sindicalismo forte e independente sem democracia, sem pluralismo interno, sem o reconhecimento do direito de tendência», acrescentou.

O controlo que o PCP - segundo a UGT - exercerá sobre a Inter preocupa a União Geral dos Trabalhadores. No discurso de ontem, Torres Couto zuriu forte e feio no patronato e na Confederação da Indústria Portuguesa (CIP), mais do que em qualquer outra organização ou instância. «Se os comunistas mantiverem um controlo férreo sobre a Inter, esta não mudará, mas acabará por se esboroar», advertiu o nº1 da UGT, para o qual, «se no final desta década só houver uma central sindical em Portugal, ela será a continuação do nosso projecto».

Torres Couto dividiu o seu discurso em quatro vertentes, arrancando com o relacionamento e papel das duas centrais e o «atualização» da CIP, para estabelecer as linhas do «Pacto do Progresso Participado e Partilhado» e dos «grandes combates» da UGT para a década de 90. Aliás, o mote deste 1º de Maio da UGT era (e é) «Vamos ganhar os anos 90 - juntos», numa referência explícita aos seus cerca de meia centena de sindicatos filiados (um milhão de trabalhadores) e à articulação com a CGTP/IN.

É uma luta heróica, se tivermos em conta que há centenas de milhares de trabalhadores desempregados e que um em cada cinco tem um contrato em prazo, como referiu José Manuel Torres

Couto. Salientou que perante isto, e embora «os patrões sejam um interlocutor indispensável, a CIP tarda em apreender o significado de duas palavras-chave: diálogo e negociação». Os seus dirigentes «confundem diálogo com monólogo, negociação com aceitação dócil e subserviente. Ignoram que diálogo implica capacidade para ouvir e disponibilidade para perceber», acrescentou.

Apelo a Mário Soares

O «Pacto de Progresso Participado e Partilhado» a que Torres Couto se referiu na sua intervenção (depois de Herman José ter deliciado a assistência com as suas tiradas cheias de humor) tem muito a ver com a CEE, porque - frisou - «os trabalhadores portugueses querem ser europeus em tudo, em Portugal».

Acrescentou: querem desenvolvimento nas empresas, querem participação na gestão, não enjeitam responsabilidades nem esquecem o interesse nacional. «Querem salários e horários europeus, querem melhores empregos, conscientes de que estes objectivos só são realizáveis se a economia (portuguesa) se desenvolver e modernizar, se as empresas forem competitivas», realçou ainda.

A sua defesa, a defesa do ambiente, dos direitos dos consumidores e o combate a todas as formas de discriminação entre homens e mulheres foram depois enunciadas por Torres Couto. O líder sindical acabaria por lançar um apelo ao Presidente da República para «a necessidade do reforço dos mecanismos que garantam o cumprimento escrupuloso da legalidade e da Constituição da República».



Paulo de Carvalho cantou na festa da UGT

1º de Maio lá fora

Protestos radicais em Moscovo enervaram Gorbachev

O presidente soviético Mikhail Gorbachev abandonou ontem a tribuna oficial do mausoléu de Lenine, na Praça Vermelha, quando os manifestantes convocados por movimentos reformistas gritavam e assobiavam a sua hostilidade aos dirigentes. Gorbachev assistiu durante trinta minutos ao desfile dos partidários dos grupos informais, não escondendo o seu nervosismo.

O desfile da Festa do Trabalho começou, em Moscovo, pelas 10 horas, organizado, pela primeira vez, pelos sindicatos (oficiais) e não pelo partido. Enquanto os homens da guarda presidencial desfilavam em passo de parada, cerca de 50 mil pessoas entraram na praça brandindo inscrições não oficiais, as quais, no entanto, não estavam proibidas desde que não fossem anticonstitucionais. Podia-se ler, nos cartazes, «A comida não é um luxo», «A trabalho real, salário real», ou ainda «Os preços sob controlo dos sindicatos».

O dirigente máximo dos sindicatos moscovitas, Vla-

dimir Cherbakev, exigiu, no discurso que pronunciou, que «a passagem à economia de mercado se deva fazer na base do acordo popular». Sublinhou, ainda, que os sindicatos deviam «exigir o respeito do direito constitucional ao trabalho», alusão ao desemprego, cujo espectro é cada vez mais aludido.

Com a chegada dos manifestantes «informais», cerca das 11 horas, a música transmitida pelos altifalantes aumentou de volume, cobrindo os clamores da multidão.

Ao lado de inúmeros «Liberdade para a Lituânia», «Hoje bloqueio da Lituânia, amanhã bloqueio de Moscovo», ou ainda «Eltsine presidente», apareceram distícos como «Um presidente não eleito é um ditador», ou «Abaixo o Partido Comunista» ou ainda «Abaixo os Ceausescus a Comissão Político», «Não temos confiança num partido cujos dirigentes são criminosos». Os manifestantes anarquistas, também presentes, transportavam um distíco em que se

afirmava: «Abaixo o império do fascismo russo».

Nas repúblicas bálticas, as manifestações foram organizadas pelos sindicatos oficiais anti-independência. Na capital da Lituânia, o movimento pró-soviético Edinstvo organizou um comício em que participaram milhares de pessoas que brandiram inscrições como «Não à saída da URSS» e «Abaixo os ministros aventureiros». A manifestação decorreu num clima calmo.

Leste e Oeste em Berlim

Em Berlim-Oeste várias dezenas de milhar de alemães de Leste e de Oeste juntaram-se pela primeira vez desde 1946 para comemorar o Primeiro de Maio. Contrastando com as paradas de estilo militar dos anos precedentes, o desfile dos sindicatos e dos partidos de esquerda leste alemães subiu a avenida Unter den Linden numa atmosfera de satisfação, até à porta de Brandeburgo. No bairro de Kreuzberg, na parte ocidental de Berlim, vários milhares

de anarquistas participaram numa manifestação «por um Primeiro de Maio revolucionário», enquadrada por importante serviço policial. Na cabeça do cortejo seguia uma inscrição que proclamava: «Antes nas ruas que no Reich».

Em Leipzig, Alemanha de Leste, foram presas duas dezenas de pessoas durante um confronto entre grupos radicais de esquerda e neonazis.

Em Bucareste, milhares de romenos manifestaram-se contra o governo, reclamando uma democracia de tipo ocidental. Na Praça da Universidade, a dirigente dissidente Doina Cornea exigiu, perante dez a quinze mil pessoas, a demissão de Iliescu.

Na Bulgária, cerca de 40 mil simpatizantes da oposição participaram numa manifestação organizada pelo sindicato Podkrepa. Por seu turno, dez mil simpatizantes do Partido Socialista (antigo PC) desfilaram em Sofia.

Em Varsóvia, de três a cinco mil partidários do Solidariedade comemoraram a data assistindo a uma missa, seguida de um comício. Cerca de sete mil polacos responderam ao apelo dos sindicatos OPZZ e do partido social democrata SDRP (ex-comunistas) para comemorar a data, na capital.

Na Albânia, realizaram-se cerimónias oficiais, tendo o dirigente do Partido



Na Praça Vermelha, em Moscovo, os líderes tradicionais conviveram, pela primeira vez, com a imagem de Cristo crucificado

Comunista, Ramiz Alia, criticado duramente, numa intervenção transmitida pela televisão, os acontecimentos dos meses mais recentes no Leste europeu, afirmando que esses países «saltaram da frigideira para o lume».

Na Turquia, foram presas centenas de pessoas por participação em manifestações que haviam sido proibidas pelas autoridades.

Em França, as centrais sindicais realizaram iniciativas dispersas, tendo a CGT, de

tendência comunista, juntado 15 mil aderentes em Paris. O líder da Frente Nacional, Jean Marie Le Pen, reuniu cerca de 12 mil manifestantes num desfile anti-imigrantes.

Na China, não se registaram manifestações nem desfiles.

Em Cuba, meio milhão de de trabalhadores, soldados e jovens, transportaram enormes bandeiras e entoaram hinos revolucionários, desfilando perante Fidel Castro, que os observava de binóculos.



MUNICÍPIO DE LISBOA ANÚNCIO N.º 34/90

Concurso público para fornecimento de 3 contentores compactadores para resíduos sólidos com a capacidade geométrica de 10 m³.

- 1 — Concurso público promovido pela Câmara Municipal de Lisboa — Direcção Municipal de Infra-estruturas e Saneamento — Departamento de Higiene Urbana e Resíduos Sólidos — Av. 24 de Julho, 171-D — 1300 Lisboa.
Telefones 60 69 58 ou 67 17 62
Telefax 60 46 25
- 2 — Concurso público nos termos do art.º 49.º do Decreto-Lei n.º 235/86, de 18 de Agosto.
- 3 — Concurso público para «Fornecimento de 3 contentores compactadores para resíduos sólidos com a capacidade geométrica de 10 m³».
- 4 — a) — O programa de concurso e caderno de encargos podem ser consultados no Departamento de Higiene Urbana e Resíduos Sólidos e na Repartição de Armazéns e Imprensa Municipal do Departamento de Administração-Geral, situados na Av. 24 de Julho, 171-D, durante as horas de expediente.
b) — Podem ser solicitadas cópias ao Departamento de Higiene Urbana e Resíduos Sólidos, até oito dias antes do termo do prazo limite para a entrega das propostas, mediante o pagamento de Esc. 425\$00, acrescido do IVA.
- 5 — a) — As propostas deverão ser apresentadas até às 17.30 horas do 20.º dia contado a partir do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário da República».
b) — A sua entrega far-se-á na Repartição de Armazéns e Imprensa Municipal do Departamento de Administração-Geral — Av. 24 de Julho, 171-D — 1300 Lisboa.
c) — As propostas deverão ser redigidas em português e não incluirão o IVA.
- 6 — a) — Poderão intervir no acto público do concurso representantes dos concorrentes devidamente mandatados para o efeito.
b) — O acto público do concurso terá lugar na morada indicada no n.º 5 alínea b), a partir das 14 horas do dia útil seguinte ao da data limite para a entrega das propostas.
- 7 — A caução é de 5% do valor total da adjudicação, a prestar no prazo de 10 dias, após a data da recepção da comunicação da adjudicação do fornecimento.
- 8 — O prazo de validade das propostas é de 90 dias.
- 9 — A adjudicação será feita à proposta considerada mais vantajosa, atendendo aos seguintes critérios:

- a) — Qualidade;
- b) — Prazos de entrega;
- c) — Prazos de garantia;
- d) — Preço, condições de pagamento e esquema de revisões de preço.

Paços do Concelho de Lisboa, em 1990/04/02.

O Veredor,

A. Anselmo Anibal

A CONTROVÉRSIA NA CIÊNCIA

JOHN GRIBBIN | James Lovelock

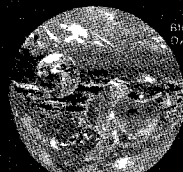
PREPARE-SE COM ELES PARA O SÉCULO XXI

A AMEAÇA DO HOMEM
À CAMADA DE OZONO

UMA BIOGRAFIA
DA NOSSA TERRA VIVA

JOHN GRIBBIN
O BURACO
NO CÉU

James Lovelock
AS ERAS
DE GAIA



de leitura obrigatória para todos os que se preocupam com a tremenda ameaça que paira sobre as nossas cabeças.

FORUM
DA
CIÊNCIA

FORUM
DA
CIÊNCIA

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA



QUOTIDIANO

Algumas extravagâncias, que se desejam efémeras, pontuam as coleções para o Outono-Inverno de Ana Salazar, sacerdotiza de rituais serenos

Uma coleção eclética com alguns pontos fracos

Todas as cartas fortes de que Ana Salazar dispunha, e que bem lhe são necessárias para enfrentar o fatídico desafio dos anos 90, ao declinar de uma tarde sombria e molhada, na Gare Marítima de Alcântara, transformada em palco de um desfile de moda. Ali, à beira do Tejo, local mítico e com um intenso odor a pátria. Já não é confluência de destinos, ancoradouro de navios, centro buliçoso de partidas e chegadas. Habitam-no apenas as memórias de muitas páginas escritas ao longo da história. Naquele espaço morto, onde os painéis de Almada Negreiros, evocando cenas de cais, a exposição de uma faina protagonizada por varinas hercúleas e estivadores vigorosos, adquirem um aspecto fantasmagórico, houve durante uma hora ressonâncias de vida social.

Os convidados portugueses e estrangeiros tiveram oportunidade de apreciar o que aquela criadora propõe, em termos do vestir, para o próximo Outono-Inverno. De assistir a uma passagem de modelos, submetida a um ritmo aceleradíssimo, ao ponto de não nos permitir qualquer hipótese de observar convenientemente as peças exibidas por um batalhão de manequins femininos, no meio do qual sobressaía um solitário exemplar do sexo masculino. Só com grande esforço, consegui reter, supondo, as linhas gerais desta coleção de Ana Salazar.

Trata-se de uma oferta desconcertante, se atendermos ao percurso discursivo da autora, que contempla várias linguagens e que não está isenta de alguns equívocos. Apesar da tendência

eclética, predomina o curto e o justo, um processo de salientar o corpo. Coexistem a sobriedade extrema e o delirante. Aflora a citação estilizada de um certo folclore nacional, área infelizmente pobre. Talvez demasiado fogo-de-artifício, em prejuízo da coerência, o que me provoca o desejo de aclarar uma dúvida importante: qual é a postura da criadora portuguesa mais cotada a nível internacional, frente à moda?

Os temas desenvolvidos

Diz-se, no material fornecido à imprensa, que os cinco temas desenvolvidos, seguindo a ordem enunciada, remetem para a geometria e *trompe-l'oeil* de Sonia Delaunay, conjugam diálogos de luz e sombra que derivam dos entrelaçamentos, estabelecem ligações e rupturas no contexto das formas e do *design*, inspiram-se nos ornamentos da "arte popular". Quanto ao quinto tema, segundo o texto, contém toda a simplicidade implícita no "Hoje". Realmente, a coleção aposta no depuramento, salvo nas peças que ostentam uma nítida opulência decorativa. Aí entram galos de Barcelos, corações minhotos, chaves e outros objectos difíceis de identificar, devido à rapidez com que as imagens se sucediam. Evidentemente que constituem acessórios dispensáveis para quem comprar as roupas.

Concentrei-me, em particular, nos casacos compridos, fronzidos atrás e com um corte interessante, nos conjuntos de calça apertada e jaqueta, a lembrar a indumentária ribeirão (um pouco toureira), e em alguns detalhes curiosos, caso das tiras

de tecido cruzadas que, quebrando a monotonia de uma concepção aparentemente esquemática, introduzem nas peças uma nota de originalidade. O toque criativo que distingue, a marca que identifica.

Sentido cromático

Como sempre, Ana Salazar demonstrou possuir um apurado sentido cromático. Nada de tons gritantes, de misturas mal combinadas, de cedências fáceis aos decretos da moda para curto prazo. Continua a revelar uma noção muito lúcida da harmonia, sabe afirmar a sua personalidade.

Serve-se do preto e branco, do azul-céu e cobalto, dos bronzes, dos cinzentos e dos vermelhos fulvos. Todavia, naquilo que sugere para o Outono-Inverno, avaliado na globalidade, incluindo *design* e mensagem estética, achei pontos fracos. Sinceramente, coloco reservas a esta notória viragem, o que não invalida o reconhecimento da qualidade da sua obra. Espero que as extravagâncias com que pontuou agora o espírito desta coleção correspondam a impulsos efémeros. Prefiro-a enquanto sacerdotiza de rituais serenos, temperados pela experiência ganha, e assentes em alicerces sólidos. Onde se imponha o talento, já confirmado, de uma criadora de vanguarda, de quem se exige aperfeiçoamento técnico, um rumo definido e intervenções estilísticas consequentes.

Mas voltemos ao princípio, às questões de estratégia face ao mercado. Entre os convidados estrangeiros de Ana Salazar, destacava-se a presença de representantes de

diversas revistas francesas da especialidade e ainda de uma delegação de um grupo económico japonês, o que me leva a pensar na montagem de uma teia de sedução junto dos que, eventualmente, a poderão promover e produzir. É óbvio o seu empenho em conciliar os objectivos criativos e comerciais. Um direito justo, um comportamento pragmático.

Ao que consta, determinadas entidades oficiais, a quem competia apoiá-la e assim investirem num nome português, com provas dadas, demitiram-se desta missão, provavelmente por terem uma acanhada visão do mundo.

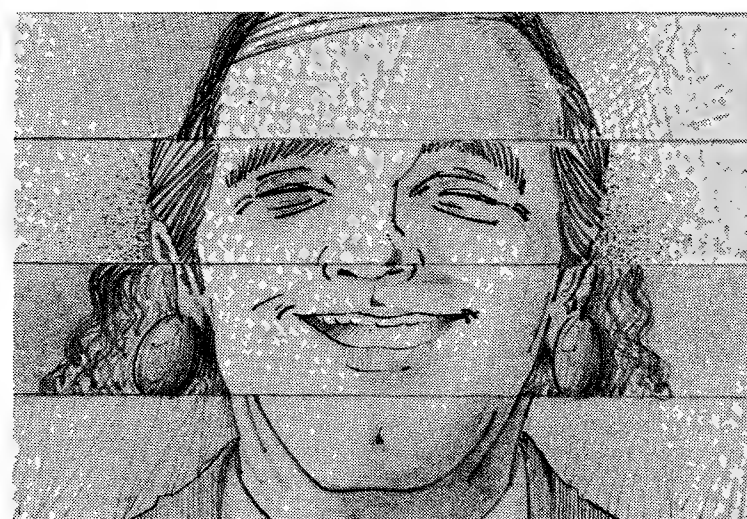
Foi simpática a atitude das Câmaras Municipais de Lisboa e de Sintra, que, evidenciando disponibilidade, participaram nas despesas deste acontecimento de moda.



Lourdes Féria

Um sexy subtil

ESTA SEMANA, MAIS UM MEMBRO DO CLUBE DOS MILIONÁRIOS DO TOTOLOTO É DE LISBOA



NÃO LHE CONHECEMOS A CARA MAS CONHECEMOS-LHE A FORTUNA
SÃO 76 618 211\$00

totoloto

É Fácil. É Barato. Dá Milhões

B R E V E S

Trabalhadores promovem cordão humano em Lisboa

Os trabalhadores da Segurança Social vão fazer um *cordão humano* entre o Ministério do Emprego e a Secretaria de Estado do Orçamento, no dia da Segurança Social, 8 de Maio, anunciou a Federação Sindical da Função Pública. Em comunicado, a Federação afirma ainda que se realiza uma greve das ajudantes de creche, vigilantes e outros trabalhadores com funções pedagógicas de estabelecimentos da Segurança Social para reclamar a revalorização das respectivas carreiras, a redução do horário de trabalho e reconhecimento de habilitações profissionais adquiridas.

Menos ingleses em Portugal

O mercado turístico inglês deverá registar este ano uma quebra global de saídas para o estrangeiro de 20 a 25 por cento, disse o director do Centro de Turismo de Portugal em Londres, Serras Pereira. Para Portugal estima-se que esse decréscimo não deverá ultrapassar os 15 por cento, acrescentou. Serras Pereira explicou que a recessão do mercado inglês

tem a ver com questões de política económica naquele país e com os aumentos dos preços ao consumidor, de 12 a 14 por cento. O presidente da Região de Turismo do Algarve (RTA), Horácio Cavaco, anunciou, entretanto, que a RTA «propõe-se desenvolver acções promocionais no mercado britânico com vista a sensibilizar a procura para o Algarve».

África subsariana em debate esta semana

Os embaixadores de Portugal nos países da África subsariana concentram-se esta semana em Lisboa para reuniões de coordenação das actividades, contactos políticos e económicos, disse uma fonte oficial. A necessidade de uma eficaz concentração de acções no plano diplomático, perante os significativos desenvolvimentos políticos em curso no continente africano, em especial na região Austral, e de aproveitar a oportunidade criada para Portugal desempenhar um papel de maior relevo na área estão na origem da iniciativa, adiantou a mesma fonte. Estão previstos ainda encontros com vários membros do Governo, bem como uma reunião com o primeiro-ministro.

Mário de Sá-Carneiro

CENTENÁRIO DO NASCIMENTO

no Institut Franco-Portugais
(exposição)
de 3 a 31 de Maio



Rogério Perez,
Gilberto Rola Pereira
e Mário
de Sá-Carneiro
em 1912
(arquivo "DL")

Organização: Marina Tavares Dias

Apoios: APAMA; QUIMERA EDITORES

Patrocínios: SOCIEDADE PORTUGUESA DE SEGUROS; "DIÁRIO DE LISBOA"

Colóquio no dia 22 de Maio (às 18h 30) com François CASTEX;
David MOURÃO-FERREIRA; Fernando J.B.MARTINHO; Maria Aliete GALHOZ

CULTURA

Doze dias de convivência com Stockhausen e a sua música é um privilégio raro para os lisboetas nesta Primavera dos 14^º Encontros Gulbenkian de Música Contemporânea. O «DL» falou com um dos maiores génios da segunda metade do século XX. É como segue

As abas da casaca e o anúncio de chocolate

Da vaga de compositores do pós-guerra, cujo ponto de viragem teve Darmstadt como centro irradiador, Karlheinz Stockhausen é sem dúvida aquele cuja total originalidade segue um percurso que extravasa todos os esquemas. Hoje, depois de sucessivas revoluções como a descoberta da espacialidade em música, a abertura à esfera científica das tecnologias acústicas, o espectáculo musical entendido como uma galáxia de sensações, Stockhausen encontra-se num olimpo que ilumina todo o mundo musical.

O fenómeno envolve na sua órbita a Stockhausen Verlag (Edições Stockhausen), um auditório para milhares de pessoas construído expressamente no Japão, um ciclo de sete óperas que só estará concluído depois do ano 2000 e que inclui superproduções no Scala de Milão. Os Encontros Gulbenkian permitem-nos apreender a trajectória já longa de um compositor alemão que vive no futuro, e proporcionaram-nos uma entrevista no mínimo surpreendente.

DL - Obras como «Sirius» ou o ciclo «Licht» exigem uma nova concepção da sala de concertos. Acha que de futuro será possível encontrar um compromisso com as salas actuais, ou prevê a ruptura total?

Karlheinz Stockhausen - É óbvio que toda a música do passado será sempre executada como num museu. Logo, as salas de concerto tradicionais hão-de sobreviver, e até de uma forma mais aperfeiçoada. Prevejo portanto que haverá menos e melhores salas para o repertório tradicional. Para certas obras serão construídos novos auditórios assim que a sociedade esteja mais aberta a novas experiências musicais, tal como as minhas composições com várias fontes sonoras à volta do público.

Não a penas vários coros e orquestras como em «Gruppen» e «Carré», mas também círculos de altifalantes, como em «Hymnen». «Sirius» e «Licht» são assim, e agora estou a trabalhar numa parte de «Licht» em que a música é tocada longe do público, tal como sucede um pouco em «Sternklang», que é executada num parque. Os sons aproximam-se do público, atravessam-no com dois grupos de músicos que lutam entre si e depois desaparecem noutra direcção. Quando o auditório é novamente invadido o som

vem de trás, e depois sobe verticalmente por uma parede.

DL - A música erudita contemporânea, se olharmos a percentagens, é insignificante no meio das vagas de música comercial que 99% do público absorve. Isso não o assusta?

K. S. - Só mostra que a humanidade quintuplicou desde o princípio do século: a maioria das pessoas não tem um gosto requintado, algumas tratam a música como se fosse uma tapeçaria, um pano de fundo; nem a ouvem, não a querem ouvir. É música de supermercado e nós músicos pouco podemos fazer contra isso. Aliás, em todas as épocas só um pequeno número de amantes de música soube apreciar a música erudita, em igrejas, em cortes, etc.

DL - Mas hoje sucede que o público de música erudita se encontra dividido entre aqueles que gostam apenas do repertório clássico e os que optam pela música contemporânea. Serão poucos os que apreciam ambas. Considera essa divisão inevitável?

K. S. - Não. Não concordo de maneira nenhuma. Precisamente antes de vir a Portugal, executámos «Sirius» numa pequena localidade onde vivo na Alemanha; eram 450 pessoas bastante humildes que nunca tinham tido contacto com a chamada música clássica, que só ouvem música ligeira na rádio, e que estavam completamente fascinadas. E não é a primeira vez que faço este género de concertos. É óbvio que se consegue interessar as pessoas, de qualquer idade e de qualquer classe, desde que se encontre uma nova forma de actuar. Nos meus concertos não há a situação normal em que os músicos estão sentados e o maestro bamboleia as asas da casaca. Eu nasci numa terra de gente humilde, pobre mesmo, e sei que não gostam nada disso.

Na corte de Kagaku

DL - Acha que a importância dos aspectos visuais - a cor, a luz, os trajes - e a concepção de um concerto como um ritual pode ter algo a ver com uma concepção moderna da obra de arte total preconizada por Wagner?

K. S. - Não, acho que isso corresponde às mais antigas tradições musicais do planeta. Por exemplo, se participarmos num acontecimento musical em Kathakali, no Sul da Índia, ou num mosteiro da Alemanha na noite de



Rui Vasco

Páscoa, no Ramayan em qualquer aldeia do Bali, com o gamelão, o barong, as danças e os tocadores, ou num templo em Nara, no Japão, ou na corte real de Kagaku, com orquestra e dançarinos, então verá que o som, o movimento e a luz eram desde os primeiros rituais concebidos como um todo. Há descrições dos rituais tradicionais na cultura greco-romana, na cultura africana e na asctica em que se verifica o mesmo. A própria missa da Igreja Católica é um ritual de teatro total com som, imagem, trajes sumptuosos, procissões, aromas, movimento, gestos. O que se passa é que o concerto burguês, desde os Médicis, tornou-se num estranho cerimonial em que as pessoas se sentam como galinhas num galinheiro, põem os ovos debaixo das cadeiras e vão-se embora. E no entanto, num concerto normal também há luz, também há movimento, também há trajes, mas estão unificados, estão todos de uniforme como os militares.

DL - Crê que a orquestra já não tem possibilidade de ser o veículo privilegiado do pensamento musical?

K. S. - Terá sempre, desde que os compositores escrevam para orquestra. Escrevi vinte e nove peças orquestrais, mas sinto agora que cheguei a um limite na utilização da orquestra como um corpo,

como um instrumento. Nem os timbres, nem as dinâmicas, com os seus cinco ou seis escalões habituais de pianíssimo a fortíssimo, me bastam.

Tudo isso é tão diletante, tão impreciso, tão imperfeito! O mesmo se passa com a composição estandardizada da orquestra, com os sopros a dois ou a três, o que exige dezasseis primeiros violinos, ou seis numa pequena orquestra, todos a tocar a mesma música. Não faz qualquer sentido, a mim basta-me um violino com um amplificador.

É completamente ridículo. Se é preciso energia, têm-la hoje através dos mais subtis, dos mais perfeitos métodos da tecnologia acústica para produzir o som mais puro e a mais perfeita projecção. É como se um exército moderno utilizasse três mil soldados com facas em vez de um armado com um míssil.

DL - Se hoje existisse um novo tipo de academismo, que linguagem musical ou opções estéticas adoptaria?

K. S. - O que me preocupa é que há demasiadas atitudes pluralísticas. Compõe-se de uma maneira que consiste em misturar tudo o que existe.

Quando vejo a arquitectura que se está a fazer em Lisboa compreendo o que também aí se está a fazer: pegam em alguns anúncios de chocolate e misturam com

outros anúncios e algumas ideias de Gropius e com coisas que tenho visto nos quadros de Fernand Léger; o que significa combinar tudo como se fosse um molho de estilos, com todas as influências dos últimos 60 anos.

Mais importante que o «Ragavardhana»

DL - Diga-me: entre o que recebeu de Olivier Messiaen qual lhe parece ter sido o principal ensinamento?

K. S. - Não escrever tantos acordes de sexta acrescentada e manter-me afastado do canto dos pássaros. Eu tinha estudado musicologia em Colónia, e o canto gregoriano. Também tinha estudado nalguns livros os «talas» bem como os «raga», mas foi através de um texto de Webern sobre a obra de Ludwig Senfl, muito influenciada pelas técnicas rítmicas medievais, que tive uma melhor aprendizagem. Tive um bom professor de contraponto com quem estudei a «Arte da Fuga» de J. S. Bach e alguns aspectos da «Oferenda Musical», por meio dos quais aprendi a escrever uma obra grande com um único tema, recorrendo a muitas transformações, expansões, contracções, transposições à quinta...

Quer dizer, já existiam alguns modelos ao longo da história da música que foram para mim muito mais importantes do que saber sobre o «laksnmica» e o «ragavardhana» traduzidos por Messiaen. Mas foi interessante ver como ele usava

a rítmica dos neumas e do cantochão, ou os ritmos indianos da técnica dos «talas». Eu não conhecia todos os nomes dos «talas», e fiquei muito grato por ele me ter ensinado.

Quer dizer que Messiaen foi nesta medida um bom professor de química. Mostrou-me as fórmulas de combinação.

DL - O poder e os meios materiais que V. e Pierre Boulez adquiriram é comparável ao dos mais bem sucedidos compositores do passado (incluindo Wagner). Mas o seu caso é o oposto do de um compositor acomodado. Ser apanhado pela máquina do sistema não será uma coacção ao acto criativo?

K. S. - De maneira nenhuma. Todos os dias tenho de lutar para tirar o piano da chuva, obter um ambiente decente para a minha música, ter o número suficiente de ensaios e ser tocado. As minhas vinte e nove peças para orquestra nunca são tocadas, há anos que não são tocadas, simplesmente porque não encaixam no sistema de ensaios e de constituição das orquestras. Por conseguinte, julgo que não há o perigo de o «sistema», como V. lhe chama, me integrar e me fazer desaparecer. Eu luto fora do sistema todos os dias e quero mudá-lo.

DL - Acha que o experimentalismo deve ser o objectivo essencial dos compositores?

K. S. - Sim. Experimentar significa tentar algo que não se conhece ainda, ousar uma aventura, uma exploração.

Penso que o artista que abre possibilidades imprevisíveis de percepção através da sua arte é aquele que está sempre a fazer experiências. Deus é o espírito mais experimental que podemos conceber.

Alexandre Delgado



ESPECIAL FÉRIAS/90 no HOTEL DO PARQUE



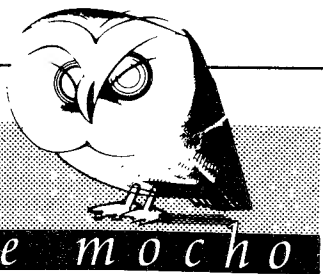
VIANA DO CASTELO COSTA VERDE

O Hotel do Parque em Viana do Castelo elaborou para si um atractivo programa especial «Férias 90» oferecendo-lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre no coração do Alto Minho e no sossegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, Sala de Jogos, etc. Preços p/pessoa em quarto duplo c/peq. almoço incluído.

		MAI.JUN.OUT.	JUL.AGO.SET.
PROGRAMA 1 6 noites 7 dias	Entrada domingos Saída sábados	15 900\$00	18 975\$00
PROGRAMA 2 7 noites 8 dias	Entrada qualquer dia	19 950\$00	22 925\$00

• Peq. Suplemento p/ocupação single.
• 1 a 31 de Agosto supl.: 1250\$00/dia/quarto, em qualquer modalidade.
Peça-nos programa detalhado «ESPECIAL FÉRIAS 90», por Telef. (058)82 86 05, Telex 32511 HOPARC P, Fax 82 86 12 ou no seu AGENTE DE VIAGENS.





olhar de mocho

O sindicato dos pobres

É mesmo preciso retorcer muito as ideias e fingir que ressecados limões ainda têm sumo para espremer, pretender abordar o tema da pobreza num programa de economia. Quando no «Acerto de Contas» de segunda-feira passada, se fez a abordagem do problema, ficámos com a sensação de que pobreza é algo que se resolve dentro de quaisquer gabinetes, como se se tratasse do horário de trabalho das 35 horas. E afirmar solenemente que a pobreza é uma resultante «do mercado de trabalho» é ainda mais próprio de um simplório. O programa não se pode dar ao luxo de perder credibilidade e de estafar a sua «imagem de marca».

Primeiro: desde que existe a escrita que os pobres são tema literário, e ainda nenhum cientista conseguiu explicar se os pais dos pobres são os ricos ou eles mesmos. Desde o grego Homero, temos textos a afirmar que pobres são os parasitas que fizeram a opção de viver à sombra das mesas dos ricos. E também desde esses tempos antigos é evidente que a sociedade deve dar esmolas aos pobrezinhos quanto mais não seja por uma questão de higiene mental e estética - ninguém gosta de ver uma mão estendida diante do seu nariz.

Depois, no mundo marcado pela religião judaica-cristã, apareceu outro conceito de pobreza, directamente relacionado com o facto de os romanos terem colonizado a Palestina e já se poder tirar a ilação de pobres, filhos dos ricos que exploram e oprimem sem olhar a meios. E, nesse contexto político-religioso, a pobreza passou a tema teológico: a salvação não viria da aristocracia mas da oposição a essa forma de poder. E o próprio apóstolo Paulo de Tarso, o primeiro ideólogo do Cristianismo, quase não liga importância aos pobres: para ele existem escravos, os escravos e os livres, os judeus e os gregos na síntese de um Cristo redentor, não são opostos, mas o problema dos pobres resolve-se com a esmolazita.

Mas o pior do programa de Pedro Vassalo, foi a abordagem do problema dos pobres através das sociedades protectoras, instituições de protecção aos pobrezinhos. Se «a nossa sociedade gera desprotegidos» (sic), então é o Estado que deverá resolver esse problema, e as instituições que pretendem proteger, devem-se limitar à protecção dos animais indefesos. O resto são cantigas, tranquilizantes de consciências culpadas. Há tantos anos que se sabe isto, e ainda se continua a patinar na ignorância voluntária. Aliás, o alemão Jimmy, pobre, profissional e voluntário, deu uma achega que o moderador do programa não aproveitou: «Se querem que eu fale, paguem. Se não pagam - não falo». Não se pode é admitir que no dia 1 de Maio, se confundam os sindicatos com as instituições que alegadamente defendem os interesses dos pobrezinhos. Os pobres autênticos, precisam de Estado, não de sindicatos «amarelos». Mas fazer dos pobres o *Valium* dos ricos, é forma encapotada de exploração do homem pelo homem.



José Sousa Monteiro

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Jorge Sampaio, ontem, na entrega dos prémios municipais

Lisboa: pensar já em 1994

A apropriação do espaço público pode, a curto prazo, melhorar o ambiente e o quotidiano dos lisboetas - afirmou ontem Jorge Sampaio, na cerimónia da entrega dos prémios municipais em atraso desde 1986. O presidente da CML poderia ter optado por um discurso de circunstância. Em vez disso aproveitou a ocasião para reabilitar a cidade enquanto local privilegiado de criatividade dos cidadãos, para estabelecer uma interacção entre os mundos do trabalho e da cultura... e para lembrar que em 1994 Lisboa "terá de estar culturalmente transfigurada".

Ontem era 1º de Maio e Sampaio não quis ser-lhe indiferente. Começando por dizer que a CML não compete concorrer com as centrais sindicais, nas comemorações deste dia, o presidente da Câmara assinalou que, quando, há cem anos, os trabalhadores portugueses se batiam pelas 8 horas de trabalho, era de facto por uma vida mais humana que lutavam, uma vida onde os tempos livres (até para a instrução) e a cultura tivessem lugar.

Mas o 1º de Maio, na sua origem já centenária, assinala também a ocupação das ruas e das praças, da cidade em suma. Sampaio soube realçá-lo e, fazendo-o, passou à defesa daquilo a que chamou de apropriação do espaço público para fins culturais.

Uma defesa com ênfase e



Marina Tavares Dias recebendo os prémios Júlio César Machado-Jornalismo e Júlio de Castilho, das mãos do presidente da Câmara

sem demagogia. Se a apropriação do espaço público para fins culturais é - como disse - um vector estratégico de política municipal, ela - como realçou - só por si não basta. Porque? Porque - diria Sampaio - sem políticas de infra-estruturas, equipamentos e patrimónios históricos e sem políticas «invisíveis», mas indispensáveis, de apoio a projectos de animação cultural continuada, o uso cultural do espaço público será apenas uma política de fogachos sem condições de continuidade".

Uma provocação? Sem dúvida, até porque Sampaio,

ao falar da "aposta no uso cultural do espaço público", não se coíbiu de dizer que, se tratava disso mesmo: de uma provocação. A quem, já agora? Às várias instâncias ("públicas, privadas e cooperativas") que, na opinião do presidente da CML, devem ajudar a consolidar as novas necessidades que a utilização cultural do espaço público obriga.

Feita a provocação e esclarecida a quem, Sampaio iria terminar com uma alusão a 1994, ano em que Lisboa será a Capital Europeia da Cultura. Uma alusão nada inocente, já que o presidente

da CML, ao defender a combinação de políticas públicas geradoras de investimento na produção cultural, o que manifestamente quis dizer foi que daqui a quatro anos Lisboa, só por si, não pode arcar com uma responsabilidade que, tanto ou mais do que municipal, deve ser de todo o país.

Numa cerimónia que visou pôr a Câmara em dia com prémios cuja entrega estava atrasada de quatro anos, o mínimo que se pode dizer é que Sampaio, aproveitando o passado, falou para o futuro.

Rodrigues da Silva

GNR no Coliseu dos Recreios Usa e abusa

O que é bom também vicia. E os GNR são, sem dúvida, um dos melhores grupos da pop/rock nacional. Usa-se e abusa-se. Assim, a cerca de uma hora e meia de concerto, para gravação do álbum ao vivo do grupo português, soube a pouco. E o público que encheu por completo o Coliseu dos Recreios, na passada segunda-feira, só arredou pé após o convite civilizado da PSP para abandonar o recinto.

Num cenário simples, e bem concebido, com três níveis de actuação, um carro *estilo Al Capone* dava o mote de tetivesco do concerto da banda, elegantemente vestida de fato e gravata, à moda dos anos 40, onde nem o coldre de sovaqueira de Rui "Torello" Reininho faltou. Após a saída de Alexandre Soares, o grupo perdeu vitalidade e energia, faltava a guitarra emblemática dos seus primeiros trabalhos (de boa memória), agora quase reconquistada com a entrada de Zezé Garcia, responsável por um agradável endurecimento de som, a prová-lo a magnífica introdução instrumental ao tema "Videomaria". O grupo, privilegiando o seu último trabalho,

"A Valsa dos Detectives", interpretou desde um *medley* com os seus primeiros temas "Ser um GNR" e "Portugal na CEE", até aos célebres "Pós Modernos", "Efectivamente" ou "USA". Rui Reininho teve um dos seus habituais e inesperados momentos criativos ao vestir um *kilt* para cantar "Falha Humana", da mesma forma com que dançou com uma espectadora durante "A Valsa dos Detectives". Jorge Romão, como é costume, encheu o palco com a sua energia e alegria contagiantes, aliadas à execução primorosa do baixo. Tóli Machado, o baterista eficiente do grupo, teve o seu momento alto ao tocar acordeão no tema "Dunas". E o teclista Manuel Ribeiro marcou a importância da sua colaboração em "Efectivamente". Após três pequenos *encores*, em que pudemos ouvir "Runaway", o tema que torna a banal série televisiva "Crónica do Crime" inesquecível (mais que apropriado no espectáculo de tetivesco), o grupo encerrou o concerto com o mesmo tema de abertura - "Impressões Digitais". Em termos de vontade no palco este não terá sido o melhor concerto



Rui Reininho: «Efectivamente, gosto de Lisboa...»

dos GNR, mas foi sem dúvida um dos melhores da chamada música moderna portuguesa, em que tudo foi rigorosamente

estudado, luzes, som, organização, música e visual. Um pouco mais de loucura... Maria José Belo Marques

CULTURA E ESPECTÁCULOS

«O Canto dos Fantasmas» de João Aguiar

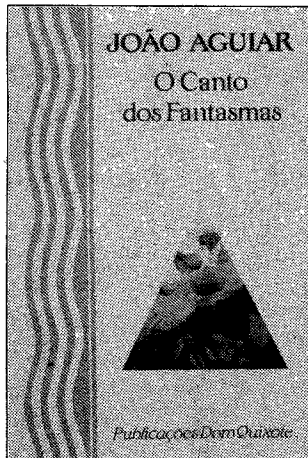
O calafrio que não há

Sabido é de todos nós que, quando subitamente por um dia de Verão, a terra, por breves instantes, é tocada de chuva, se ergue um subtil aroma - e tão de mistério feito que, aspirando-o, nos atira para tempos já vividos, eliminando o presente e oferecendo-nos o passado.

Semelhante fenómeno situa-se para além da racionalidade quotidiana, torna-nos *intemporais*, e, talvez pela primeira vez em nossas vidas, nos damos conta de que, como diria Hamlet, «há mais coisas entre o Céu e a Terra do que a nossa vã filosofia supõe».

Noutras ocasiões, quase que num estonteamento, somos tomados pela sensação de estarmos a viver um acontecimento já *acontecido*, milimetricamente, com todos os pormenores, todos os planos, todas as linhas, todos os pontos. Quem tal experimentou, de maneira funda, não mais esquecerá tal vivência...

Outro fenómeno que também nos surpreende (e não tão raro como os anteriores acima expostos) é o da empatia, que em termos



simples pode ser exposto da seguinte maneira: de repente, e certamente que por leis do inconsciente, pensamos em determinada pessoa, e acontece então que o telefone toca - e eis temos no outro lado do fio o rosto que nos ocupava o pensamento. «És tu...?» - perguntamos. E ouvimos dentro de um certo espanto: «Sim, sou...»

Todas estas estranhas situações há muito já que estão a ser devidamente estudadas, através de uma metodologia séria, quer a Ocidente, quer a Oriente - e de maneira nenhuma devemos men-

osprezar um esforço de pesquisa que tende para a compreensão completa dos seres que nós somos.

Acontece que, através de Publicações Dom Quixote, acaba de surgir nos escaparates, de João Aguiar, o livro de contos «O Canto dos Fantasmas», contos que assemntam, na sua maioria, em fenómenos psíquicos paranormais, o que, em certa medida, entronca nos parágrafos iniciais desta nota de leitura.

Ora bem: não é que João Aguiar não nos apresente uma escrita directa, captando o interesse do leitor, mantendo-o muitas vezes em *suspense*. Mas, em boa verdade, este não é ainda o livro, no panorama literário português, que nos expõe, nos devidos termos, quer a paranormalidade, quer a parapsicologia. E porquê...? Pura e simplesmente pelo facto, embora acreditando no que o autor nos conta (e descontando desde já uma certa fantasia, ou melhor, uma certa recriação), tudo nos surge muito a descoberto, quase linear, à laia (que João Aguiar se não ofenda) de reportagem. Falta-

lhe, enfim, interioridade, o ambiente preciso, sobejando muita escrita a vogar em superfícies vazias de toda a verdade científica, pré-científica, empírica - e verdadeiramente paranormal. Que nos lembremos (e não é uma comparação acintosa) de «O Calafrio», de Henry James («The Turn of the Screw»), onde o fundo paranormal nos integra por completo e nos deixa uma interrogação a tremer nos lábios: «Que coisa foi esta que aconteceu no seio destas páginas...?»

Quer-nos parecer, em suma, que João Aguiar, autor de um título que já atingiu a 11ª edição («A Voz dos Deuses»), bem como de outros que vão em segunda edição, não conseguiu, de feição inteira, oferecer-nos em «O Canto dos Fantasmas» o cume supremo da problemática a que, como escritor, se entregou. Espere-mos por outra obra sua... - Capa de Fernando Felgueiras.

Pedro Alvim

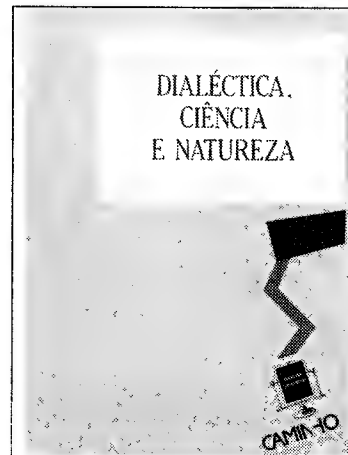
O homem não é (por essência) um ser teórico

Uma filosofia nasce do revelar de uma contradição que antes se ocultava. Acende-se um sinal de *stop* indicador de impossibilidade no discurso alheio. Era também neste sentido que Bergson declarava que a intuição *proíbe*. Essa intuição de uma verdade *única e simples* que serve de pano de fundo a toda a grande filosofia. Esta rejeição primitiva que é uma opção fundante é afinal o acto revelador do poder da negação. Na última fase da sua vida Bertrand Russell confessava que todo o trabalho criador que tinha realizado partira de um quebra-cabeças que lhe causava mal-estar. O surgir de um problema que por assim dizer desafiava o espírito. Há uma incomodidade socrática na origem de todo o filosofar. Esse desconforto original reveste a forma da negação - por exemplo, a negação de algo até aí tido por verdade incontroversa. A contradição expressa nessa negação actua como motor da génese do sistema. Há uma essencialidade polémica. Fichte manifestava-a ao referir esse mundo caótico que serve de ventre materno à verdade, e em Kant ela está patente no jogo de

oposições da dialéctica transcendental. Mas o postulado que se apresenta como necessário não escapa à determinação histórica, como alguns têm desejado fazer acreditar. O que Piaget nos informou quanto à formação da razão é passível de generalização, e neste contexto também podemos declarar por analogia que a génese nunca é começo absoluto. Há sempre uma estrutura antecedente que é, por definição, um sistema em devir, em fases de permanente

metamorfose. Tal como acontece com a génese do conhecimento, também aqui se tem de considerar a interferência de factores internos e externos sem que seja possível hierarquizá-los de modo absoluto. E isto leva-nos a concluir que a atitude de privilegiar a interioridade acaba por ser empobrecedora. O homem não pode ser apenas vinculado ao comportamento teórico. Ele não é por essência *ser teórico*. Só o recurso a soluções artificiais pode justificar que se projectem para fora da história os pressupostos que actuam como ponto de partida dos sistemas filosóficos. Não estamos perante uma utopia: eles não são separáveis do sistema de coordenadas espaço-temporais que os acolhe.

(«Dialéctica, Ciência e Natureza», João Maria de Freitas Branco, Caminho, Coleção Universitária)



«Mafalda Inédita» com prefácio de Eco

Palavrões da menina contestatária: #, » e */...

Ainda não desfolhado por portugueses, eis nos escaparates «Mafalda Inédita», do já celebrado Quino, um álbum de cem páginas enriquecido, desta vez, com dois prefácios, um dos quais (isso mesmo!) de Umberto Eco, sendo o outro de Oreste del Buono.

Umberto Eco é peremptório:

«Mafalda não é apenas uma nova personagem da banda desenhada: é a personagem dos anos setenta.

Se para a definir se utilizou o adjectivo de «contestatária» não foi para a alinhar a qualquer preço na moda do anticonformismo: Mafalda é de facto uma heroína «enraivecida» que recusa o mundo tal como é. Para compreender Mafalda é necessário estabelecer um paralelo com um outro grande personagem a cuja influência ela evidentemente não se subtrai: Charlie Brown. Charlie Brown é norte-americano, Mafalda sul-americana (o seu autor, Quino, é argentino, e a

personagem aparece já há algum tempo na Imprensa argentina). Charlie Brown pertence a um país próspero, a uma sociedade opulenta na qual procura desesperadamente integrar-se mendigando solidariedade e felicidade; Mafalda pertence a um país cheio de contrastes sociais que, no entanto, mais não pede do que integrá-la e torná-la feliz, coisa que Mafalda recusa, afastando todas as tentativas. Charlie Brown vive no seu universo infantil de onde, rigorosamente, os adultos estão excluídos (apesar de as crianças aspirarem a comportar-se como adultos); Mafalda vive em contínua dialéctica com o mundo adulto, que não estima nem respeita, antes pelo contrário, ridiculariza e rejeita, reivindicando o seu direito a permanecer uma menina que não quer assumir o universo adulto dos pais.

Charlie Brown leu, evidentemente, os «revisionistas»

de Freud e busca uma harmonia perdida; Mafalda leu, provavelmente, o Che...»

Subtilmente intitulado «Mafalda ou a Recusa», o escrito de Umberto Eco dá-nos, por assim dizer, a fotografia de Mafalda em todas as suas facetas, desmultiplicando-a (como se impunha...) em fotogramas incisivos, a preto e branco, linha escrita após linha escrita.

Depois, é óbvio, há que desfolhar o álbum - e observar Mafalda, por exemplo, a lutar, em quatro fotogramas, com o discurso.

Assim - e utilizando (olha se o não tivéssemos mesmo aqui à mão!) o nosso computador (e o leitor verá porquê):

- Porque é que não se podem a dizer palavrões? Hem? Porquê?

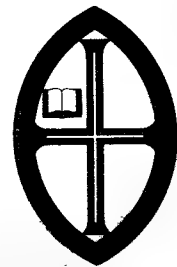
- Se eles fossem tão santinhos nem deviam saber o que significa # e », nem *!

- Mas sabem e isso é que os chateia! E se eu digo # e » é só pra chatear, mais nada!

- Porque na verdade não sei que raio quer dizer #, nem », e nem *!

Enfim: inéditos de Mafalda que ora nos chegam aos olhos, através de um álbum que nos chama mesmo para o interior das suas páginas, correndo embora o risco de sermos insultados (ou melhor: contestados) através de palavras tais como #, » e *...

P. A.



SELECÇÃO DE PESSOAL

O Instituto Politécnico de Santarém torna público, nos termos do art.º 17.º do Decreto-Lei 427/89 de 7/12 que, até ao dia 11 de Maio de 1990, aceita candidaturas para uma vaga de Técnico-Profissional (nível 3) para o laboratório de Construção Civil da ESCOLA SUPERIOR DE TECNOLOGIA DE TOMAR.

As funções são exercidas em regime de contrato administrativo de provimento e a remuneração será a relativa ao índice 160 da tabela geral da função pública.

Podem candidatar-se os interessados que possuam o 9.º ano de escolaridade e um curso de formação profissional no âmbito da Construção Civil com duração não inferior a dezoito meses, sendo condição de preferência ter experiência num laboratório similar.

A COMISSÃO INSTALADORA DA ESCOLA SUPERIOR DE TECNOLOGIA DE TOMAR

«Amatus» Amanhã, quinta-feira, dia 3, pelas 18 e 30, é apresentado no Clube dos Jornalistas (Rua das Trinas), por David Mourão-Ferreira, «Amatus» (Edições Afrontamento), o mais recente livro de Filomena Cabral, escritora que, em Novembro, oferecerá ao público leitor o romance «Obsidiana» (Publicações Europa-América).

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Na solidão dos campos de algodão é a última peça levada à cena no Teatro Aberto. Com ela apresentam-se as personagens, plenas de desejo, um vendedor e um comprador, que nada trocam. Mário Viegas e João Perry são os actores

Cultivar o desejo na solidão

Um homem está sozinho num campo. Espera. Entre duas luzes. Num sítio onde não há razão para encontrar ninguém. Na solidão. No escuro. «A solidão será provavelmente o lado mais escuro das pessoas», disse um. O objectivo é o contacto, a repulsa, o calor. Ver quem, primeiro, deixa passar o outro no passeio. «É o pff-pff entre um gato e um cão», disse o outro. Ou antes, «um cão calmo e paciente, o dealer, e uma galinha histérica, o cliente», conclui. «Vou de uma luz para outra luz com um desejo adormecido», retoma o primeiro. Não há nada para vender. Nem para comprar. As pessoas são incógnitas. «Às vezes é necessário muito barulho para se poder ouvir novamente», diz ainda. Até ao fim, expectantes, «prometem» sem dar nada. O campo não é de algodão. Nem de coisa nenhuma. É deserto. É escuro. É preciso, só, ouvir as palavras. No palco está uma linha férrea, uma escada de ferro, restos de carregamentos. Espaço intermédio, desactivado. Os dois homens, actores. Eles falam pelas personagens. Indefinidas. Um, o primeiro,



Mário Viegas e João Perry, cliente e dealer, os actores em diálogo com João Lourenço, o encenador

é o dealer, João Perry. O outro é o cliente, Mário Viegas.

Na solidão dos campos de algodão, é o nome da peça de Bernard-Marie Koltès. João Lourenço foi o encenador. Mais uma produção do Novo Grupo, a 17ª, no Teatro Aberto, à Praça de Espanha. A estreia foi a 25 de Abril, «dia de festa, que trouxe a liberdade de fazer as peças que se quer», justificou o encenador. Vera San Payo de Lemos, que assina a versão (juntamente com João Lourenço) e a dramaturgia, explicou as simbologias do autor.

Os campos de algodão representam a solidão máxima. «Provavelmente»,

disse Vera San Payo de Lemos, «lá estão as américas, os blues, a solidão dos cultivadores nos campos de algodão». «Em contraste estão duas concepções, dois nomes ligados apenas pelas transacções da vida». Primeiro, eram um bluesy e um punk. Koltès chamou-lhes ainda cão e gato. Os nomes ficaram-se por dealer e cliente. «As raízes não existem, existem lugares, não importa quais...», disse um dia o autor.

João Perry fala do dealer. «O vendedor é um homem que nunca aceita o não como resposta, tem medo de ser recusado. É suposto ter o que os outros querem. Mas não diz

o que tem. Esconde-se na sua linguagem. Impreciso, não se revela. E espera. Acorda o seu desejo com o pedido do outro. Como alguém que espera que lhe toquem para começar a sorrir, a bater... Mas não se expõe... frágil». «Uma das coisas que a minha personagem diz», adianta, por sua vez, Mário Viegas, o comprador, «é que quer ser zero, tem medo da cordialidade, não tem vocação para compadrios e receia mais a violência da camaradagem do que a violência dos golpes, diz ainda que não há nada mais inquietante do que sermos acariciados, quando nos deveriam bater».

As palavras são um refúgio, onde as relações humanas se escondem. A peça fala de estados extremos, poéticos, do «fio da navalha», longe do dia-a-dia. Serão personagens antagónicas? «Têm uma coisa em comum», responde Mário Viegas, «elas escondem-se e revelam-se através das palavras». É um duplo diálogo cruzado, como arma única e absoluta. Porque é um texto poético, uma peça que vive do poder da palavra. Porque, «palavras não existem/...palavras somos nós». Os versos exemplificam, disse o actor, a duplicidade das linguagens do teatro de Bernard-Marie Koltès.

Vera San Payo de Lemos, João Lourenço, Mário Viegas e João Perry, juntos, uma só vez anteriormente, e nas mesmas funções, já nos tinham apresentado um outro êxito, de grata memória, Baal, de Bertolt Brecht, levado à cena também pelo Novo Grupo, no Teatro da Trindade. A presença dos dois actores convidados, em Na solidão dos campos de algodão, era, segundo João Lourenço, uma necessidade. A peça, programada há mais de um ano, exigia dois actores especiais. «Eles são os melhores que eu poderia ter para representar estes dois papéis», disse o encenador. Para além dos actores, o trunfo é a aposta no dramaturgo. Esta é a primeira peça de Bernard-Marie Koltès que estreia em Portugal. O autor morreu cedo, o ano passado, vítima de SIDA, com 42 anos, e deixou-nos seis peças, escritas entre 1977 e 1989. As cinco primeiras foram todas encenadas por um nome de peso na dramaturgia francesa, Patrice Chéreau, seu grande amigo. A última peça de Koltès, Roberto Zucco, terá estreia anual este ano, no Festival de Teatro de Berlim, com encenação de Peter Stein, a quem dedicara o texto. Com Na solidão dos campos de algodão, conclui João Lourenço, «oferecemos ao público um espectáculo, em que a música está nas palavras, e onde as pessoas poderão ouvir uma pequena partitura musical, tocada a quatro mãos».

Manuela Baptista

Vieram a Lisboa no último mês de Novembro e agora chegou-nos o registo da sua actuação em CD. São americanos mas vivem há muitos

DISCOS

anos na Europa, e foram os mentores dos Tuxedomoon, que não se sabe muito bem se acabaram ou se não. Steven Brown e Blaine L. Reininger aderiram às hostes do neoclassicismo e... perderam

Na pele do cordeiro

Gravado no S. Luiz, aquando do recital que Steven Brown e Blaine L. Reininger por cá protagonizaram a 21 de Novembro passado, eis que chega ao mercado português, via importação, o testemunho em compacto do encontro lisboeta dos dois (ex-?)Tuxedomoon, numa selecção que privilegiou a faceta mais ostensivamente «neoclássica» do evento. Sumarizando, diga-se que com a audição de «1890-1990: One Hundred Years of Music» (que título mais pretensioso!), edição da Disques du Crépiscule, mais fica comprovado o esgotamento não só de um determinado projecto musical que foi o do grupo e, durante algum tempo, dos seus mais proeminentes elementos nas suas carreiras a solo, como também algo mais grave: a criatividade original depõe forças face aos modismos mundanos. Lamentável.

O disco, exactamente como acontecera no concerto, que teve organização da mesma Contraverso que está a comercializar o novo título, até se ouve bem. Demasiado bem. Tudo foi concebido para obter um determinado efeito, em termos de «beleza» estética, de equilíbrio harmónico, de sonoridade, e a música resulta como se ouve, excessivamente limpa e absurdamente frágil, sem personalidade nem chama, apenas com o propósito de encantar, distrair, redundar na formulação de ambientes, estados de espírito, complacências a-críticas.

Uma moda a cuja proliferação assistimos, acobertada em estatutos de «seriedade» e «alternativa» mais do que duvidosos, mas que vão tendo os seus fiéis. Brown e Reininger cederam ao chamamento e subscreveram «isto», um manifesto de impotência imaginativa que ainda dará muito que falar.

Filiados no romantismo da música de câmara e no impressionismo pianístico, nada lhe introduziram ou acrescentaram. As composições fixadas neste CD limitam-se a ser um apanhado de citações, uma música secundarizada na referencição passiva a que procede relativamente ao arquétipo escolhido. Se num ponto ou noutro julgamos ouvir Debussy ou Chopin, uma consulta às notas técnicas logo nos certificam do pastiche: são tudo obras escritas pelo duo.

O mal, é evidente, não está na tipologia neoclássica, que tem alguns felizes intérpretes na cena mundial e, como seria de esperar, com realce para a Europa, sendo o caso de Wim Mertens ou Michael Nyman, aliás, quase paradigmáticos disso. A opção não está em dúvida, pois (nem nos competiria acusá-la), e sim a atitude revelada por Steven Brown e Blaine Reininger, que na sua identificação, cada vez mais pronunciada, com a modalidade e o tonalismo, singrando pelo mais absoluto figurativismo musical, esqueceram-se que retirar à música, a qualquer música, a sua complexidade e a sua intuição do paradoxo é o mesmo que despi-la das suas principais virtudes. Os doze temas de «1890-1990: One Hundred Years of Music» não dispõem de substância, antes fluem na leveza da sua exterioridade desencorpada.

Os Tuxedomoon foram um grupo germinal, com a sua prática intercalada entre o rock elaborado, o jazz inovador e a erudição desalinhada, pelo que não é sem algum constrangimento que vemos dois músicos da sua fornada equivocarem-se a este ponto, na sequência dos sucessos somados. O erro é também «operativo», como se nota particularmente com Reininger, violinista com maiores limitações do que as que fazia notar no seio dos T., sem arcaboço suficiente para estes exercícios. O Brown pianista é bem mais interessante nestas lides, como já se percebera antes através dos discos sob o seu nome, embora menos capacitado nos pareça no uso do saxofone, soprando-o sem o trabalhar.

Quem não quer passar por cordeiro que não lhe vista a pele... As mais recentes prestações de Steven Brown e Blaine L. Reininger, no concerto de Lisboa com o disco que o recorda, são uma desilusão, em suma.

Rui Eduardo Paes



TEATRO DA GRAÇA
GRUPO TEATRO HOJE

CENAS
D
A
V
I
D
A
D
E
BENILDE

Subsídio SEC

SEGUNDO «BENILDE OU A VIRGEM MÃE» DE JOSÉ RÉGIO

ENCENAÇÃO: JORGE LISTOPAD

COM: ALEXANDRA LENCASTRE, ALEXANDRE DE SOUSA, ANTONINO SOLMER, ELISA LISBOA, ISABEL DE CASTRO, JOSÉ FIGUEIREDO, JULIO MARTÍN, RUY FURTADO

ESTREIA AMANHÃ, ÀS 21.30

DESPORTO

Andebol: Benfica vence em Alvalade

O Benfica passou incólume na sua deslocação à Nave de Alvalade, naquele que era considerado o encontro mais importante da 4.ª jornada do nacional da 1.ª divisão realizado no dia de ontem. De um encontro teoricamente difícil, os encarnados passaram a sua classe no «covil» dos «deões», não chegando a permitir que a emoção marcasse presença no velho «derby» entre os eternos rivais. Tal ficou a dever-se ao aproveitamento da fragilidade da turma leonina, sobretudo no seu ataque, com os comandados de Troffin a explanarem de maneira exemplar o contra-ataque (apoiado e directo) e a vencerem já confortavelmente ao cabo dos trinta minutos iniciais (17-10).

O contrário quase que se passava nas Antas, com o FC Porto a partir da posição de favorito e o Belenenses a pregar-lhe um susto dos grandes. Parecendo afectados pela derrota de sábado em Braga, os pupilos de António Cunha viram os seus opositores passarem para a frente no marcador, comandarem-no e, mais do que isso, «mandarem» no jogo a seu bel-prazer. Assim, cerca dos 10 minutos para diante, os presentes no recinto portista viram os azuis do Restelo situarem a sua diferença pontual em 3, 4 golos até ao 14-10 que se registava ao intervalo. Após o descanso outro FC Porto se viu, mais concentrado, mormente na defensiva e homens como Santa Bárbara, Rui Ferreira e Carlos Resende foram pedras fundamentais na recuperação encetada, com o empate a surgir à passagem dos 50 minutos (19-19) e a vitória a aparecer apenas nos dois minutos finais. Muitas dificuldades colocadas pelos pupilos de Hernâni/Espadinha aos super-favorites «dragões», a exemplo do que se verificara na primeira fase (25-24), a servir de alerta para o facto de não existirem jogos fáceis até final, qualquer que seja o adversário.

Nas restantes duas partidas os visitantes fizeram o factor casa.

Eis os resultados: Sporting, 23 - Benfica, 32; FC Porto, 24 - Belenenses, 21; Vit. Setúbal, 18 - ABC, 16 e Boavista, 22 - Académica, 18.

Consequência destes resultados foi o afastamento pontual (ainda maior) dos dois comandantes em relação aos seus perseguidores, a dizerem bem que a luta pelo título de campeão se resume aos dois emblemas. Eis o escalonamento das equipas: 1.º FC Porto e Benfica, 42 pontos; 3.ºs ABC e V. Setúbal, 33; 5.º Sporting, 32; 6.º Académica, 31 e 7.ºs Belenenses e Boavista, 26.

Jorge Marques

Hóquei em patins: «dragões» preparam a festa

Quando restam duas jornadas para o termo do Campeonato Nacional de hóquei em patins, o FC Porto está prestes a festejar a conquista de mais um título, já que o nível das suas exibições e a alta craveira dos seus artistas, serão o bastante para gerir os dois pontos que mantêm sobre o seu mais directo seguidor (Óquei de Barcelos).

Na ronda de ontem (a 24.ª) os destaques vão para as goleadas do FC Porto (17-5 à turma barcelonesa da Quimigal), da Oliveirense (12-3 frente ao Sporting) e do Benfica (10-2 no recinto da Grundig) e do Turquel (7-0 ao Sporting de Tomar).

Resultados e classificações: Barcelos - Paços de Arcos, 3-1; Académica - Sanjoanense, 4-5; Oliveirense - Sporting, 12-3; Grundig - Benfica, 2-10; Turquel - Tomar, 7-0; Parede - Valongo, 1-3; FC Porto - Quimigal, 17-5.

Classificação: FC Porto, 68 pontos; Barcelos, 66; Benfica, 65; Sanjoanense, 54; Sporting, 53; Oliveirense, 52; Paço de Arcos, 48; Turquel, 47; Valongo, 42; Académica, 40; Quimigal, 39; Grundig, 38; Tomar, 31; Parede, 29.

Ciclismo: Volta à Espanha Gomes lidera as «volantes»

O ciclista norueguês Pedersen, conseguiu o seu primeiro êxito como profissional, ao triunfar na oitava etapa da Volta à Espanha em bicicleta, corrida entre Sevilha e Mérida na distância de 199,6 quilómetros, com o tempo de 4.59.06 horas.

Pedersen cortou a linha de chegada à frente de um grupo de 13 ciclistas, protagonizando uma fuga que durou 151 quilómetros e que chegou a ter uma vantagem de 10.20 minutos sobre o grosso do pelotão.

Quanto aos portugueses, Joaquim Gomes continua a ser o melhor colocado na pauta geral, ocupando o 64.º posto encontrando-se a 15 minutos e 22 segundos do líder (Jilian Gerospe). Jorge Silva mantém a liderança das metas volantes com 12 pontos seguindo-se o espanhol Angel Iglesias com 10 e, colectivamente, a Sicasal ocupa o antepenúltimo lugar.

Após a 8.ª etapa a posição dos portugueses na classificação geral é a seguinte: 1.º Julian Gerospe (Espanha) 33.49.45; 64.º, Joaquim Gomes, a 15.22; 97.º, Cássio Freitas, a 27.14; 104.º, Serafim Vieira, a 30.03; 108.º, Jorge Silva, a 31.18; 134.º, José Poiera, a 41.16; 137.º, António Pinto, a 41.51; 146.º, Manuel Abreu, a 44.32; 161.º, Fernando Mota, a 48.06.

Na etapa de ontem desistiu Rui Vitorino.

Futebol: «doping» virado ao Norte

O Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol resolveu instaurar um processo disciplinar a Sousa Cintra por denúncia apresentada pelo presidente da FPF (João Rodrigues) que considerou injuriosas certas afirmações produzidas pelo condutor do executivo sportinguista.

Para além desta decisão, o órgão disciplinar da Federação futebolística, analisou e deliberou sobre diversos processos sobre «doping» tendo resolvido: suspender, por seis meses, o jogador Marcos António Nogueira (Freemunde) e por três meses foram castigados: Mário Rui Cunha Teixeira e Jorge Silva Cardoso (ambos do Marco), Carlos Alberto Campos Machado e António Castro Costa (Joane) e ainda Carlos Aurélio Moreira da Rocha (Freemunde).

Por actos de indisciplina, foram punidos os seguintes futebolistas: Figueira (Chaves) com quatro jogos, Duílio (Estrela), Isaias (Boavista), José Maria (Tirsense), Ivkovic, Venâncio e Douglas (Sporting), Samuel (Benfica), Heitor (Nacional), Oliveira (União), Rogério Diamantino (Chaves) todos com dois jogos. Com um jogo de penalização foram contemplados diversos jogadores que, natural-

mente, já cumpriram o castigo.

Rui Neves renovou

O jovem futebolista do Estrela da Amadora, Rui Neves, renovou o contrato por mais dois anos.

Sadinos com direito a viagem

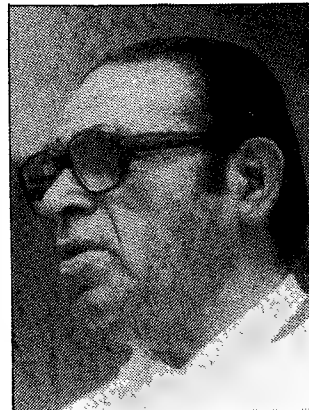
A direcção do Vitória de Setúbal oferece transporte gratuito aos associados que desejem acompanhar a equipa a Santa Maria da Feira, para assistir ao encontro (repetição) com o Feirense que amanhã se realizará no Estádio Marcolino de Castro.

Maia-Gil Vicente: amanhã

Realiza-se amanhã (16 horas) o encontro Maia-Gil Vicente, mandado repetir pelo Conselho de Disciplina da FPF. Recorde-se que o encontro respeitante à 24.ª jornada do nacional da 2.ª Divisão (zona Norte) foi interrompido (por falta de energia eléctrica) quando faltavam 16 minutos para o seu termo, estando os gilstas a vencer por 2-0.

Manuel Marques operado na Cruz Vermelha

Manuel Marques, o mais prestigioso e popular dos massagistas portugueses,



encontra-se internado no Hospital da Cruz Vermelha (Lisboa) e entregue à Unidade de Cuidados Intensivos. Um dos símbolos sportinguistas de mais respeitosa expressão foi operado ao estômago, na passada 2.ª feira, pelo dr. Mendes de Almeida, mas surgiram complicações que estão perturbando o restabelecimento do «homem das mãos de ouro». Espera-se, todavia, que a sua constituição física vença este mau momento e Manuel Marques volte ao Departamento Médico de Alvalade e continue rodeado dos seus imensos amigos.

Campeonatos lá por fora

Ontem, processaram-se jogos para diferentes campeonatos. **Inglatera:** Manchester United, 0 - Wimbledon, 0; e

Liverpool, 1 - Derby, 0. O Liverpool já é campeão. **Alemanha Federal:** Bochum - Borussia Moenchengladbach, 2-1; Eintracht de Frankfurt - Futebol Clube de Homburgo, 1-1; V.F.B. de Estugarda - Nuremberga, 4-0; Colónia - Waldhof de Manheim, 6-0; e Kaiserslautern - Bremen, 2-2. Classificação actual: 1.º, Bayern de Munique (31 jogos), 44 pontos; 2.º, Colónia (32), 41; 3.ºs, Bayer Leverkusen (31)

Jogo particular de homenagem ao «internacional» espanhol Camacho: Real Madrid, 2 - Milão, 1. Golos: Hugo Sanchez, Gordillo e Massaro. As equipas:

Real Madrid: Buyo (Agustín, na 2.ª parte); Chendo (Tendillo, aos 35m), Camacho (Solana, aos 13m), Hierro e Sanchis (Parra, na 2.ª parte); Gordillo, Michel (Júlio Llorente, aos 75m), Martín Vazquez e Sanchez.

A.C. Milão: Galli (Antonio-li, na 2.ª parte), Tassotti (F. Galli, na 2.ª parte), Maldini, Baresi (Carorbi, na 2.ª parte) e Costacurta; Colombo (Albertini, aos 76m), Rijkaard (Fuser, na 2.ª parte) e Evani; van Basten (Stroppa, na 2.ª parte) e Simone (Donadoni, na 2.ª parte).

No 2.º Canal da RTP: Taça UEFA Juventus-Fiorentina: Rui Barros e companhia

Hoje, pelas 18 e 55, em directo no 2.º Canal da RTP, Portugal pode ver a 1.ª mão do duelo Juventus - Fiorentina, que se realiza no Estádio Comunale de Turim, sob arbitragem do espanhol Emilio Soriano Aladren. Possíveis equipas e números iniciais:

Juventus (camisola branca e negra): Tacconi (1); Napoli (2), Gália (4), Brio (5) e di Agostini (3); Bonetti (6), Aleinikov (7), Rui Barros (8) e Zavarov (10); Casiraghi (9) e Schillaci (11).

Fiorentina (camisola violeta): Landucci (1); dell'Oglio (2), Donga (4), Pin (5) e Volpecina (3); Battistini (6), Napi (7), Kubik (8) e Baggio (10); Buso (9) e di Chiara (11).

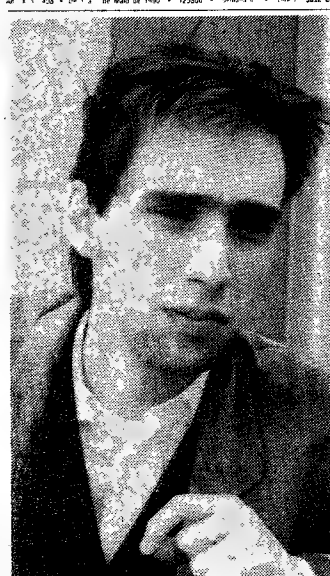
A 2.ª mão desta final está marcada para o dia 16, provavelmente em Roma, face à interdição do estádio da Fiorentina.

Em África

Campeonato angolano: o Primeiro de Agosto venceu o Petro do Huambo, por 1-0, e manteve o 1.º lugar no «Girabola» de Angola, após a 5.ª jornada. Outros resultados: TAAG - Desportivo da Eka, 1-0; Sporting de Benguela - Inter de Luanda, 0-1; Desportivo da Cuca - Petro de Luanda, 1-3;



journal de letras, artes e ideias



PEDRO BURMESTER A TECLA SENSÍVEL

IN ENTREVISTA DE JOSÉ JORGE LETHIA IN DEPOIMENTO DE MARIO LARUMA

PÁGS. 24/25

CARTAS INÉDITAS DE CAMILO

PERRY & VIEGAS NA SOLIDÃO DO PALCO

IN ENTREVISTA DE ANA PAULA DIAS



David Mourão-Ferreira escreve sobre Valentim de Carvalho

Rebentam os diques da moral

Os actuais dirigentes da Federação Portuguesa de Futebol parecem apostados em captar a antipatia dos jornalistas, através de atitudes contrárias às normas da ética instituída e a que sempre nos habituaram aqueles que, durante oito décadas, foram colocados na liderança do areópago do futebol português. Os nobres exemplos de Maia Loureiro, Francisco Mega, Justino Pinheiro Machado, Matos Correia, Casal Ribeiro, António Marques, Romão Martins, Martins Canaverde e Silva Resende (entre outros) deixaram de ter continuidade em João Rodrigues.

As relações de cordialidade e respeito pelas funções dos jornalistas são pontos sem referência para o actual elenco federativo e, no passado sábado, Ribeiro de Magalhães seguiu o mau procedimento a que o seu «chefe» nos vem habituando, ao dar forte reprimenda ao colega (Hugo Velosa) quando este, obedecendo às directrizes de João Rodrigues, transmitia aos representantes dos órgãos de Comunicação Social os muitos sintetizados esclarecimentos sobre o que se teria passado durante a reunião com as associações.

João Rodrigues diz que não fala e remete os jornalistas para Hugo Velosa e eis que surge Ribeiro Magalhães a recomendar ao colega para nada dizer. O porta-voz obedece e pouco diz.

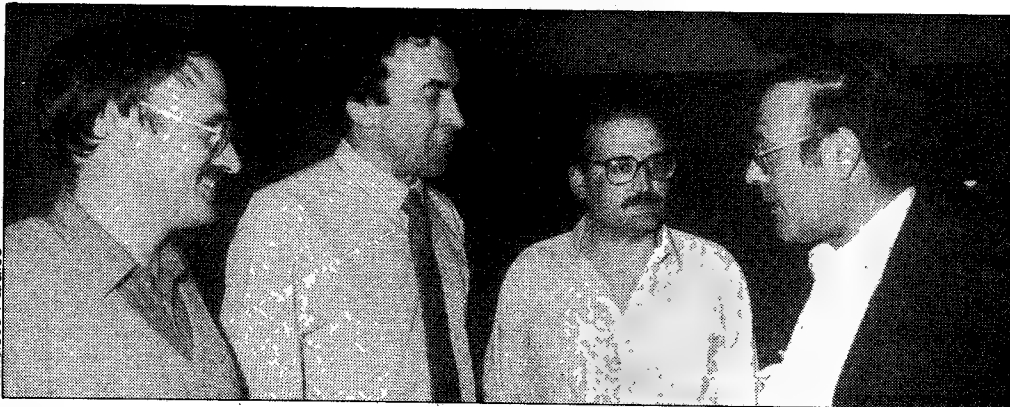
Está explicada a razão porque o nosso companheiro João Paulo Diniz não resistiu mais do que dois meses como assessor de Imprensa do organismo mais conhecido da Praça da Alegria. Aquilo é uma tristeza. Os diques da moral estão a rebentar.

A.H.

DESPORTO

Painel policromático da vida desportiva municipal, os Jogos de Almada dão conta das potencialidades do meio e ajudam à coesão social

Almada: desporto para todos



O vereador António Matos (ao centro) e os coordenadores Joaquim Marreiros e Pedro Carrilho dão conta ao «DL» dos objectivos dos Jogos Desportivos de Almada

rios mais baixos, prefiguram um modelo de desenvolvimento desportivo que pode ajudar decididamente a reunir no concelho um conjunto de condições sem as quais não é possível avançar de forma alicerçada e séria para novas metas no plano do rendimento desportivo.

Porque julgamos ter em Almada um nível de prática desportiva suficientemente ampla, diversificada, e disseminada um pouco por todo o concelho, entendemos ser útil, e mesmo necessário, dar ao Município e à região, a mostra pública daquilo que vale e sabe fazer a comunidade desportiva municipal.

Com os clubes e outras associações, com as escolas, técnicos de uns e de outras, quisemos fazer a experiência comum de uns jogos municipais, que fossem o resultado do empenhamento voluntário e convergente dos agentes desportivos que operam nas nossas freguesias.»

Festa municipal

«Os Jogos de Almada são um quadro competitivo que pretende ser complementar e nunca concorrente dos vários sistemas de organização competitiva de incidência local, designadamente o federado. Por isso colhe entre os mais jovens o maior número de participantes. E mais do que um programa de competição, estes Jogos são um motivo de festa municipal, de convívio entre atletas de todas as zonas da área concelhia e também um confronto pedagógico - desportivo entre os clubes locais, escolas e outras associações, afinal os verdadeiros e únicos protagonistas institucionais do complexo processo de desenvolvimento desportivo local.»

Não à «pirotecnia»

O vereador António Matos — um dos grandes dinamizadores da Seixalada — adiantou, seguidamente, que os Jogos de Almada custarão cerca de quatro mil contos e sobre os objectivos que fundamentam a realização desta importante manifestação desportiva de raiz popular, acrescentou: «Os Jogos são fruto de uma ideia da Câmara mas o resultado da vontade dos clubes. A meta para 1992 é mobilizar 20 mil jovens numa iniciativa que no próximo ano ultrapassará as fronteiras do concelho... Os Jogos de Almada pretendem contrariar assumidamente todos os pressupostos dos mais fáceis planos de animação desportiva sem alicerces, qual fogo-de-artifício bonito de ver, mas efêmero e passageiro. Rejeitamos velados convites para entrar em programas de «pirotecnia desportiva, que regala momentaneamente a vista mas deixa resultados nulos e de nenhum efeito.»

Os dados estão lançados. Os Jogos decorrem e, quando no dia 1 de Julho, se proceder ao encerramento, será feito o balanço. Positivo se-lo-á sem dúvida.

Alves Henriques

Organizados pelo Pelouro de Desporto da Câmara Municipal de Almada com o apoio das juntas de freguesia do concelho, das diversas colectividades desportivas e demais estruturas colectivas, os II Jogos de Almada estão já em plena evolução, admitindo-se que sejam protagonizados por cerca de 10 000 atletas, com vinte modalidades em desfile. Quanto às colectividades organizadoras destaca-se o Almada Atlético Clube, CR Feijó, CR Pombalense, Beira Mar Atlético Clube, CR Barroquense, Clube Lisnave, SR Bela Vista, CIR Laranjeiro e o GDC Almada.

O vereador António Matos (acompanhado pelos coordenadores Joaquim Marreiros e Pedro Carrilho) reuniu com os representantes da Comunicação Social para transmitir a filosofia dos jogos e das linhas de orientação quanto ao desenvolvimento desportivo do concelho.

Do pensamento do vereador ficam as palavras, quanto à acção (de todos os interessados) é de prever empenhamento total.

«Dotadas de pequenas instalações onde se desenvolvem modelos de animação que previlgiem desportos de salão e de interior, ou dotados de equipamentos de maior envergadura a permitir acções de maior impacto e significado desportivo ou ainda vocacionados para o desporto-recreação e de ar livre, podemos afirmar estarmos numa região que tem o privilégio de ter já reunida uma elucidativa gama de recursos institucionais onde não tem faltado também um extenso, diversificado e empenhado elenco de técnicos e dirigentes desportivos que tem fazer de Almada um concelho onde o desporto desempenha papel importante no contexto das actividades sociais mais significativas.

A importância do desporto nesse contexto de actividades municipais de natureza social é nota que deve ser sublinhada, tanto mais quanto é certo não ser de conhecimento público elevados níveis de rendimento desportivo ocorridos nos clubes locais, neste princípio dos anos 90. Mas a verdade é que a preocupação dispensada pelos clubes às actividades de desporto de lazer, às acções no plano da formação e ao trabalho com os escalões etá-

motor
motor
em movimento



AGORA ÀS QUINTAS-FEIRAS

DESPORTO

Belenenses em tempo de eleições

Oposição joga em duas frentes

Enquanto Rui Cruz (candidato da continuidade) mantém algum silêncio quanto ao seu programa eleitoral e ao nome dos seus companheiros na corrida para o «trono de Belém», os seus opositores Ferreira de Matos (lista C) e Baptista da Silva (lista B) vão-se movimentando junto dos diversos núcleos de associados e demais prosélitos e transmitindo aos jornalistas as linhas programáticas do seu «projecto de intenções».

No sábado, Baptista da Silva (que se encontrava acompanhado por Manuel Bulhosa, Mendes Pinto, Sequeira Nunes, Machado Rodrigues) reuniu-se com os jornalistas e «para recolocar o Belenenses no lugar que o clube merece» referiu, em síntese, os propósitos da sua candidatura. **ESTRATÉGIA SOCIAL:** estabelecer com associados, filiais, delegações, casas e núcleos, um relacionamento estreito e motivador de revigoramento de uma mística abalada; proceder a planificada e cuidadosa análise do quadro associativo do clube, partindo daí para uma campanha estruturada capaz de transformar milhares de simpatizantes em associados do clube; **ESTRATÉGIA DESPORTIVA:** manter relacionamento exemplar com todos os agentes do desporto; participar activamente dos organismos desportivos de nível nacional e regional, com recusa a apoiar ou sequer participar enquanto não seja sério e transparente. **FUTEBOL:** reorganizar o Departamento de Futebol em toda a sua amplitude, por forma a obter-se uma organização correcta e de eficácia contínua; dotar a equipa principal dos quadros técnicos e de jogadores que lhe possibilitem, sustentadamente, disputar os primeiros lugares das competições nacionais; a equipa principal não terá de ir à Europa, mas ficar na Europa, pelo que se impõe reforçá-la com dois ou três jogadores nacionais ou estrangeiros de qualidade in-



Manuel Bulhosa (ao centro) anuncia a razão do regresso. A seu lado: Mendes Pinto, Baptista da Silva, Machado Rodrigues e Sequeira Nunes

discutível, resultando num plantel que poderá até ser menor mas deverá ser melhor. **ACTIVIDADES AMADORAS:** procurar manter o tradicional ecletismo do clube, forte componente da sua grandeza histórica, mas separando corajosamente a alta competição das outras modalidades. **GESTÃO FINANCEIRA:** analisar imediata e cuidadosamente as fontes geradoras de receitas proporcionadas por contratos de prestação de serviços, independentemente da sua natureza; analisar imediata e cuidadosa-

mente a proveniência das despesas estruturais e todo o passivo a curto prazo; informar atempadamente os sócios do clube, através de balancezes mensais.

Ferreira de Matos

O major Ferreira de Matos não perdeu tempo e replicou ao seu concorrente da lista B, reunindo-se com os jornalistas na «Varanda Azul» e fazendo-se acompanhar com diversos elementos que integram o seu elenco com desta-

que para José Segarra, José Luís Pereira, Marques Nunes e Joaquim Cabrita. A aposta deste candidato é feita por forma a dinamizar o futebol, reorganizando os diversos departamentos e reforçar o principal plantel com futebolistas de craveira internacional (um vestirá a camisola n.º 10 de uma das equipas finalistas do Mundial de Itália). No domínio do futebol juvenil, Ferreira de Matos e seus parceiros anunciaram ser sua intenção promover uma «radical transformação das estruturas existentes», dotando o sector das «necessárias estruturas», quer de apoio quer financeiras.

Quanto às restantes modalidades, Ferreira de Matos parece vocacionado para acarinhá-las fortemente o andebol e o basquetebol considerando-as de «alto rendimento», sobre o atletismo, ginástica, hóquei em patins e a natação como modalidades de «massificação» e o hóquei em campo, patinagem artística, xadrez, rãguebi e boxe como actividades de «recreio».

No domínio da gestão de pessoal e de instalações, Ferreira de Matos preconiza a necessidade de proceder a profundas alterações e os estatutos da colectividade também lhe merecem reparos pelo que, em caso de ser eleito, irá propor alterações significativas.

Programas similares, preocupações comuns e propósitos iguais. Restituir o clube aos sócios e dinamizar uma nobre colectividade que nasceu em 1919 num banco da Praça Afonso de Albuquerque. Ao que se consta a dívida em 1982 (Rosa Freire tomou posse no dia 30 de Julho desse ano) era de 101 mil contos e segundo fomos informados deverá situar-se presentemente acima dos 200 mil contos. Têm a palavra os 17 800 associados no dia 12 do corrente. Até lá, segue a campanha.

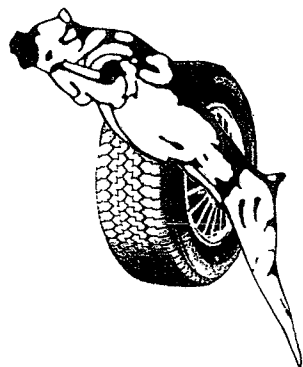
Alves Henriques

Veteranos: título para Jovalto

A equipa de veteranos do GD Jovalto venceu pela segunda vez consecutiva, o Campeonato Distrital, organizado pela Associação de Futebol de Lisboa. Somando 23 pontos no termo de prova, os bicampeões marcaram supremacia sobre os demais concorrentes, deixando o Povoense com 20 pontos seguindo-se o Oeiras (17), Corvense (16), Carcavelos (13), Alfama (11), Alhandra (9) e Encarnação (3). Para a história aqui fica a «moldura» e se regista os nomes dos «artistas» utilizados durante a bem disputada competição: Alberto Jorge, José Cruz, Álvaro Antunes, Joaquim Jorge, José Maria, Mar-



cial, Pirralho, Calobé, Joaquim Álvaro, José Gonçalves, Jorge Silva (treinador e capitão), Vasco, Moreira, Carlos, Palmeiras, Fernando, Jorge e Rogério.



**PNEU
REMODELADO**

IMPORTAÇÃO E COMÉRCIO DE PNEUS, LDA.

**Calce o seu carro
por apenas 7.000\$00**

Rua Cidade São Salvador, Letras A. L. S. F.
BAIRRO de ANGOLA - 2685 CAMARATE

ARMAZÉM - TELEF. 947 28 72

Seminário

«A NORMALIZAÇÃO CONTABILÍSTICA E AS DIRECTIVAS COMUNITÁRIAS»

-nos dias 7, 8 e 9 de Maio no Lisboa Penta Hotel

Organização

AIESEC — Universidade Nova Lisboa

Informações

Travessa Estevão Pinto — 1000 Lx

Inscrições

Tel: 7161025 ou 693624 — ext. 1021

Oradores:

Dr.ª Isabel Meireles (Gab. Direito Europeu, Ministério Justiça)
Dr. Abrantes Costa (Docente do ISCTE, formador CIFAG)
Dr. Ferreira dos Santos (SIFI, Soc. Inform. Finan. Intern., SA)
Dr.ª Maria Isabel Mota Capitão (D.G. Comunidades Europeias)
Dr. Alves da Silva (Com. Normalização Contabilística)
Dr. António Rodrigues (BCP)
Representante do Secretariado «Europa 1992»
Dr. Amaral Tomás*

Moderadores:

Dr. Saldanha Sanches (Docente da Univ. Clássica Lisboa)
Dr. António Catalão (KPMG Peat Marwick)

* a confirmar

Patrocínio: **KPMG Peat Marwick**

Apoios:

antena 1

UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA
Faculdade de Economia

CAPITAL

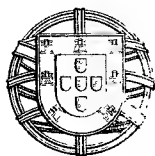
FICHA DE INSCRIÇÃO

Nome _____
Empresa _____
Morada _____
Junto envio cheque n.º _____ no valor de 65 000\$00
sobre o banco _____ a ordem da AIESEC-FEUNL
(inclui 2 coffee-breaks/por dia, almoço de encerramento e documentação)

AGENDA

I Série N.º 100
Dia 2 de Maio

DIÁRIO DA REPÚBLICA



SUMÁRIO

Ministérios da Defesa Nacional
e das Finanças

Portaria n.º 329/90:

Actualiza a tabela de ajudas de custo aos militares por deslocações em território nacional.

Ministérios das Finanças
e da Educação

Portaria n.º 330/90:

Reestrutura o quadro de pessoal das direcção escolares.

Ministério dos Negócios Estrangeiros

Decreto n.º 12/90:

Aprova, para ratificação, a Convenção sobre Segurança Social entre a República Portuguesa e o Principado de Andorra, bem como o Acordo Administrativo relativo às modalidades da respectiva aplicação.

Ministério da Agricultura,
Pescas e Alimentação

Portaria n.º 331/90:

Sujeita ao regime cinegético especial as propriedades denominadas «Herdade do Monte Branco», «Herdades da Carrasca (CC 1-1, CC 1-2 e C6)» e «Herdade dos Borrazeiros da Serra», situadas na freguesia de Sobral da Adiça, concelho de Moura.

Ministério da Indústria e Energia

Decreto-Lei n.º 141/90:

Estabelece o novo regime jurídico do acesso às actividades de prospecção e pesquisa, avaliação e exploração de petróleo.

Declaração:

De terem sido autorizadas transferências de verbas no orçamento do Ministério no montante de 170 773 contos.

Ministério das Obras Públicas,
Transportes e Comunicações

Portaria n.º 332/90:

Aprova o Regulamento das Aeronaves Ultraleves de Desporto e Recreio.

Região Autónoma dos Açores

Governo Regional

Decreto Regulamentar Regional n.º 16/90/A:

Cria as carreiras de pessoal técnico de contabilidade, integradas no quadro de pessoal da Secretaria Regional das Finanças e Planeamento.

PESSOAS & FACTOS

Descobrimientos: tema dos selos
«Europa» em 1994

A emissão dos «Selos Europa», que é escolhida por todos os países membros da CEPT - Conferência Europeia de Correios e Telecomunicações - terá em 1994 um tema comum: «Os Descobrimientos».

Tema, proposto pela Administração Postal Portuguesa, foi escolhido na passada semana, entre as 70 propostas apresentadas pelos países europeus, numa reunião cujo objectivo era decidir o tema comum para as próximas emissões filatélicas «Europa CEPT».

Esta decisão tomada com antecedência permitirá, aos correios de cada país, o estudo aprofundado do tema e a preparação para o longo processo de criatividade que envolve a escolha de pintores, designers, gráficos e impressores, técnicos de comunicação e de fabrico até se conseguir a peça final: o selo.

H O J E
CONTINENTE**Regiões do Norte:** - Céu geralmente pouco nublado. Vento em geral fraco do quadrante Leste. Pequena subida da temperatura. Nevoeiros matinais. Mar encrespado a de pequena vaga com ondulação Noroeste de 1 a 2 metros.**Regiões do Centro e Sul:** - Céu com períodos de muito nublado. Vento em geral fraco do quadrante Leste. Nevoeiros matinais. Possibilidade de aguaceiros durante a tarde nas regiões do interior. Pequena subida da temperatura. Mar encrespado a de pequena vaga com ondulação Noroeste de 1 a 2 metros na Costa Ocidental e de pequena vaga com ondulação Sueste de 1 metro na Costa Sul.**Amanhã:** Céu pouco nublado, por vezes muito nublado durante a tarde nas regiões do interior onde há possibilidade de aguaceiros. Vento fraco a moderado de Leste.

MADEIRA

Céu com períodos de muito nublado. Vento geralmente fraco do quadrante Leste. Mar encrespado a de pequena vaga com ondulação Noroeste de 2 metros na Costa Norte e encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

No Funchal: - Períodos de céu muito nublado e vento fraco.**Amanhã:** Céu com períodos de muito nublado. Vento geralmente fraco do quadrante Leste. Aguaceiros fracos a partir da noite.

AÇORES

Grupo Ocidental:

Céu com períodos de muito nublado. Vento moderado de Oeste. Aguaceiros. Mar de pequena vaga com ondulação Noroeste de 3 a 4 metros.

Grupo Central:

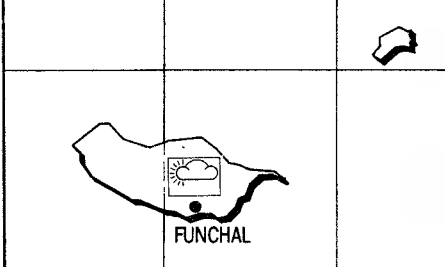
Céu geralmente muito nublado. Vento fraco a moderado de Noroeste. Aguaceiros.

Grupo Oriental:

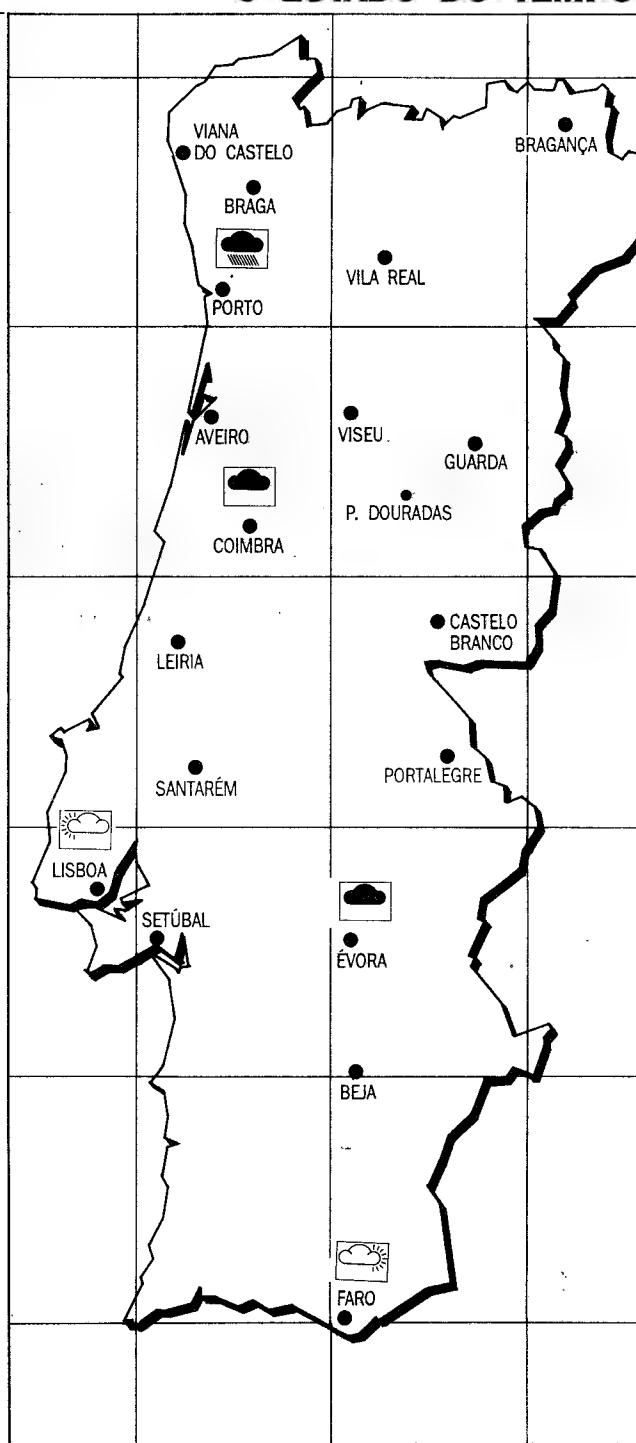
Céu geralmente muito nublado. Vento moderado de Sudoeste. Períodos de chuva. Mar de pequena vaga com ondulação Nordeste de 3 a 4 metros.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica

MADEIRA



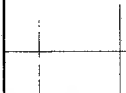
O ESTADO DO TEMPO



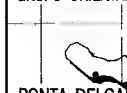
GRUPO OCIDENTAL



AÇORES GRUPO CENTRAL



GRUPO ORIENTAL



PORTUGAL

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Bragança.....	10	10	M. nub.
V. Castelo.....	11	11	Neblina
Vila Real.....	12	13	P. nub.
Porto.....	12	13	P. nub.
P. Douradas.....	-	-	-
Coimbra.....	14	15	M. nub.
C. Carveiro.....	14	14	P. nub.
C. Branco.....	11	12	M. nub.
Portalegre.....	10	10	P. nub.
Lisboa.....	13	13	P. nub.
Évora.....	11	11	P. nub.
Sines.....	-	-	-
Beja.....	-	-	-
Faro.....	15	15	P. nub.
Sagres.....	13	14	P. nub.
P. Delgada.....	15	16	Chuva
Horta.....	13	13	P. nub.
Funchal.....	14	15	M. nub.

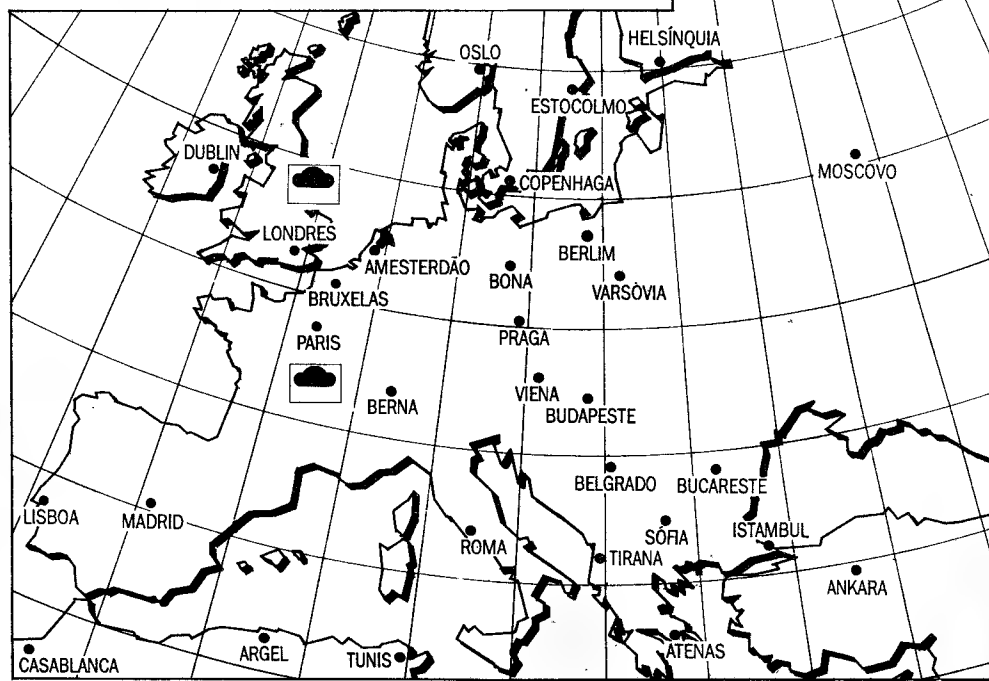
Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 23; Porto, 22; Faro, 22; P. Delgada, 19; Funchal, 21.

EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Madrid.....	7	8	M. nub.
Londres.....	9	9	Bruma
Paris.....	-	-	-
Bruxelas.....	12	14	Limpo
Amesterdão.....	10	14	Limpo
Genebra.....	8	10	Limpo
Roma.....	8	11	Neblina
Oslo.....	7	12	P. nub.
Copenhaga.....	8	13	P. nub.
Estocolmo.....	7	12	P. nub.
Berlim.....	12	14	P. nub.
Viena.....	10	14	P. nub.
Varsóvia.....	8	10	P. nub.
Atenas.....	11	18	P. nub.
Moscovo.....	2	4	P. nub.

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Chicago.....	6	13	Chuva
Houston.....	23	28	Trovoada
Los Angeles.....	12	23	Limpo
Montreal.....	4	10	Nublado
Nova Iorque.....	13	20	Neblina
S. Francisco.....	13	25	Limpo
Toronto.....	1	13	Limpo
Vancouver.....	8	17	P. nub.
Washington.....	13	19	P. nub.
Hong Kong.....	20	26	P. nub.
Melbourne.....	9	22	Neblina
Pequim.....	9	14	Aguaceiros
Perth.....	12	22	Limpo
Singapura.....	25	34	Trovoada
Sydney.....	12	23	Limpo
Tóquio.....	14	23	Limpo
Wellington.....	9	15	P. nub.



	Céu limpo
	Céu pouco nublado
	Céu muito nublado
	Chuva
	Trovoada
	Neve
	Vento
	Mar calmo
	Mar encrespado

M A R É S

Hoje	PREIA-MAR	BAIXA-MAR
10.21	2,9m	03.57 1,3m
22.47	3,1m	16.13 1,5m

Amanhã	11.36	2,9m	05.19	1,3m
	23.59	3,2m	17.32	1,4m

AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

SERVIÇO

PERMANENTE

Alcântara: Nogueira, Rua Alcântara, 5 A-B, Tel. 3637563; Alvalade - Av. Brasil: Marbel, Av. Roma, 131-A, Tel. 776235; Almirante Gago Coutinho: Estados Unidos, Av. Estados Unidos da América, 16-B, Tel. 885859; Anjos - Chile: Castro, Av. Almirante Reis, 76-A, Tel. 821973; Benfica - Bairro das Pedralvas: Gouveia, Rua Augusto Costa (Costinha), Lt. 4 - Lj. Dt.ª, Tel. 707500; Caminhos de Ferro: Vilalobos, Rua Cruz Santa Apolónia, 90-92, Tel. 8147019; Castelo: Bastos Andrade, Calçada Santo André, 107, Tel. 860450; Chelas - Zona 2: Almeida Vaz, Rua Pardo Monteiro, Lote 248 - Loja 92, Tel. 8595673; Conde Barão: Açoreana, Largo Conde Barão, 2, Tel. 661330; Lapa: Neves, Rua Bela Vista à Lapa, 37, Tel. 661251; Lumiar - Quinta das Mouras: Matos Viegas, Av. Rainha D. Amélia, 34-B, Tel. 7594174; Rego: G. Silva, Rua Francisco Tomás da Costa, 3 A-C, Tel. 771873; Saldanha: Carreira, Av. Duque de Ávila, 32-C, Tel. 543495; Brandão - Amadora: Correia, Urb. Alfornel - Cel. G - Lote 137 - Lj. B (Poente), Tel. 990122; Carnaxide: H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A, Tel. 4104556; Moscavide: Santa Bárbara, Rua Francisco M. Beato, 75-A, Tel. 2518918; Odivelas: Joleni, Rua Dr.

Alexandre Braga, 3-B, Tel. 9310812; Pontinha: Cruz Correia, Estrada Santo Elói, 41-A, Tel. 992453.

REFORÇO

Bairro Alto: Pinharanda, Rua da Rosa, 94-96, Tel. 321534; Boa Hora - Ajuda: Boa Hora, Rua Quartéis, 25-27, Tel. 3637777; Campo de Ourique: Porfírio, Rua Francisco Metrass, 59-B, Tel. 663349; Chile: Bastos, Rua Moraes Soares, 91-D, Tel. 8144350; Conde Redondo: Salus, Rua Luciano Cordeiro, 73, Tel. 542239; Encarnação: Ascenso, Praça do Norte, 11-A, Tel. 311216; Fr. Feira Popular - Av. República: Alcântara, Av. República, 74-A, Tel. 771379; Picheleira: Marluz, Calçada da Picheleira, 140 B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; Praça de Londres: Imperial, Av. Guerra Junqueiro, 30-B, Tel. 886860; São Domingos Benfica: Sousa, Estrada de Benfica, 429-431, Tel. 780027; São Sebastião - Frente à Igreja: São Sebastião, Largo São Sebastião da Pedreira, 1-3, Tel. 548642; Buraca - Amadora: Gaspar Pote, Rua das Gaíças, Lote 16 (Bairro Zambujal), Tel. 902221; Olival Basto: Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA DE CASCAIS

Algés: Branco, Av. Comb. G. Guerra, 29, Tel. 2104953. Permanente; Linda-a-Velha: Melo Almeida, R. D. Diogo Couto, Lote 182, Tel. 4191697. Permanente; Tires: Guimarães, L. Duartes, Lote A-r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; Alcabideche: Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; Porto Salvo: Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; Carcavelos: Central, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037. Permanente; S. Dom. Rana: Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; Malveira da Serra: Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; Paço de Arcos: Trindade Brás, R. Costa Pinto, 184, Tel. 2432034. Permanente; Nova Oeiras: Leal, Quinta da Palmeira, Lote 24, Tel. 2478737. Permanente; Parede: Aisir, Av. Gago Coutinho, B.º Caixas Previdência, Tel. 2472948. Permanente; Sassoeiros: Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; Birre: Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; Madorna: Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; Amoreira: Abrantes, Viv.ª Maria Carlos An-

jos, Tel. 2682313. Até às 22 h; Estoril: Marques Santos, R. Ferreira J.A., 15, Tel. 260116. Até às 22 h; Cascais: Marginal, Av. Marginal, Tel. 280078. Permanente.

LINHA DE SINTRA

Amadora: Flama, R. Elias Garcia, 78-B, Tel. 4932485. Permanente; Igreja, P. Igreja, 22-A, Tel. 4937740. Até às 22 h; Damaia: D. João V, Av. Gurgel Amaral, 2-A, Tel. 970461. Até às 22 h; Queluz: Pinto Leal, R. Ferreira de Castro, 61 - Massamá, Tel. 4378402. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; Cacém: Guerra Rico, Av. Bombeiros Voluntários, Tel. 9244002. Permanente; Algueirão: Vítor Manuel, Est. Algueirão, 123, Tel. 9217814. Até às 22 h; Mercês: Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; Rio de Mouro: Riomouro, Av. Óscar Monteiro Torres, 6, Tel. 9260194. Até às 22 h; Colares: Abreja, Tel. 9290088; S. Pedro de Sintra: Valentim, Tel. 9230456. Permanente; Loures: Saraiva, Av. República, 86, Tel. 9830027. Até às 22 h.

OUTRA BANDA

Almada: Magalhães, R. Fernando Lopes, 8-B, Tel. 2750271. Permanente; Cova da Piedade: Atlântico, Av. Rainha D. Leonor, 45-A, Tel. 2764466

HÁ 20 ANOS



“Invasão” do Cambodja por tropas dos EUA

Cerca de 30 mil soldados americanos, sul-vietnamitas e mercenários entraram no Cambodja e participam nos combates que se estão a travar naquele país contra forças norte-vietnamitas, «vietcongs» e khmers vermelhos. Esta «invasão» começou após uma ordem do presidente Nixon para se aniquilar o quartel general militar «vietcong» naquele país.

Alimentação: comércio e condicionamentos

A «introdução de um mínimo de condicionamentos ou exigências à entrada e ao exercício de actividade comercial relacionada com alguns produtos fundamentais de alimentação» - foi ontem anunciada pelo secretário de Estado do Comércio no decorrer da inauguração de um novo supermercado em Lisboa.

Comício de partidários dos Panteras Negras

Deu-se hoje de manhã, em New Haven, Connecticut, uma explosão no edifício da Universidade de Yale, pouco depois da Polícia ter actuado com gás lacrimogénio contra manifestantes partidários dos Panteras Negras. Os Panteras agiram dessa maneira como forma de protesto pela prisão e julgamento do seu chefe, Bobby Searle, acusado de rapto e assassinio.

EFEMÉRIDES

1983

• O padre sedevacantista espanhol Juan Fernandez Krohn é condenado, em Vila Nova de Ourém, a seis anos e meio de prisão por tentativa de homicídio ao Papa (em 12 de Maio de 1982, em Fátima) e a sete meses de prisão e 18 contos de multa por injúrias à magistratura portuguesa. Após o cumprimento dos sete anos e um mês de prisão Krohn será expulso do País

1984

• Uma fonte familiar de Joaquim Agostinho afirma que o ciclista, que se encontra em coma, «já morreu, mas falta desligar a máquina de respiração artificial»

1985

• O Presidente norte-americano, Ronald Reagan, declara o embargo comercial e bloqueio à Nicarágua

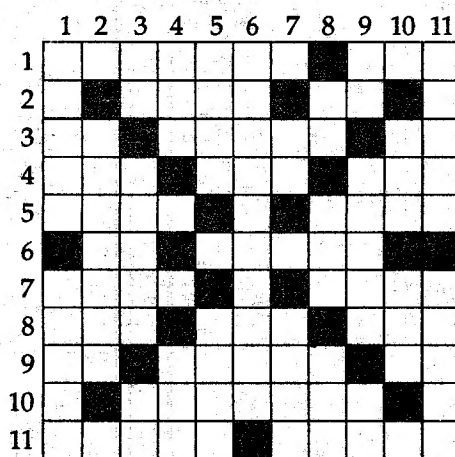
1986

• O governo português decide expulsar cinco funcionários da representação diplomática Líbia em Lisboa e definir uma área de movimentação dos restantes

1988

• Morre o actor italiano Pablo Stoppa, 81 anos, que participou em mais de 200 filmes

PALAVRAS CRUZADAS



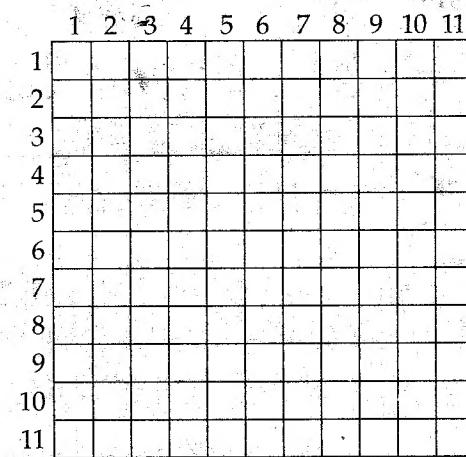
PROBLEMA N.º 17 909

HORIZONTAIS:

- 1 - Plutuando. Grande.
- 2 - Aguce. Vossa Alteza.
- 3 - Caminhar. Asas. Basta!
- 4 - Semelhança. Freguesia do concelho de Alenquer. Um cento.
- 5 - Pronome pessoal. Artigo definido. Grande apetite de comer.
- 6 - Arsénio (s.q.). Desmontar.
- 7 - Baú. Vigia.
- 8 - Recusa. Arara. Doçura.
- 9 - Preposição. Arruina. Seguia.
- 10 - Oscilar.
- 11 - Plantio de amieiros. Descarnado.

VERTICAIS:

- 1 - Escuridão. Deseja ardentemente.
- 2 - Fizeram girar.
- 3 - Concede. Mastigo sem engolir. Pronome pessoal.
- 4 - Azáfama. Arara.
- 5 - Menino (pop.). Nome de homem.
- 6 - Destemperaram.
- 7 - Autores. Prendam.
- 8 - Vossa Santidade. Executa.. estava.
- 9 - Gálio (s.q.). Tinjam. Prata (s.q.).
- 10 - Possui. Obrigação.
- 11 - Fio de latão. Aéreo.



PROBLEMA N.º 16 719

HORIZONTAIS:

- 1 - Irmandade.
- 2 - Sufixo que designa estado. Versejo.
- 3 - Aquele que narra. Prefixo de negação.
- 4 - Travar luta com.
- 5 - Preposição. Cantão da Suíça. Está obrigado a.
- 6 - Género de palmeiras do Brasil. Menciona.
- 7 - Fita. Davas aviso de alguma coisa em voz alta.
- 8 - Freguesia do concelho de Alenquer. Nome de fruto seco.
- 9 - Cidade do Japão. Lavar.
- 10 - Todo o corpo que existe no espaço (pl.). Deus dos pastores.
- 11 - Naipes das cartas de jogar. Figura que simboliza o povo americano.

VERTICAIS:

- 1 - Semente coberta de açúcar. Arsénio (s.q.).
- 2 - Agora. Em excesso (pl.).
- 3 - Batráquio. Pista.
- 4 - Dita. Apelido.
- 5 - Lodo. Serra de Portugal.
- 6 - Estrado volante de tábuas sobre que trabalham operários. Guarnição de asas.
- 7 - Ondas curtas. Dá aviso de alguma coisa em voz alta.
- 8 - Propagavam.
- 9 - Nesse lugar. Recuperar.
- 10 - Nota musical. Oculta.
- 11 - Revelaram.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 718

HORIZONTAIS: 1 - Bordeaux. SC. 2 - Olaia. Vaia. 3 - Rapa. Balcão. 4 - Ca. 5 - Empatarias. 6 - Bi. 7 - Ordenados. 8 - Sais. Ira. 9 - Votaremos. 10 - Ocasão. Arc. 11 - Nós. Lauro. VERTICAIS: 1 - Boré. Boston. 2 - Olá. Eira. Co. Rapam. Divas. 4 - Dia. Presos. 5 - Ea. Ca. Til. 6 - Batia. AAA. 7 - Uva. Durou. 8 - Xal. Rio. 9 - Içai. Simão. 10 - Saa. Au. Ror. 11 - Croas. Masca.

PROVÉRBIO: TUDO NO MUNDO TEM FIM.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

CINEMAS

LISBOA

ALFA 1

Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
TANGO E CASH
Filme de Andrei Konchalovsky
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2

MISS DAISY
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3

ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4

A ÚLTIMA SAÍDA PARA BROOKLYN
M/18 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 5

UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE

Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
HENRIQUE V
Filme de Kenneth Branagh
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1

Shopping Center de Lisboa - T. 691275
TANGO E CASH
M/16 anos - Às 13.30, 15.30,
17.30, 19.30, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 2

MISS DAISY
M/12 anos - Às 13.45, 15.45,
17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 3

UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 13.45, 15.30,
17.30, 19.30, 21.30 e 00.15

AMOREIRAS 4

HENRIQUE V
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 5

CRIMES E ESCAPADELAS
Filme de Woody Allen
M/12 anos - Às 13.30, 15.30,
17.30, 19.30, 21.30 e 00.15

AMOREIRAS 6

ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 7

A ÚLTIMA SAÍDA PARA BROOKLYN
M/18 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8

OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER

M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9

NASCIDO A 4 DE JULHO
M/16 anos - Às 13.30, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.30

AMOREIRAS 10

CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

APOLO 70

Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

BERNA

Av. Marquês de Tomar, 10 - T. 776098
CRANÇA ADORÁVEL
Filme de Anthony Simmons
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.30

CAPITÓLIO

Parque Mayer
SELF-SERVICE DO SEXO
Hard-core - 1.ª escalão (porno)
M/18 anos - Às 15.00, 17.00,
19.00, 21.00 e 23.00

CINE CAMÕES

R. do Loreto, 15 - T. 324194
O INFERNO DOS HERÓIS
Filme de May Steel
M/12 anos - Às 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222

Av. Praia da Vitória, 37 - T. 533253
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30
A GRANDE GOLPADA
M/18 anos - Às 24.00

CINE PORTELA
ESTÚDIO ANUSHA

T. 9434762
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

ESTÚDIO SHEZA

100.000 - VOLTS DE TERROR
M/16 anos - Às 15.15 e 21.15

CINEBOLSO

R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
SEXO À FRANCESA
Hard-core - 1.ª escalão (porno)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30,
16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA
PORTUGUESA

R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085
LITTLE MAN WHAT NO?
De Frank Borzage, às 18.30
A TEMPESTADE MORTAL
De Frank Borzage, às 21.30

CITY CINE

R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
A GUERRA DAS ROSAS
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

CONDES

Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
CRIMES E ESCAPADELAS
Filme de Woody Allen

CARTAZ



O MEU PÉ ESQUERDO

Em exibição Quarteto Sala 1

Qualidade

PUB

Maiores 12 anos

M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

ESTÚDIO

Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 3525133
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS

Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
CAMPO DE SONHOS
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

FONTE NOVA 1

Est. de Benfca 503 - T. 7145088
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

FONTE NOVA 2

BLAZE - UM AMOR PROIBIDO
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3

TANGO E CASH
M/16 anos - Às 14.45, 16.30,
18.45 e 21.15

FORUM PICOAS

Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037

AUDITÓRIO 1

O FILÓSOFO
Filme de Rudolf Thome
M/16 anos - Às 14.00, 16.00,
18.00, 20.00 e 22.00

AUDITÓRIO 2

**O COZINHEIRO, O LADRÃO, SUA
MULHER E O AMANTE DELA**
Filme de Peter Greenaway

M/18 anos - Às 14.00, 16.30,
19.15 e 22.00

IMPÉRIO

Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
TANGO E CASH
M/16 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI

R. Sousa Lopes - T. 8480808
LAMBADA - A DANÇA PROIBIDA
M/16 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING TRIPLEX 1

R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
CAMPO DE SONHOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

KING TRIPLEX 2

BLAZE - UM AMOR PROIBIDO
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

KING TRIPLEX 3

TANGO E CASH
M/16 anos - Às 14.30, 17.00,
19.30 e 21.45

LAS VEGAS 1

Pingo Doce - Alcântara - T. 3631162
BLAZE - UM AMOR PROIBIDO
M/12 anos - Às 15.15, 18.30 e 21.30

LAS VEGAS 2

TANGO E CASH
M/16 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES

Av. de Roma, 7-A - T. 801313
CRIMES E ESCAPADELAS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

MUNDIAL 1

R. Martens Ferrão - T. 538743
TANGO E CASH
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

MUNDIAL 2

ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

MUNDIAL 3

UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

NIMAS

Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362
LUA-DE-MEL ATRIBULADA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

ODEON

R. dos Condes, 4 - T. 326283
CAÇADOR DE CONDENADOS
M/16 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

OLIMPIA

Rua dos Condes, 13 - T. 325309
FANTASIAS NA CAMA
Filme porno
M/18 anos
Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA 1

Centro Com. Alvalade
CINEMA PARAÍSO

M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
18.45 e 21.30 e 23.45

PLAZA 2

DEMÔNIO DE SAÍAS
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA

R. Portas de St.º Antão - T. 326305
TANGO E CASH
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

QUARTETO 1

R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
O MEU PÉ ESQUERDO
Filme de Jim Sheridan
M/12 anos - Às 14.15, 16.15,
18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 2

CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 14.30, 17.00,
19.30, 21.45 e 24.00

QUARTETO 3

CRIMES E ESCAPADELAS
Filme de Woody Allen
M/12 anos - Às 14.30, 17.00,
19.30, 21.45 e 24.00

QUARTETO 4

**O COZINHEIRO, O LADRÃO,
A SUA MULHER E O AMANTE DELA**
M/18 anos - Às 14.15, 16.30,
19.00, 21.45 e 24.00

SÃO JORGE 1

Av. da Liberdade, 175 - T. 579144
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.15

SÃO JORGE 2

HENRIQUE V
M/12 anos - Às 13.30, 16.15,
19.00 e 21.45

SÃO JORGE 3

MISS DAISY
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.15 e 21.30

7.ª ARTE

Av. da República - T. 730715
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - Às 14.45, 17.00,
19.00 e 21.45

STAR

Av. Guerra Junqueiro, 14-C - T. 804210
CRANÇA ADORÁVEL
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

TERMINAL

Estação do Rossio - T. 371573
TANGO E CASH
M/16 anos - Às 13.00, 15.00,
17.00, 19.00 e 21.30

TURIM

Est. de Benfca, 723 - A - T. 706666
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

XENON

Av. da Liberdade, 9 - T. 3468446
BLAZE - UM AMOR PROIBIDO
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
19.00 e 21.30

ALMADA

ACADEMIA
ALMADENSE

Telef. 2752127
TANGO E CASH
M/16 anos - Às 15.30 e 21.30

COSTA
DE CAPARICA
CAPARICA OCEANO

Av. Gen. Humberto Delgado
T. 2905011
Sala 1
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 15.45 e 21.30

Sala 2
DEMÔNIO DE SAÍAS
M/12 anos - Às 16.15 e 21.45

O PESCADOR

Telef. 2905350
SEM PRESSÃO DE VIVER
M/6 anos - Às 15.30 e 21.45

CASCAIS

CARCAVELOS
ATLÂNTIDA CINE

Telef. 2465653
GUERRA DAS ROSAS
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

CASCAIS
MIRAMAR

Telef. 2841744

Sala 1
CRIMES E ESCAPADELAS
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

Sala 2
QUE FIZ EU PARA MERECER ISTO
M/16 anos - Às 15.15 e 21.30

OXFORD

Av. 25 de Abril - T. 2885027
TANGO E CASH
M/16 anos - Às 16.00 e 21.30

NOVA OEIRAS
CINE PALMEIRAS

Telef. 2479144

Sala 1
CORAÇÕES DE AÇO
M/12 anos - Às 15.15 e 21.30

Sala 2
TANGO E CASH
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

OEIRAS

ALTO DA BARRA

Av. das Descobertas - T. 4439759

Sala 1
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - Às 15.15 e 21.45

Sala 2
A ÚLTIMA SAÍDA PARA BROOKLYN
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

SINTRA

AMADORA
BABILÓNIA

Centro Comercial Babilónia - T. 4934871
TANGO E CASH
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

CACÉM

ESTÚDIO FLORES

Telef. 9247570

CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 15.00 e 21.30

QUELUZ

KING D. PEDRO III

Telef. 4364845

Sala 1
TANGO E CASH
M/16 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.15

Sala 2
GUERRA DAS ROSAS
M/12 anos - Às 15.15, 18.15 e 21.30

Sala 3
AMIGOS E DETECTIVES
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.45

TRIBUNAL DA RELAÇÃO
DE LISBOA

ANÚNCIO

Por este Tribunal e primeira secção de processos, nos autos de revisão de sentença estrangeira n.º 568, decisão proferida pelo Tribunal da Comarca de Rio de Janeiro — Brasil, em que é Requerente: Manuel Pereira da Costa e requerida Albertina da Silva Pereira da Costa, esta residente em parte incerta, cuja última residência conhecida em Portugal foi na Av. Marquês de Tomar n.º 18 — 2.º Esq.º — Lisboa, correm éditos de 30 (TRINTA) DIAS, contados da 2.ª e última publicação do respectivo anúncio, CITANDO, a requerida para no prazo de DEZ DIAS, findo que seja o dos éditos, deduzir, querendo, oposição ao pedido de revisão de sentença estrangeira, que decretou o divórcio, entre ambos, a fim de que a mesma produza todos os efeitos legais em Portugal.

Lisboa, 06 de Abril de 1990.
O Juiz Desembargador,
Ianquel Milhano

O Escrivão de Direito,
Pedro Franco da Silva

DL — 1.ª Pub. 2/5/90

TRIBUNAL JUDICIAL
DE LISBOA
12.º JUÍZO CÍVEL
ANÚNCIO

Por este Tribunal correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da data da 2.ª e última publicação do anúncio citando os réus no prazo de VINTE dias, findo o prazo dos éditos, contestarem a acção que lhe move o digno Magistrado do M.º P.º junto deste

SNOOPY POR SCHULZ



CARTAZ / TELEVISÃO

HOJE RTP-1

- 17.25 - A HORA DO LECAS
- 18.30 - RUA SÉSAMO
128º programa
- 19.00 - JOGO DE CARTAS
- 19.20 - BOLETIM METEOROLÓGICO PARA A AGRICULTURA
- 19.30 - TELEJORNAL
- 20.00 - BOLSA
- 20.05 - O TEMPO
- 20.10 - BOLETIM AGRÁRIO
- 20.15 - VALE TUDO
103º episódio
- 21.10 - VAMOS JOGAR NO TOTOBOLA
- 22.30 - LOTAÇÃO ESGOTADA
«Desesperadamente Procurando Susana», realizado por Susan Seidelman, com Madonna, Rosanna Arquette e Aidan Quinn, tornou-se um filme de sucesso sobretudo por ter sido o primeiro a contar



Madonna em «Desesperadamente Procurando Susana»: 1º Canal às 22.30, no programa «Lotação Esgotada»



No 2º Canal às 16.45, o 3º episódio da série «O Liceu Degrassi»

no elenco com esse «fenómeno» musical dos anos 80 que é Madonna. Mas a verdade é que Madonna não só é o centro deste filme, como ele vale por outras razões, a primeira das quais é a excelente realização de Susan Seidelman, uma das raras cineastas americanas de primeiro plano. Sátira sobre uma mulher casada, farta e cansada da rotina doméstica que subitamente se vê, devido a uma série de coincidências, envolvida numa história de crime e suspense que se desenrola no submundo de Nova Iorque, «Desesperadamente Procurando Susana» é acima de tudo um filme que joga com a memória do cinema recuperada para uma atmosfera moderna.

Duração: 103 minutos
23.40 - 24 HORAS
00.10 - UM DIA...

00.15 - REMATE
00.30 - CARTAS DE HUMOR
Com a actriz Maria Adelina

RTP-2

- 16.45 - O LICEU DEGRASSI
3º episódio
- 17.10 - UM MISTÉRIO MISTERIOSO
- 17.40 - A ROTA MARÍTIMA DA SEDA
- 18.30 - TELEMERCADO
- 18.45 - VIA RÁPIDA
- 18.55 - ESPECIAL DESPORTO
Futebol: Taça UEFA (Juventus-Fiorentina): joga-se hoje em Turim a primeira mão da final da Taça UEFA, que opõe duas equipas italianas. Para os portugueses, esta final tem como atractivo suplementar a presença do jogador Rui Barros, ao serviço da Juventus
- 21.00 - JORNAL DAS NOVE
- 21.30 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
- 22.05 - O RISO DE CAIM

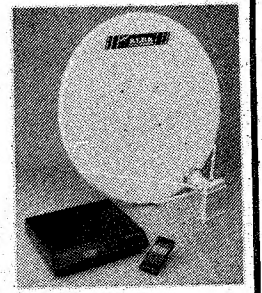
- 3º episódio
- 22.55 - SÉCULO XX
«Os Alemães na 2ª Guerra Mundial», 1º episódio
- 23.45 - STANLEY JORDAN
«THE BLUE NOTE CONCERT»

ALBA

ANTENAS PARABÓLICAS
ACESSÍVEIS A TODOS

INFORME-SE NA
AUDIMAX

TEL. 410 62 75
ALGÉS



AMANHÃ RTP-1

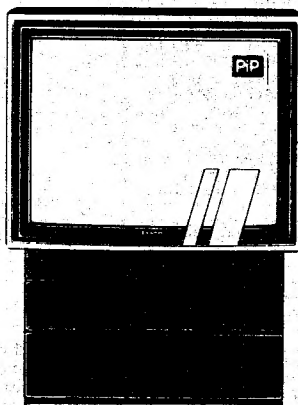
- 09.01 - BOM DIA
- 10.00 - ÀS DEZ
- 12.05 - FERA RADICAL
- 13.00 - JORNAL DA TARDE
- 13.27 - BOLSA
- 13.30 - UM ANJO NA TERRA
- 14.15 - O MUNDO ANIMAL
- 14.45 - PONTO POR PONTO
- 15.50 - MATINÉE:
A CANÇÃO DE LISBOA
- 17.30 - A HORA DO LECAS
- 18.30 - RUA SÉSAMO
- 19.00 - JOGO DE CARTAS
- 19.30 - TELEJORNAL
- 20.00 - BOLSA
- 20.05 - O TEMPO
- 20.10 - BOLETIM AGRÁRIO
- 20.15 - VALE TUDO
- 21.15 - NOME DE CÓDIGO KYRIL
- 22.10 - CONVERSAS VADIAS
- 22.40 - MURPHY BROWN
- 23.10 - 24 HORAS
- 23.40 - UM DIA
- 23.45 - REMATE
- 23.55 - CARTAS DE HUMOR
Com o actor Fernando Luís

RTP-2

- 14.02 - PRIMEIRO JORNAL
- 14.15 - ESPAÇO INFANTIL
- 14.45 - FILHOS E FILHAS
- 15.10 - AGORA ESCOLHA!
- 16.40 - OS CENTURIÕES
- 17.05 - NOVO ELUCIDÁRIO
MADEIRENSE
- 17.35 - OS DESAFIOS DA LEI
- 18.25 - TELEMERCADO
- 18.40 - O MEU PÉ
DE LARANJA LIMA
- 19.15 - ESPAÇO INFANTIL
- 19.50 - CLÁSSICOS DA TV
- 20.40 - VIA RÁPIDA
- 21.00 - JORNAL DAS NOVE
- 21.30 - EMOÇÕES
- 21.55 - HORA DA VERDADE
- 22.55 - 5ª DIMENSÃO
- 23.20 - UNIVERSIDADE ABERTA

BLAUPUNKT

Seleccionou para si...



BLAUPUNKT
Grupo BOSCH

Um pequeno ponto faz a diferença



CLÍNICA DENTÁRIA
20 DE JUNHO

ADULTOS E CRIANÇAS

MANTER OS DENTES SADIOS É IMPORTANTE
PARA A SAÚDE FÍSICA E PSÍQUICA

• Método eficaz (baseado na Trilogia Analítica) para lidar com o medo.

HORÁRIO: DE SEGUNDA A SEXTA-FEIRA - DAS 8.00 ÀS 20.00 H
SÁBADOS E FERIADOS DAS 8.00 ÀS 18.00 H
Rua Quirino da Fonseca, 14-B - 1000 LISBOA (À ALAMEDA)
TELEFOS: 53 25 89/52 23 97/352 41 73

A PERGUNTA
DO DIAJorge Lácio
deputado do PS

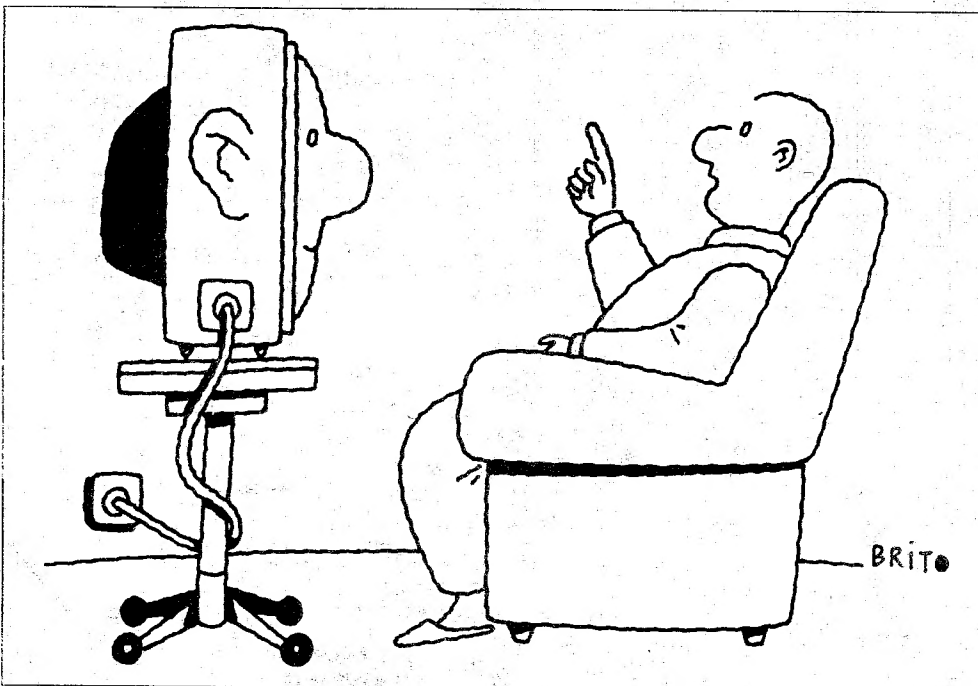
Quais os grandes objectivos do programa «Conhecer o País Real», que o PS está a organizar?

«Organizámos um conjunto de 17 núcleos de dinamização regional que se destinam a conferir ao PS capacidade de acompanhamento e resposta no domínio da problemática do desenvolvimento regional, a qual, como temos dito, continua sem conhecer uma estratégia autêntica por parte do Governo do PSD. Vamos tomar algumas iniciativas a curto prazo, entre as quais destaco a convocação da Associação Nacional de Municípios Portugueses para um encontro destinado a discutir o alargamento de atribuições e competências das autarquias, bem como as possibilidades de reforço do sistema de financiamento. Ao abrigo do Estatuto da Oposição, vamos promover encontros com as comissões de coordenação regional, visando fazer o balanço dos graus de execução dos programas de desenvolvimento regional. Propusemos ainda a realização de uma conferência nacional destinada a apreciar as grandes opções a fazer e que marcarão, no próximo século, o futuro de Portugal no domínio das grandes estruturas de comunicações e transportes.»

MEDIA

Portugal vai ter, a partir deste mês, o sistema electrónico de medição de audiências. No primeiro ano, só serão «controlados» os lares de Lisboa, mas em 1993 os people meters deverão estar espalhados por todo o País

O Big Brother das audiências



Saber exactamente quantas pessoas de uma determinada idade e sexo, estão, à hora X, a ver o programa Y, vai ser agora possível em Portugal, com a instalação, este mês, da medição das audiências de televisão através do processo electrónico conhecido por *people meter*. Trata-se de um verdadeiro *Big Brother* dos telespectadores que, com a aproximação dos canais privados, irá fornecer os instrumentos para a guerra das audiências.

O sistema electrónico de medição, já largamente utilizado em muitos países da Europa e nos Estados Unidos, consiste na instalação, em cada um dos lares seleccionados, de um microcomputador de controlo, ligado ao telefone e que analisa e arquiva se a televisão está ligada ou desligada, qual o canal sintonizado, a actividade do videogravador e o número de pessoas que assistem ao programa.

O aparelho vem acompanhado de um telecomando no qual cada membro da família com idade superior a 4 anos inscreve o seu número cada vez que liga o televisor, desactivando-o quando o desliga.

Diariamente, entre a 1 e as 5 horas da manhã, o computador central procede à recolha dos dados acumulados, através do telefone, possibilitando, desta forma, informações extremamente precisas.

Este processo permite ter, todas as manhãs, informação

actualizada sobre as audiências televisivas do dia anterior. No entanto, numa primeira fase, apenas a RTP terá acesso a esta informação diariamente, cerca das 10 horas da manhã. Os restantes clientes receberão os dados semanalmente. Finalmente, será também fornecido um relatório mensal, com as audiências medidas de quarto em quarto de hora para cada dia e para cada canal. Toda a informação será mantida durante, pelo menos, 30 dias.

A medição electrónica de audiência permite ainda o fornecimento de serviços especiais, como por exemplo a audiência de um programa particular, a fidelidade ao programa e os anúncios emitidos por *target* de audiência, entre outros. O *people meter* possibilita ainda a comunicação interactiva, ou seja, nos dois sentidos, tornando possível recolher outro tipo de informações sobre o lar onde está instalado. Todavia, este serviço não será, por agora, explorado em Portugal.

Durante o primeiro ano de funcionamento deste sistema, prevê-se a instalação, na zona da Grande Lisboa, de 150 *meters*, o que representa uma amostra estimada em 450 indivíduos. No segundo ano, o número de aparelhos deverá aumentar para 200, ao mesmo tempo que se iniciará a sua instalação na região do Grande Porto. As outras zonas urbanas do País só terão acesso a este método de me-

dição de audiências durante o seu terceiro ano de funcionamento, enquanto nas regiões rurais com mais de 5 mil habitantes, os *meters* só começarão a ser instalados em 1993.

A escolha da capital para pioneira desta experiência deve-se, segundo a Marketest, empresa responsável pelo projecto, a uma série de factores. O primeiro tem a ver com os custos. Para ter acesso aos dados recolhidos, cada agência deverá pagar 0,5 por cento do investimento publicitário em televisão, o que não seria suficiente para custear a sua instalação a nível nacional. Por outro lado, a escolha tem a ver com a concentração do consumo em determinadas áreas, que são as que mais interessam aos anunciantes. Finalmente, existem razões de ordem técnica, que se traduzem na reduzida taxa de instalação de telefones nas zonas rurais.

De acordo com um estudo prévio, realizado junto de 1700 famílias da Grande Lisboa, e destinado a seleccionar os lares nos quais serão instalados os *meters*, 95 por cento das famílias da capital possuem pelo menos um televisor, 30 por cento, dois, 5 por cento três e 1 por cento, quatro. Em 77 por cento dos casos um dos aparelhos é a cores e 29 por cento têm telecomando.

No que se refere aos videogravadores, 43 por cento dos lisboetas possui pelo menos um e 82 por cento grava programas da televisão.

Dina Soares

meteorologia

Balancete da balança

Os finos observadores da civilização dos objectos deram-se certamente conta de como das ruas de Lisboa está a desaparecer progressivamente a instituição das balanças. Ninguém mais se pesa em público? O acto de detectar a nossa «valia» instável deslocou-se para o íntimo das nossas casas de banho ou, eventualmente, para as boticas?

Pesar-se já não será um acto aberto, popular, simpático, de riso e angústia fingida, de confrontação, não apenas com o nosso peso variável, mas também com a rede de balanças subjectivas e até doidas? Assim, tínhamos sempre a possibilidade de não acreditar muito ou de radicalmente negar os veredictos desagradáveis desses instrumentos de medição duvidosa. Não, a balança da rua não era propriamente a balança de Lavoisier. Era aproximativa, impressionista, facciosa, pessoal. Mas acabou-se, ou quase, esse delicioso e entusiasmante pouco rigor; e se ainda, raramente, encontramos uma tal balança esquecida, exposta à chuva e ao sol, ou nos corredores do metropolitano, sem ser desventrada por um Jack o Estripador das balanças, sem ser aquela balança patusca importada de Espanha, com os escritos em castelhano de muitos *ustedes*, mas que não funciona nem com escudos nem com pesetas, digo, aproveitemos. Aprovei-

temo-nos e pesemo-nos: de frente, de perfil, com a malinha na mão, com os semanários do fim-de-semana à cabeça, a dois, com os filhos, pelo menos com um nascido sob o signo da Balança, signo do Ar, mas que aqui pesa.

Sou, portanto, peso.

Jorge Listopad



A balança que não funciona

Quinta-feira no

Diário
de LisboaO mundo
da publicidade
em Grande
AngularTelheiras:
uma urbanização
traídaA crónica
de Francesco
Alberoni

BENFICA

EM VIENA
VÁRIAS PARTIDAS
AVIÃO
AUTOPULLMAN
CONSULTE-NOSAVIC
Holiday
TourAV. 5 DE OUTUBRO, 53-C 1100 LISBOA
(Metro Saldanha)
54 77 69 / 57 29 70 / 52 11 16

A.M.A.

Auto Monumental do Arco

CONCESSIONÁRIOS



AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telef. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75